João de Freitas

EXU NA UMBANDA

L.L LÉO.S

EDITÔRA
ESPIRITUALISTA

Este é um livro cujo tema transcendente interessa a todos os umbandistas. Acrescida a circunstância de ter sido escrito por um dos mais autorizados estudiosos da fenomenologia extraterrena.

Versando o assunto num estilo próprio, já conhecido da maioria dos leitores, o autor expõe os seus próprios "conceitos em torno dos Elementais, desses agentes astrais, ou dessas poeiras ástricas que animam seres imaginários". Procura mostrar, da maneira que lhe é peculiar, "a influência dos fluídos da natureza captados pela atração mediúnica.

Um complemento substancioso — um extenso Vocabulário dividido em duas partes, afro e neengatu — completa a obra.

EXU NA UMBANDA

Obras publicadas:

LAMA!	esgotada
UMBANDA	8.ª edição
OXUM MARÊ	2.ª edição
XANGÔ DJACUTÁ . . .	3.ª edição
OGUM MEGÊ	1.ª edição
EXU NA UMBANDA . . .	2.ª edição

Em preparo:

CURIMBAS DA UMBANDA

JOÃO DE FREITAS

Exu na Umbanda

2ª EDIÇÃO

EDITORA ESPIRITUALISTA LTDA.
20.241 — Rua Frei Caneca, 19/ZC-14
Caixa Postal, 7.041/ZC-58
Rio de Janeiro. RJ

A todos os umbandistas cujo modo de pensar esteja em sintonia conosco.

João de Freitas

APRESENTAÇÃO

O clássico aforismo tal pai tal filho, na Umbanda, como em todos os setores da vida, significa que o filho adquire, com raras exceções, as mesmas virtudes e os mesmos vícios paternos. Se o mestre transmite ao aluno uma mensagem errônea ou prega uma falsa interpretação doutrinária, este custa a se libertar dos falsos conceitos emitidos por aquele que, na hora do insucesso, tenta justificar-se citando as fontes onde haurira os conhecimentos. Daí a transmissão, através da tradição oral e das obras dos incipientes, calcadas em ousadas asserções, de muita coisa ridícula que o raciocínio repele e o bom senso condena.

A insubordinação intelectual, fruto de acurados estudos à base da razão esclarecida, nos deu um Galileu que enfrentou a cólera dos pseudo-sábios da época. Isto para não irmos alés com ilustrações históricas de famosos alunos que suplantaram mestres, tais como Platão a Sócrates e, recentemente, Charles Gustav Jung a Segismundo Freud.

A libertação é um fenômeno demorado e lento. A ânsia de se libertar é uma característica da espécie humana, mas os vínculos de ordem moral, ou sentimental, bem como os caracteres da raça transmitidos por via das gerações impedem o aceleramento dessa conquista. No terreno intelectual, porém, em que o pensamento goza de relativa independência, o raciocínio derruba todos os tabus e o milagre da libertação se

opera de modo luminoso para o encontro do que se tem em mira. Raciocinar, pois, em termos de filosofia, isto é, alicerçados na lógica, é o caminho certo para os estudiosos da fenomenologia extraterrena. Não é com os olhos vendados, e muito menos dizendo amém aos clássicos, visto que estes também erram, que nós, pobres mortais, tenhamos a veleidade de, sem o devido preparo mental, alcançar a glória da absorção no seio da divindade.

Em EXU NA UMBANDA, talvez a nossa ultíma contribuição literária, estão expostos os nossos conceitos em torno dos Elementais, desses Agentes Astrais, ou dessas poeiras ástricas que animam seres imaginários. Procuramos mostrar, dentro de um estilo próprio, já conhecido dos nossos leitores, a influência dos fluidos da Natureza captados pela atração mediúnica.

Segundo a lei das afinidades, uma das bases dos cultos umbandistas, as mensagens dos eguns correspondem ao estado de alma do aparelho receptor. Cada médium, portanto, quando em transe, reflete as variadas nuanças do seu próprio eu. E ninguém ignora que todo ser humano, capaz das melhores ações, é uma fera em potencial.

Atribuir, pois, a esses Agentes Astrais poderes que Deus não lhes confiou, bem como personificá-los como forças malignas, conceito este que se generalizou dentro e fora da comunidade umbandista, é um erro com halo de capciosidade. Foi por isto que resolvemos abordar o assunto e aqui estamos, de pé, prontos para o suplício se houver malogro.

O AUTOR

PREÂMBULO

Não há silêncio total. Em todos os reinos da Natureza há vibrações permanentes. Os próprios corpos inorgânicos vibram sob a ação dessa camada gasosa que envolve a Terra, desse vapor que exerce sobre todos os corpos e que varia de pressão segundo a sua intensidade.

No reino Vegetal o fenômeno é visível porque essa essência que lhe dá vida, esse fluido vivificador, registra através do viço ou do definhamento da planta. Desde a minúscula gramínea ao mais gigantesco dos ciprestes, pela excessiva pressão do vapor gasoso, ou por sua demorada falta, todos tombam aniquilados, agonizam e morrem tal como ocorre no reino Animal.

As nossas vibrações são reflexos de todas as vibrações que nos rodeiam. Vibramos de amor diante de uma flor viçosa como vibramos de tristeza ao ver tombar uma avezinha vítima de uma pedrada. O sorriso de uma criança que nos afaga com carinho é uma vibração tão intensa que as nossas lágrimas de dor se transformam em pérolas.

Quando vibram as cordas dos instrumentos musicais e nos transmitem mensagens tristes, as nossas almas vibram também de tristeza, e, quando a melodia

é alegre vibramos com intensa alegria. É o casamento das vibrações, que se verifica em face da lei das afinidades.

Tudo vibra em derredor de nós, tal como vibramos diante de tudo. Há vibrações que nos acalmam, como há as que nos excitam. Nem sempre as vibrações suaves amenizam as nossas excitações, bem como as vibrações excitantes nos estimulam. Muitas vezes produzem efeitos contrários em virtude do nosso estado de alma. É que a mudança brusca de vibratória nem sempre encontra resistência adequada nos aparelhos receptores. Urge graduar as ondas emitidas de modo a assegurar a melhor receptividade, evitando com isto o desgaste produzido pelos choques freqüentes.

Tudo que vibra produz som e esses sons que manam de todos os corpos se confundem com as moléculas extremamente pequenas, oriundas dos reinos Animal e Vegetal, de todos os fluidos da Natureza que, por seu turno, se transformam em poeiras ástricas. E é com esses elementos, associados ao ectoplasma dos médiuns, que o Grande Laboratório extraterreno conta para produzir o citoplasma, e, conseqüentemente, a materialização.

Portanto, quando o médium está em sintonia com determinada vibratória, captando os fluidos por força de seu poder de atração, a mudança inesperada de vibração pode ocasionar choques de imprevisíveis conseqüências.

A atração, pois, desses fluidos sutis, denominados Elementais, por via de instrumentos de percussão e cânticos alusivos, formando uma vibratória intensíssi-

ma de evocação, produz no médium a fixação da imagem por ele imaginada. Não são almas porque não animaram nenhum ser vivente, nem espíritos, porque não são anjos nem Deus. São Elementais porque são fluidos da Natureza.

Atuando de modo incisivo nas faculdades sensoriais dos médiuns, estes, cuja participação nas comunicações é notória, tomam as mais variadas e extravagantes formas como, muitas vezes em linguagem imprópria, ameaçam os que deles duvidam. Com os membros contorcidos, uivando e babando como feras acuadas, aos poucos se abrandam, ou melhor, vão se identificando com os médiuns para, no fim de certo tempo, serem confundidos, pelos neófitos, com os eguns. Apenas o olhar um tanto fulvo, bem como os dedos ligeiramente crispados, denunciam a sua personificação. Esses Elementais, denominados Exus nas engiras da Umbanda, via de regra turbulentos na aparência, são submissos aos dirigentes terrenos como obedecem, sem restrições, aos eguns esclarecidos, responsáveis pelas engiras.

Não sendo elementos estáticos, obviamente evoluem dentro da sua espécie. As características iniciais que imprimem nos médiuns e que a medicina chama de zooantropia, ou ictiantropia conforme o caso, aos poucos desaparecem melhorando-lhes o aspecto físico, os gestos, o linguajar e as atitudes. Adquirem nomes com os quais se identificam nas engiras, aprimoram-se nos conceitos emitidos junto aos consulentes, renunciam aos exóticos presentes como se rebelam quando lhes atribuem afinidade com a vibratória do Mal. Vários testes já foram feitos para confirmar a nossa asserção. O Exu

evoluído vê com repugnância essas estatuetas representativas de Satanás, bem como da Pomo-engira como sua mulher. Consideram a personificação feminina como um fenômeno reflexivo oriundo da imaginação criadora da espécie humana. Como Agentes Astrais, posto que não animaram jamais qualquer ser vivente na face da Terra, não são antropomórficos. E essas aberrações são repelidas de modo incisivo pelos Exus evoluídos, nas engiras dos Elementais quando bem dirigidas.

A personificação dos gênios das águas, do fogo, das matas e de todas as forças da Natureza, fruto da ilimitada imaginação criadora da espécie humana, variando de beleza segundo a miraculosa palheta do artista plástico e a exuberância da pena do escritor, transformando o inverossímil em realidade, divinizou o Mal através de uma imagem horripilante e fantasmagórica. Cada mitología o apresenta com as características próprias da época, da raça e dos usos e costumes do povo. Os povos selváticos, talvez os primeiros a personificá-lo, têm em Elebá do Panteão iorubano, como em Iorupari dos nossos índios, a simbolização das forças negativas numa verdadeira simbiose com o poder incomensurável do Criador. No Panteão persa Zaratustra vê os Devas como gênios do Mal, tal como o Apocalipse apresenta Satanás como chefe supremo da falange de demônios. Nas teogonias de todos os panteões as divindades representativas do Mal são apresentadas de forma alegórica, com a finalidade de incutir nas mentes humanas o respeito à base do temor. E é disso que se valem os espertalhões de todos os matizes e em todos os tempos. E é por isso

que muita gente, por ignorância ou por capciosidade, identifica os Elementais denominados Exus com a vibratória de Belzebu.

Numa engira dos Elementais, por força da lei das afinidades, são atraídos esses agentes fânicos com tal intensidade que a sua condensação se transforma em verdadeira barreira intransponível à ação das forças malignas. Por isso, repetimos, é crime de lesa-raciocínio sincretizar Exu com Elebá ou com outras divindades representativas do Mal.

Toda criatura pusilânime, covarde por excelência e que armazena em sua mente o desejo de vindita, incapaz de tomar atitudes claras perante o inimigo, anseia destruí-lo lançando mão dessas forças ocultas. E os médiuns de mau caráter que procuram sintonizar com a vibratória dos Elementais, persuadidos de que com tal capa protetora poderão dar largas aos seus desejos escusos, ao cabo de algum tempo se convencem que lutaram em vão.

Essas verdades, expostas com bastante clareza, não encontram ressonância junto de certas pessoas, bem o sabemos, mas os que interpretaram o sentido da mensagem se incumbirão de difundi-la ao mâximo.

Colocar na Ilé Okutá do Exu objetos de bronze e aço, pelo poder de atração que os mesmos exercem junto à poeira ástrica e medida de grande alcance para os babaorixás ou iaorixás, que desejam fortalecer a segurança de suas engiras. Manter, porém, essas estatuetas que simbolizam divindades malignas de outras religiões, num conflito de vibratórias que a razão esclarecida condena, é erro que precisa ser corrigido.

A similitude dos Santos católicos com os Orixás umbandistas não é extensiva aos Elementais, e forçar uma semelhança entre o Exu e o Demônio é ignorar tudo o que foi exposto neste preâmbulo.

A literatura umbandista vem sendo enriquecida nestes últimos tempos com obras magníficas firmadas por nomes respeitáveis, mas, infelizmente talvez por excesso de entusiasmo de seus autores, peca pela parte analítica que reputamos imprescindível para os estudiosos. E grande tem sido a nossa luta, gigantesca mesmo, ao encetarmos essas campanhas de esclarecimento para destruir os conceitos errôneos em torno de diversos temas umbandistas. Envenenada pela literatura claudicante, de escritores incipientes, a comunidade umbandista em grande parte conceitua o vocábulo *quimbanda* como sinônimo de vibratória maléfica. Tacha o curandeiro, esse missionário divino que pensa as feridas do próximo com ervas da flora silvestre, de feiticeiro ou de bruxo maldito. Vê o quimbanda, o doutor da tribo, esse sacerdote da Umbanda dos quimbundos, como veículo de manifestações diabólicas. Transforma esse substantivo masculino em feminino para denominar uma seita inexistente como, para dar maior ênfase, classifica-a de Magia Negra.

No que tange aos Elementais, os exus, cuja origem fomos por demais minudentes na pesquisa, sem campo propício para o diálogo, a luta será maior porque sabemos da sua difícil ressonância nos meios incultos. Todavia as iaorixás e babaorixás esclarecidos, que comungam conosco na elucidação de temas controversos. saberão transmitir aos seus subordinados a rude men-

sagem de escritor que tenta, por todos os meios e modos, destruir as buriladas frases dos oradores românticos contrários às engiras dos Elementais. Que não sejam afins com essas vibratórias e delas não participem é ponto de vista que merece o nosso respeito, mas destorcer a verdade, dando e difundindo uma interpretação diferente para confundir as mentes coletivas, justifica a nossa repulsa.

Acabe-se, pois, de vez com essas estatuetas grotescas que alimentam uma falsa imagem dos Exus e que constituem, para muitos, verdadeira indústria e preciosa fonte de renda para outros tantos.

A Ilé Okutá (casa de pedra) dos Exus, construída próximo à entrada do Terreiro, deve guardar em seu interior apenas objetos de bronze e aço a fim de que a poeira ástrica ali condensada se transforme em poderosa força de atração e que representa a segurança das engiras. Quaisquer corpos estranhos, tais como garrafas de bebidas, estatuetas simbolizantes de divindades do Mal, bem como recipientes de louça e panos coloridos é contra-indicado porque altera a vibratória dos Elementais. É flagrante a reação psíquica verificada no semblante de muitas pessoas que, ao saudar a casa dos Exus, deparam com essas monstruosas estatuetas rodeadas de bugigangas cujo efeito impressionista, negativo, as próprias entidades registram.

Nem sempre o silêncio constitui aprovação. É que o respeito às deficiências das faculdades intelectivas do ser humano, pelos eguns esclarecidos, revela como é acrisolante essa chama de humildade que ilumina a

Umbanda. Por isso o esclarecimento se opera de modo lento, mas em graduação progressiva.

O médium, ou os consulentes, em cujas retinas ficaram gravadas essas imagens horrendas, por um efeito reflexivo só vêem demônios nas engiras dos Elementais. E serão mesmo demônios se assim forem concebidos pela imaginação coletiva.

Há, portanto, um dever imperioso, por parte dos umbandistas evoluídos, de fazer chegar aos médiuns em desenvolvimento estas verdades que não ignoramos, mas que a tolerância sem limite transforma em crime de omissão.

Dizem os mestres da criminologia que todo ser humano é um criminoso em potencial. E Cesar Lombroso, grande médico e criminalista, afirma que o criminoso é mais um doente do que um culpado. Conseqüentemente todo ser humano é um doente. Para os materialistas a mediunidade é uma doença, mas para os místicos ela é uma graça divina.

Se o aprimoramento das faculdades sensoriais dos médiuns é uma graça divina, como querem os místicos, urge explicar aos que estão no período de desenvolvimento o que é mediunidade; como manejar as suas forças de repulsão quando atingidos por influências maléficas; como aproveitar, pela força de atração, os fluidos benéficos; conhecer a lei das afinidades para se convencer de que a atração das entidades varia segundo o seu estado mental.

Portanto, em que pese as opiniões divergentes, os Exus, ou Elementais, essa poeira ástrica que a força de atração do médium personifica, são fruto do que foi gra-

vado no subconsciente e ilustrado pela imagem fixada nas retinas dos atingidos. E a prova inquestionável é que a vibratória, quando negativa, só encontra ressonância nos elementos afins.

E tudo isto, que acabamos de expor, nada mais é que a ratificação do que dissemos linhas atrás. Façamos, pois, as engiras dos Exus com uma vibratória de amor, com a nossa mente límpida e com os nossos corações abertos a fim de que a vida seja melhor vivida por todos nós aqui no plano terreno. Estabeleçamos contato com os Elementais apenas para o fortalecimento das energias, para a segurança do abacê e nunca para resolver os nossos problemas de natureza escusa.

SIMBOLOGIA DOS EXUS

A linguagem dos símbolos é mais penetrante nos sentimentos humanos do que a palavra escrita ou falada. Tudo que se escrever, ou falar, sobre a cruz que serviu de suplício ao grande Rabino, terá menos efeito impressionista do que a exibição pura e simples daquele instrumento diante da alma cristã. A cruz é símbolo de fé, tal como a bandeira de uma nação simboliza a sua comunidade.

O simbolismo na Umbanda, bastante diversificado pela variedade de cores, de objetos e de desenhos, por força dos seus cerimoniais litúrgicos e ritualísticos, já faz jus à criação de uma cátedra. Cada culto tem a sua cor simbólica que caracteriza a vibratória de seus orixás. Cada orixá tem suas alfaias próprias, como cada Egum tem o seu ponto riscado que simboliza a sua vibratória.

A forquilha tridente, que na mitologia romana representa o cetro de Neptuno, embora com pouca receptividade no meio umbandista, é uma pequena peça de aço que, ao lado de ponteiros e lâminas do mesmo metal, constituem as ferramentas de Exu, ou melhor, o ponto convergente da poeira ástrica, de atração das

moléculas desses Agentes Astrais que acorrem para a Ilé Okutá atraídos pelo ímã daqueles petrechos.

Além desses objetos simbólicos há as cores vermelha e preta que completam, pela sua magistral combinação, o ponto alto para a sintonização com a vibratória dos Elementais dentro da sua engira. Por isso as guias dos médiuns são confeccionadas com miçangas daquelas cores.

O preto é o silêncio de tudo que é inanímado, que deixou de viver; é semente que não germinou; é indolência permanente; é insensibilidade constante dos poderosos ante a adversidade dos desafortunados; é um símbolo de tudo que é funéreo; é uma cor que simboliza as trevas onde as almas desencarnadas expiam as suas faltas; é, em suma, uma vibração de tudo que é negativo. O vermelho, porém, é o contrário de tudo isso. É a vida estuante e febril das aves canoras e é o ronco cavernoso das feras; é o plasma que palpita em nossas veias e faz pulsar os nossos corações; é a cor do pudor nas faces das virgens ingênuas; é a cor preferida pelos cardeais e é símbolo de beligerância; o vermelho das papoulas, como as faixas rubras do arrebol nas manhãs e nas tardes outonais, são mensagens da Natureza que os vates recebem para inebriar de odores as nossas almas. Por isso o vermelho simboliza tudo que é positivo sobre a face da Terra. E é desses dois polos, negativo e positivo, que os Elementais se valem para tornar a sua vibratória pujante e cada vez mais poderosa.

Quando é construída próximo à entrada do Terreiro a casa do Exu, isto é, a Ilé Okutá dos Elementais, com seus petrechos simbólicos, mas sem a exibição desses

mostrengos horripilantes, essas estatuetas personificando Satanás, que não se coadunam com esta extraordinária vibratória, bem como com as cores vermelha e preta fulgurando dentro do abacê através das nunangas e das guias dos médiuns, a sintonização é mais perfeita. A engira decorre num ambiente de absoluta tranqüilidade e os frutos colhidos são os melhores possíveis. Não se registra nenhum incidente entre os médiuns, bem como a própria assistência revela, quando é encerrada a engira, marcante euforia. Tudo isto porque nem médiuns, nem assistentes, gravaram em suas retinas as imagens horrendas desses monstros que simbolizam o Mal. É uma prova eloqüente do que afirmamos sobre a fixação da imagem registrada no subconsciente e que se aflora na hora do transe.

Se concebermos os Elementais fixando em nossa tela imaginativa um gigantesco quadrúpede, de trombas fosforescentes e a vomitar fogo, ou mesmo um bípede chifrudo, com asas de vampiro e peito coberto de escamas e lhes atribuirmos poderes idênticos, assim será o Exu. Portanto a simbolização deve ficar circunscrita àqueles petrechos de bronze e de aço, acrescida, apenas, com as cores preta e vermelha como complemento dessa vibratória.

A capa preta, com forro vermelho, também é um símbolo. Nem todos os Exus podem usá-la porque é uma prerrogativa dos chefes de falange. A capa simboliza o grau de elevação conquistado pelo Exu na hierarquia desses Elementais. O material empregado na confecção dessa peça varia, como é evidente, segundo as condições econômicas de quem a presenteia. Nos Terreiros de

condições modestas a capa do Exu é feita de cetim e nos Terreiros onde a situação econômica é melhor ela é confeccionada com casemira preta e forro de seda vermelha. Além dessas há as de luxo, de confecção esmerada, à base de belbutina preta com lantejoulas vermelhas e artisticamente bordadas. É claro que a simbolização não está na pompa e no luxo, mas sim no objeto. A Ilé Okutá deve ser construída em alvenaria, isto é, com pedra comum, mas não impede que mãos de recursos a façam de granito polido. O principal é que se não deturpe a finalidade para não lhe alterar a vibratória.

A Ilé Okutá também é símbolo. Ela simboliza a fé dos que, tangidos pelo desespero, procuram na vibratória dos Elementais fugir das tormentas oriundas da incompreensão; livrar-se dos abismos criados pela maldade humana; afastar-se das diabólicas criaturas em cujo cérebro germina e floresce, em prodigiosa fecundidade, a planta satânica da hipocrisia e da dissimulação; despir-se, também, pelo exame de consciência, das vestes sujas que as cobrem, resultantes da inadvertência ou do pouco aproveitamento das luzes recebidas.

No simbolismo dos Exus há muitos raios de luz que deslumbram e fulminam os mal intencionados, como aumentam de intensidade esplendorosa para os que fazem da mente e do coração um relicário de amor e de bondade. A luz resplandece em jatos fortes para iluminar o caminho trilhado pelos que têm ânsia de aperfeiçoamento, mas é fraca e tênue para com os indiferentes, para os que correm como pequeninos arbustos, tangidos pelo vento, nas estradas nuas.

Há muita poesia, sim, nos petrechos simbólicos dos Exus como convite perene aos contemplativistas que se extasiam diante do marulhar permanente das ondas sobre as praias tranqüilas das orlas continentais. Vejam os místicos quando fitam a abóbada celeste e ouvem a música do espaço; vejam os poetas cantando as belezas aurifulgentes da Natureza pródiga e portentosa e se convençam que os Elementais são forças jacentes que manam dos estames e dos pistilos das flores, dos mais tenros vegetais e dos fluidos sutis dessa essência imaterial que anima todos os corpos orgânicos. Por isso é preciso ser poeta e ser místico para poder definir os Elementais, que nas engiras da Umbanda são denominados Exus. É preciso ser um vate para interpretá-los. E isto todos nós o somos em potencial.

AS ENGIRAS DOS EXUS

O ritual da Umbanda, quando completo, exige muitas horas para ser praticado. Desde a abertura das engiras até ao seu encerramento, pelas louvações aos seus orixás, que constituem um espetáculo maravilhoso, tudo é feito à base do ponto cantado e do pé de dança em sintonia com as batidas dos atabaques. Isto, bem entendido, só se verifica nos dias festivos para evitar a desvitalização dos médiuns pelo excesso de energias despendidas. Por isso as engiras comuns, tais como as destinadas ao desenvolvimento mediúnico, como as denominadas sessões de caridade, são reduzidas de tal forma que os neófitos ou incipientes tacham o ritualismo umbandista de confuso e até de controverso. É claro que para compreendê-lo exige muito tempo de militança dentro da religião. Só o tempo é que modifica o conceito dos apressados. Todo babaorixá ou iaorixá, conhece o ritual umbandista, e quando não o pratica integralmente é pelas razões que acabamos de expor.

Os Centros e Tendas cujas sessões são destinadas unicamente à prática da caridade, reduzem de tal maneira o ritual que este se limita apenas à defumação e a algumas curimbas de louvação aos orixás. Evitam ao máximo o uso da terminologia empregada nos Ter-

reiros, como também os pontos cantados são os mais universais possíveis. Não quer dizer com isto que seus chefes não conheçam o ritual completo da Umbanda.

Se bem que não haja ostensivamente nenhuma referência aos Exus, todavia em cerimonial oculto, que eles chamam de parte esotérica, seguram a corrente da Tenda, ou do Centro, dentro da vibratória dos Elementais.

É uma ilusão supor que um chefe de Tenda, ou de Centro, assuma uma responsabilidade tão grande sem estar estribado em conhecimentos. Na sua maioria são ex-médiuns de Terreiro, alguns foram ogãs, são de proverbial cultura e estão capacitados para cumprir a sua espinhosa missão. Não fazem abertamente os cerimoniais dos Exus para evitar que os médiuns em fase de iniciação, bem como a própria assistência, sejam enleados nessa vibratória. Tanto isto é verdade que, quando o paciente ao tomar passe revela afinidade com os Elementais, o chefe a ele se dirige e com serenidade o convida para tomar parte numa sessão especial.

As engiras dos Exus, nos Terreiros, por serem ostensivas, tomam uma feição diferente por força do fanatismo de uns e pela reação mental de outros, provocada pelo pavor. Daí as razões pelas quais os babaorixás e iaorixás, quando encerram as engiras dos Eguns, cobrem o peji, diminuem a intensidade da iluminação do abacê e solicitam o afastamento dos assistentes que não estejam familiarizados com o cerimonial dos Elementais.

Nos Terreiros em cuja direção estejam criaturas esclarecidas que vêem os Exus como eles o são, as engi-

ras decorrem sem incidentes como se fossem engiras de Eguns, num ambiente de tranqüilidade. Quando, porém, em Terreiros onde a incultura impera, em que o Exu é visto como agente maligno, os mais sérios incidentes se verificam como até acidentes graves podem acontecer. Tudo isto em conseqüência do que dissemos no preâmbulo deste trabalho, sobre a lei das afinidades.

Nas engiras dos Exus há sempre um Egum, geralmente uma Entidade da vibratória dos pretos velhos, por quem os Elementais prestam obediência. O respeito ao babaorixá, ou a iaorixá, é notório; mas a presença do Egum nessa engiras não pode nem deve ser dispensada. É que a presença do Egum afasta os quiumbas que aproveitam a vibratória dos Exus para provocar conflitos, transformando o abacê num verdadeiro pandemônio.

A prova exuberante de que os Exus não são forças maléficas é que sua vibratória sintoniza com a do orixalá Ogum, o deus da Guerra. Ogum Megê, o chefe da falange de Ogum, é sempre invocado na abertura da engira dos Exus. Somente após a curimba de Ogum é que é cantada a dos Elementais.

Depois de feita a defumação do abacê, através de curimbas alusivas ao ato, são cantados os pontos de louvação para todos os orixás, sendo os penúltimos para o orixá Ogum e os últimos para os Exus. Esta última curimba é um pedido patético, comovedor, em que é solicitado do Exu Tranca-Ruas que abra a porteira e feche as ruas.

Exu Tranca-Ruas simboliza a concentração de todas as forças dos Elementais. É o guardião permanente

que neutraliza a ação das vibrações maléficas. Por isso é um crime nefando sincretizar os Exus com os demônios e lhes negar os benefícios prestados aos desesperados na vida terrena. É com esses Agentes Astrais que os Eguns missionários contam para solucionar problemas difíceis, ou tidos como tais, pelos consulentes.

Quando uma criatura se acha obsidiada por quiumbas, isto é, por eguns atrasados, ou melhor, por almas que vagueiam sem rumo, os Eguns missionários os afastam através de suas falanges. Se, porém, a obsessão é produzida pela atração de fluidos da Natureza, fenômeno bastante comum e que poucos sabem distinguir, o afastamento se processa dentro da vibratória dos Exus. O que vale dizer com isto que o Grande Laboratório extraterreno usa a consagrada máxima de que *os semelhantes curam-se com os semelhantes.*

Várias enfermidades de ordem material, conseqüência de atrações desses fluidos que andam dispersos na litosfera, desaparecem como por encanto quando o paciente se submete ao tratamento de passes ou mesmo assistindo a uma engira de Exus. Pois essas criaturas, médiuns em potencial como todos nós o somos, pela sua força de atração, propensas portanto a captar esses fluidos permanentemente, se não desenvolverem a sua mediunidade serão vítimas eternas desses sofrimentos.

Observaram os nossos leitores que o tema desenvolcido foi em torno da captação dos fluidos da Natureza pela força de atração dos médiuns, sem nenhuma referência à mente humana. Todavia ninguém ignora os efeitos reflexivos nas células mentais quando o sofri-

mento de ordem material é longo e desafia todos os recursos da ciência terrena.

As grandes comoções, os traumas mentais e horrorosas psicoses, bem como manifestações paranóicas tão comuns na espécie humana, são reduzidas de muito através dessas vibratórias, sem que a isto se chame de psicoterapia. É que a Umbanda procura ignorar ao máximo essa confusão generalizada em torno das doenças da mente e das enfermidades da alma, porque sabe que esta, como essência imaterial, é imune a qualquer infecção ou acidente. A alma humana não é responsável pelas desritmias cerebrais e pela falta de assistência na formação moral das criaturas. Para o bom observador não é difícil distinguir o estado mental, bem como a educação do médium, através da conduta revelada no momento do transe. Por isso é absurdo falar em doenças ou enfermidades da alma.

Nas engiras dos Exus cada consulente se revela pelos pedidos feitos e pela natureza dos problemas apresentados. Cada médium, quando em transe, demonstra as suas tendências pelas promessas feitas ao paciente.

É uma temeridade e uma injustiça, portanto, considerar o Exu como agente do mal, ignorando-se tais deficiências que caracterizam alguns médiuns e consulentes inclusive.

O conceito generalizado, dentro e fora da Umbanda, de que o Exu, com poderes ilimitados ao manejar as forças elementais é capaz de modificar o curso dos acontecimentos na vida das criaturas, é fruto de uma sugestão vil, alimentada pelos espertalhões para usufruir vantagens dos ingênuos de pretensões capciosas. Daí a

série de mistificações que tanto compromete a vibratória dos Elementais com repercussões desfavoráveis da religião perante a opinião pública. Daí também a variedade de aberrações, com presentes exóticos, com vestimentas excêntricas, a provocar hilaridade em detrimento do respeito devido a essa poderosa vibratória.

Da personificação dos Elementais, para efeito de invocação nos cerimoniais, resultou o antropomorfismo a que a imaginação humana acrescentou desejos e paixões próprias dos homens. Por isso eles bebem e fumam, mas, como é evidente, quem o faz é o médium. Deu-lhes também, para complemento, uma mulher, que é a Pomo-engira. Esta, por seu turno, como personificação feminina não dispensa, como é óbvio, tudo que lhe chega às mãos para aumentar os seus encantos. Com isto a energia de Exu adquire um cunho folclórico para os turistas, um espetáculo desolador para os umbandistas intransigentes, mas, perfeitamente admissível para os que defendem a necessidade da alegoria para melhor efeito impressionista. E assim o Exu que chefia a vibratória recebe a sua capa preta com fundo vermelho, sua cartola, bengala, e, às vezes, um monóculo, como caracterização de Fausto, o homem que vendeu sua alma a Mefistófeles. Suas atitudes são medidas, dança com discrição e supervisiona com autêntica sabedoria sua falange de Elementais, que o acata como superior hierárquico.

É de tal maneira envolvente a vibratória dos Exus que os médiuns afins, quando fora da corrente, lutam desesperadamente para não serem envolvidos por ela.

Tal como o Egum, cujo nome se torna famoso pelas

graças proporcionadas aos desesperados, o Exu também adquire fama e notoriedade pelos seus feitos junto aos consulentes. Há Exus famosos, como o Tranca-Ruas, considerado o guardião-mor, que segura as engiras dos Terreiros com a sua poderosa falange; o Sete-Encruzilhadas, cuja missão é manter indissolúvel a vibratória dos Elementais nas encruzilhadas; o Arranca-Toco, que afasta os empecilhos que dificultam a caminhada dos filhos de fé na vida terrena; o Quebra-Galho, o Limpa-Caminho, com missão idêntica; o Tiriri, o célebre pelo seu poder de desmanchar demandas em benefício do injusticado, todos, porém, agindo com o concurso dos demais que formam poderosas falanges extraterrenas para fortalecer as vibratórias dos Eguns no combate permanente a todas as deficiências humanas.

Não pretendemos divinizar o Exu, como poderá parecer aos olhos de muitos leitores. A nossa finalidade é apresentar uma imagem aproximada do verdadeiro mostrando até onde pode chegar a ilimitada imaginação criadora da espécie humana. Se o Exu fosse a personificação de Satanás sua vibratória não contaria, pelo conflito que se estabeleceria, com participação do Egum em sua engira. E se a indumentária dos Elementais lhes dá essa característica há que se culpar as deficiências mentais, a incultura e a tolerância de certos dirigentes que ainda não estudaram esse problema. Todavia percebe-se a queda dessas exibições de faquirismo, em que o médium, para convencer os circunstantes, atravessava os pulsos com lâminas de aço, pisava cacos de garrafas, mergulhava as mãos em azeite fervente, como ingeria litros de éter sulfúrico. Tudo isto, felizmente,

está desaparecendo, para num futuro menos remoto a Umbanda ser colocada em sua verdadeira dimensão.

As engiras dos Exus não precisam dessas fantasmagorias para garantir a inviolabilidade do abacê contra essa onda maléfica, esses cascões que perturbam as criaturas desavisadas, esses elementos da vibratória do Mal, que vivem arraigadas na litosfera aguardando oportunidade para os seus nefandos intentos.

É vendo a Umbanda por um prisma de elevada dignidade e combatendo com rigor as suas deficiências. suas falhas e suas lacunas, que não são delas, mas sim dos que a praticam, que o umbandista se revela autêntico. Dar de ombros a essas aberrações que tanto a deprimem aos olhos das religiões oponentes é cometer um crime de omissão perante as gerações futuras.

A literatura umbandista deve ser um veículo de comunicação, com mensagens construtivas, para não ser tachada de subliteratura pelos leitores que a manuseiam. É que o estudioso, o que tem ânsia de saber, sente quando ela é alicerçada em conhecimentos e quais são os objetivos do autor.

As interpretações hipotéticas, ou mesmo românticas, fruto da falta de base, ou de alicerces frágeis em que se escudaram certos autores, num criminoso endosso ao que ora combatemos, criaram um clima polêmico de tal extensão que é necessário o concurso de pessoas esclarecidas para que possamos vencê-lo.

A engira dos Exus é isto, apenas isto e nada mais. E quaisquer inovações que se lhe queiram acrescentar correm por conta da fértil imaginação criadora dos médiuns e de seus responsáveis.

Dissemos inovações para não dizermos deturpações, pois a indústria dos inescrupulosos transforma as engiras dos Elementais em atrações turísticas, como fonte de renda para certos indivíduos. Fazem-no esquecidos de que a vibratória dos Exus é uma faca de dois gumes Esquecem-se dos exemplos, que são muitos, que começam pelos fracassos, pelas atrapalhações, pelas enfermidades e pelas tragédias inevitáveis.

As engiras dos Elementais não são pantomimas circenses organizadas para divertir os néscios. Sua finalidade é mais transcendente do que muitos médiuns imaginam.

O PAHANDÉ DOS EXUS

Ebô, no dialeto iorubano, significa sacrifício. Imolar um animal, para ser oferecido a uma divindade, em vernáculo quer dizer holocausto. E esta prática, de se oferecer aos orixalás e orixás da Umbanda esse Ebô, originário do Candomblé, é conseqüência, como ninguém ignora, da tendência revelada por muitos babaorixás e iaorixás de admitir, na liturgia como no ritual umbandista, que são de origem angolana, muita coisa que procede do candomblismo.

Os candomblistas ortodoxos reagem contra essa aproximação, tal como os umbandistas intransigentes não admitem essa amalgamação. Todavia aceitam as mitologias e as teogonias iorubanas e estas são as dominantes nos cultos umbandistas. Com exceção de Olorum, divindade máxima do panteão iorubano, posto que a Umbanda cultua Zambe como o maior, a maioria dos orixalás e orixás é originária daquela fonte de cultura religiosa.

No que tange ao Exu, a interpretação é muito variável, embora saibamos que a divindade do Mal, no panteão iorubano, tenha a denominação de Elegbá. A Umbanda, porém, que não cultua esse deus e se insurge contra os que tentam estabelecer uma igualdade de vi-

bratórias entre os Elementais e aquela divindade, presta ao Exu todas as reverências através de belíssimo ritual sem que a isto se possa chamar de culto.

Face ao exposto, para os umbandistas que não dispensam os assentamentos para os orixás, o pahandé de Exu é perfeitamente lógico e não constitui nenhuma incoerência.

Se bem que não façamos restrições à entrega do pahandé para os Exus, tal como o Ebô para os orixás, julgamos ser de bom alvitre lembrar da inconveniência de sua colocação em lugares inadequados. Cada Terreiro deve possuir local próprio para esses assentamentos a fim de que a sua entrega indiscriminada, em encruzilhadas de ruas residenciais, no perímetro urbano, ou mesmo suburbano, não venha produzir repulsa por parte de muitos e motivo de chacota por outros tantos.

Esses espetáculos degradantes, que os próprios umbandistas esclarecidos condenam, correm por conta desses médiuns volantes, de pouso incerto, industriais de uma religião que vem lutando desesperadamente para se impor perante a opinião pública. Tais assentamentos, feitos sem a devida anuência dos babaorixás e iaorixás responsáveis pelo futuro desta religião, em geral produzem efeitos negativos, por falta de segurança da vibratória mantida pelas engiras realizadas dentro do abacê.

O pahandé de Exu é algo transcendente e não está ao alcance de qualquer um. Ele simboliza a concentração de bilhões de moléculas, desses fluidos da Natureza, dessa poeira ástrica e que se transformam em Agentes

Astrais denominados Exus pela terminologia umbandista.

Assentar para os Exus requer conhecimentos que se não adquirem em simples palestras ou leitura em obras de pseudoconhecedores. Essas advertências constantes, que sempre fazemos, são resultantes da noção que temos sobre os choques de retorno produzidos em muitas criaturas que se atiram, como cegos, a essas aventuras.

Alimentar a potencialidade de uma pilha chegando-lhe substâncias químicas para provocar maior reação pode resultar em grave acidente para a criatura ignorante nessa mecânica. E aqueles que dela se aproximarem e inadvertidamente a tocarem serão também atingidos pela descarga. Esta comparação é bem aplicável no caso, porque conhecemos muitas pessoas vitimadas pela atração desses fluidos obsidiantes que causam desarmonias nos lares, como produzem enfermidades inexistentes.

Colocar dentro de um quiponguê farofa de milho com azeite de dendê, em torno de um corpo inanimado de um animal, e juntar-lhe charutos, caixa de fósforos e garrafa de aguardente, não é nada. Qualquer pessoa pode fazê-lo. Pedir licença, fazer a saudação e entregar o pahandé, satisfazendo todas as exigências ritualísticas, só o ogã-de-entrega é capaz de cumprir essa missão. Além do mais esta operação é feita com a engira do Exu aberta, para que a sintonização seja perfeita. Enquanto o ogã-de-entrega desempenha a sua tarefa, a curimba vibra com os pontos cantados e os Exus, atuando sobre as faculdades sensoriais dos médiuns, dançam até à chegada do ogã, de retorno ao abacê.

O pahandé de Exu, tal como foi descrito, que traduz o sentimento de gratidão das criaturas que foram beneficiadas através de sua poderosa vibratória, é feitiçaria na concepção dos descrentes e é magia negra no conceito dos ignorantes. Entretanto o cerimonial não contou com nenhum feiticeiro na sua realização e muito menos com a participação de algum mago. O pahandé de Exu é uma cerimônia absolutamente idêntica àquelas realizadas para os orixás, numa vibratória diferente sem conduto ser antagônica.

Divergir é um direito de todo cidadão e cada um vê a imagem das coisas segundo o ângulo em que esteja colocado, mas o que é preciso é saber divergir, argumentar com solidez e sobretudo com elegância, para que não seja ferido o respeito mútuo.

O tema desenvolvido por nós, apesar da sua reconhecida transcendência, foi feito em estilo analítico e numa linguagem bastante acessível a fim de que a luz, que emana das vibrações electromagnéticas, encontre campo propício e se propague através dos vácuos e alcance todos os recantos da Terra.

A vibratória do pahandé de Exu é, afinal, um conjunto de sons que ecoa no espaço e que traduz o desespero dos desafortunados; é o grito angustioso das mães que amam a seus filhos e querem salvá-los das garras aduncas dos corvos da perdição; é o gemido do doente sem esperanças em luta com o fantasma da morte; é suplicação dirigida aos céus pelos detentos que cumprem pena por erros judiciários; é, finalmente, a lágrima de alegria dos que obtiveram as graças pelo merecimento.

É preciso conhecer o objetivo para o qual se concentraram aqueles sentimentos, de todos os matizes, em busca da paz, da justiça e do amor. É preciso conhecer os sofrimentos humanos em toda sua extensão para se compreender a finalidade de um pahandé de Exu. Depois disso é que os opositores terão direito de se pronunciar. Somente depois é que lhes daremos a palavra.

AS FALANGES DOS EXUS

Falange é o termo genérico que se usa na Umbanda para classificar os grupos de Eguns, de quiumbas e de Elementais que, por afinidade entre si, formam verdadeiras legiões que se comunicam com o plano terreno através dos médiuns. Essas comunicações se processam dentro da lei das afinidades. Os médiuns só recebem quando em transe, os elementos afins. E os que quiserem negar esta verdade, usando o clássico argumento de que são "inconscientes", mentem por desconhecerem que a lei das repulsões também existe e que funciona independente da nossa vontade.

Nenhum médium entrará em sintonia na vibratória dos Elementais se não houver afinidade entre ambos, e pretender contrariar as leis das repulsões, as leis das atrações e as leis das afinidades, é se expor às conseqüências porque a lei de causas e efeitos é imutável.

O médium ignorante, notadamente o analfabeto, queixa-se dos sofrimentos por que passa não obstante estar sempre pronto para prestar caridade. Desconhece ele que tais sofrimentos são conseqüências por infringir uma dessas leis que a sua incultura não lhe dá meios para compreender.

Praticar esta religião sem o conhecimento teórico, apenas escudado na prática, é sujeitar-se a tais sofrimentos de conseqüências muitas vezes funestas. Insistir

em querer sintonizar com uma vibratória que não lhe é afim é o mesmo que forçar alguém a deglutir alimentos que o seu paladar repele.

As falanges dos Exus têm que encontrar afinidade absoluta com o corpo mediúnico, dentro do abacê, para que as suas engiras sejam as mais autênticas possíveis. E é necessário lembrar ainda que a legião dos Elementais é de tal maneira imensa que numa engira de sua vibratória há milhões deles que não incorporam por falta de aparelhos receptores. Daí a infindável série de Exus, cujos nomes variam segundo o subconsciente dos médiuns, chefiando poderosas falanges que lhes dão fama e prestígio. E como o aprimoramento do médium corre em paralelo com a evolução dos Elementais, bem como estes com aqueles, gerando com isto verdadeira simbiose, torna-se difícil para muitos observadores verificar onde começa a vontade de um e onde termina o pensamento do outro. Além disso há que acrescentar os fatores relacionados com as tendências das criaturas que se revelam no momento do transe. Assim sendo o médium intelectualizado, mais propenso à dissimulação, é discreto em suas manifestações, o que não ocorre, como é óbvio, com o médium inculto que não sabe esconder as suas tendências.

Numa engira de Exus, em cuja corrente mediúnica predomina a educação, as incorporações são mais suaves, o que prova, com isto, que o Exu não é turbulento, e, sim, o médium.

Com tais considerações em torno das tendências dos médiuns e de sua indiscutível influência nas mensagens dos Elementais, bem como de quaisquer outras Entida-

des, temos o caso das denominações para efeito de invocação através das curimbas. E na aplicação dos nomes próprios prepondera a simpatia, revelada pelo médium, na hora que o Exu perde a condição de pagão pelo ato de batismo. Percebem-se, aí, perfeitamente, as mesmas virtudes e os mesmos vícios adquiridos no período de iniciação. E os nomes já consagrados, e de mais evidência pelos seus feitos, são os preferidos, numa demonstração eloqüente dessas tendências até então ocultas dos médiuns.

As falanges de Exus são muitas e cada qual tem um chefe que a orienta para o desempenho de sua missão no plano terreno. Umas atuam na vibratória do orixá Ogum Megê, chefiadas por Arranca-Toco, Sete-Encruzilhadas, Tiriri, Abre-Caminho, Toquinho, Veludo, e outros, supervisionados pelo grande Tranca-Ruas; outras atuam na vibratória de Omulu, tendo como chefes Tatá-Caveira, Pinga-Fogo, Meia-Noite, João da Ronda, etc. Pois esses Exus citados, afora outros omitidos involuntariamente, à frente de milhões de Elementais, ou trilhões de moléculas, é que removem os fluidos obsidiantes das criaturas, esmagam qual rolo compressor, as irradiações maléficas que produzem discórdia nos lares, como combatem os vícios degradantes que deprimem e aniquilam a espécie humana.

Quando termina a ação preventiva dos Eguns, através dos mais salutares conselhos em benefício dos sofredores de todos os matizes, sente-se a presença e a atuação dessa formidável vibratória como força repressiva contra a resistência oferecida pelos elementos negativos. Para estes, como é evidente, a repressão é um

mal. Por isso o Exu é tido, pelos ignorantes, como personificação do Demônio.

Mau é o sargento, para o soldado indisciplinado, como o professor o é, para o aluno turbulento. A energia é sempre necessária quando a brandura não surte o desejado efeito. Já dissemos alhures e tornamos a afirmar que a educação deve ser ministrada à força, se preciso for, para que reduzamos ao mínimo os nossos sofrimentos.

Acima, muito acima das nossas paixões, deve pairar o bom-senso, inspirado na razão esclarecida, a fim de que não cometamos injustiça quando pretendemos julgar. E essas interpretações errôneas, em virtude de julgamentos precipitados, em torno dos Elementais, podem atingir os Eguns missionários que participam dessa vibratória com sublime e excelsa intenção.

As falanges de Exus não podem ser comparadas a um bando de malfeitores, a uma horda de malfazejos a vagabundear na calada da noite à espreita da primeira vítima. Não podem ser vistos como corvos esvoaçantes que se atiram sobre os corpos em decomposição, para satisfazer a sua gula.

Urge raciocinar, com muita precisão sobre a matéria, a fim de se chegar a uma conclusão honesta. Isto feito, o leitor concluirá conosco que é preciso esclarecer, esclarecer sempre, essas criaturas que ponderam conceito diferente sobre os Elementais, denominados Exus pela terminologia umbandista.

O tratamento carinhoso dispensado aos Exus pelos humildes, cognominando-os de "compadres", é um indício de que eles não são vistos como elementos maléfi-

cos. Mesmo porque, por mais rude que seja a criatura, jamais gostaria de ter Satanás como compadre.

Quando é aberta a engira dos Elementais, já garantida a sua segurança pela falange do Exu Tranca-Ruas, a criatura ressoa com os pontos de invocação. Os primeiros a incorporar nos médiuns invariavelmente são os chefes de falanges, numa demonstração eloqüente de respeito pela hierarquia que impera entre eles. E após as saudações e homenagens que lhes são tributadas, atraídos pelos pontos cantados e pelas batidas dos atabaques, outros Elementais vão surgindo e incorporando nos médiuns que com eles já estão identificados. O canto, a sonoridade dos tambores e a dança constituem tal força de atração dessa vibratória, que toda poeira ástrica, todos esses bilhões de corpos moleculares que se condensam e se transformam em Elementais, caem dentro do abacê como pétalas douradas de acácia tangidas pelo vento. Com isto a engira dos Exus adquire um colorido romântico e prenhe de poesia para despertar as almas dos que vivem mergulhados no sono da incredulidade.

Para os apáticos e insensíveis, para os deficientes ou imperfeitos das faculdades sensoriais, incapazes de registrar no imo todas as belezas que refulgem na abóbada celeste quando as estrelas tremeluzem; quando não sentem na fragrância dos lírios a mensagem divina da Alma-máter e não percebem na plumagem multicolorida das aves a presença do Criador, a engira dos Exus jamais lhes toca nas fímbrias do coração. É que os Elementais são moléculas oriundas do pólen dos vegetais e da seiva vivificadora que os anima; são corpos ultra-

fânicos que os três reinos da Natureza emanam; são a condensação de trilhões de corpos infinitamente pequenos, que os nossos olhos não vêem, mas se fazem sentir através das faculdades sensoriais dos médiuns. E como todo médium é um místico, e todo místico é um poeta em potencial, as falanges dos Exus dentro do abacê se transformam num espetáculo grandioso de arte e de religiosidade, de misticismo e de poesia para que os nossos pensamentos, em vôos altos, alcancem os páramos celestiais.

Assim são as falanges dos Elementais, dentro do abacê, formando essa portentosa vibratória que desmantela os arsenais do ódio, da vingança, da inveja e do despeito que vivem armazenados dentro de nós.

Se o diamante pudesse falar, quanta recriminação faria contra o buril que o lapida, multifacetando-o pela força, para torná-lo digno de ornar a fronte de uma rainha!

Quando termina a engira dos Elementais, os Exus partem numa velocidade ultra-sônica, imperceptíveis pelos nossos ouvidos, levando em caudal todas as impurezas encrostadas em nós e que dificultam as nossas caminhadas pelas ruas e vielas de nossa curta existência. Levam consigo, sem amargura, a ilimitada ingratidão humana que os recompensa, pelo bem recebido, tachando-os de forças maléficas, de gênios do Mal a serviço de Satanás. Partem e voltam, sempre, numa seqüência infinda, como as águas do mar que sobem aos céus pelo vapor e ao mar retornam em chuvas. Partem e voltam, como o Sol que surge e se esconde, diariamente, iluminando a Terra há bilhões de anos.

AS BEBIDAS DOS EXUS

Os povos antigos sempre libavam em honra dos deuses. Era um ato que precedia aos santos sacrifícios e que se construía no derramamento do vinho antes de ser ingerido. Bebia-se nos banquetes comemorativos de grandes datas, nos palácios imperiais, bem como nas tabernas, mas no momento das saudações as taças de prata ou de ouro, ou os grotescos canecões da soldadesca frenética, derramavam o vinho como suprema homenagem ao acontecimento.

A libação atravessou séculos e gerações e ainda se mantém viva na alma dos povos. E apesar das etiquetas sociais lhe cercearem o uso, todavia há quem a pratique embora discretamente para não ferir suscetibilidades. Por isso muita gente derrama na borda do prato um pouco da bebida antes de ingeri-la. Se, porém, os comensais estiverem na mesma tônica e o banquete simbolizar uma grande conquista no terreno político, ou por independência econômica através do inesperado, a libação é ostensiva e todos dela participam usando a clássica interjeição umbandista "saravá!".

Toda esta digressão nos parece justa para que os nossos leitores, os menos avisados, é claro, não ponderem

conceitos desprimorosos em torno das libações que se fazem nos cultos aos orixás da Umbanda.

As bebidas litúrgicas, praticamente padronizadas, são de vinhos brancos e de baixa dosagem alcoólica; quanto às do ritual são a zúua e o aluá, sendo esta última a mais usada nos Terreiros que praticam o ritual completo.

As bebidas dos Exus, razão de ser do presente capítulo, em que pese a ojeriza nutrida por muitas criaturas, se constituem de azeite, de água com sal, de sangue e de aguardente de cana. Eminentemente simbólicas, ninguém as ingere, com exceção desta última que os médiuns, quando em transe, às vezes o fazem. E, ao fazê-lo, chegam às mãos dos circunstantes o coité para que todos participem da cerimônia como demonstração de fé. E como não é obrigatório sorvê-la, basta chegar o lábio inferior à borda do vasilhame e, mentalmente, formular o seu pedido, fazer as suplicações inerentes aos problemas que os afligem.

Para os médiuns, que por falta de autocontrole se excedem na ingestão, o coité com azeite de oliveira lhes chega imediatamente às mãos para ser ingerido como contraveneno. A água com sal, de idêntico efeito, mas em doses fracas, diminuindo a exalação gasosa produzida pelo alcool, é outro agente neutralizante usado nas engiras dos Elementais. Quanto ao sangue, vivo por ser sugado diretamente das artérias dos galináceos, é um alimento poderoso para combater, de imediato, a fraqueza física do médium que não se alimentara convenientemente. Os Exus, bem como os Eguns, não têm necessidades fisiológicas, por isso não precisam de bebi-

das, de fumo e de comidas. Quem necessita são os médiuns em virtude da desvitalização oriunda do excesso de energias despendidas quando o estado de transe é longo.

Abusus non tollit usum é a máxima com que ilustramos este capítulo. Com ela em mãos combateremos com todo o rigor os excessos que deprimem o moral dos umbandistas sinceros e enodoam esta religião, mas lutaremos com o mesmo ardor para que seus usos sejam mantidos, como imperativo de respeito às suas tradições. As mencionadas bebidas, embora consideradas dispensáveis no ritual dos Exus pelo abuso, e de deplorável efeito psicológico, todavia foram suficientemente defendidas e explicados os seus fundamentos por determinada Entidade desta vibratória. O álcool, em dosagem pequena, não constitui motivo de escândalo porque fora desse ritual, à base de aperitivo, criaturas de ambos os sexos o bebem em quantidade maior. No caso, só os abstêmios poderiam censurar, mas, mesmo assim, como resposta teriam de ouvir o velho rifão: "cada terra com seu uso e cada roca com seu fuso". Quanto à água salgada, em solução fraca, é um substituto eventual do bicarbonato cuja função é facilitar a digestão, não constituindo, portanto, nenhum crime a sua ingestão.

A finalidade do azeite é lubrificar o organismo e desembaraçá-lo de impurezas, neutralizar a fermentação responsável pela exalação gasosa produzida pelo álcool e restituir ao médium a sua normalidade orgânica. Além de saboroso, como condimento em vários pratos da culinária internacional, o azeite de oliveira é de grande valor terapêutico. E, na espécie, condenar o seu

uso, seria inqualificável injustiça e demonstração tácita de ignorância. A explicação foi bastante plausível e deve merecer das pessoas sensatas o devido acolhimento. Já o sangue, da forma em que é ingerido e do aparato em que a cerimônia se reveste, a explicação também foi convincente. De fato, um transe longo, de muitas horas, em um médium enfraquecido por deficiências alimentares, meio copo de sangue vivo é um poderoso alimento. Esperar, porém, que o mão-de-obé imole o animal, extraia de suas artérias o plasma estuante e o coloque no vasilhame para ser deglutido pelo médium, por mais rápida que seja a operação, pode resultar em insucesso porque o sangue se coagula facilmente. Por isso, quando a Entidade pede um piau, ou melhor, um frango, ela atua com mais intensidade nas faculdades sensoriais do médium e o faz trincar com os dentes a artéria do animal para sugar-lhe todo aquele líquido nutritivo que devolverá ao aparelho mediúnico a resistência vigorosa até o final dos trabalhos. Esta operação, bastante compreensível, e bem justificada, é vista por muitos como selvageria ou por magia negra por outros tantos. De qualquer maneira porém, a explicação foi dada de modo magistral sobre as bebidas dos Elementais com as suas respectivas finalidades. Foi dada para ser aceita ou refutada, dependendo, é claro do ângulo em que estiver colocado o leitor.

O FUMEIRO DOS EXUS

Nenhuma engira de Umbanda é aberta sem passar pelo processo de defumação. Embora não o parecendo é um cerimonial importantíssimo, em virtude da variedade de vibratórias e, sobretudo, da assistência que em geral é muito heterogênea.

A defumação para a abertura de uma engira requer uma técnica especial, por isso o mão-de-fumo tem que conhecer a combinação de certas ervas e raízes a fim de que a sua queima esteja em sintonia com as vibratórias dos orixás.

Há plantas cujas folhas ressequidas e queimadas se transformam em poderosos agentes de atração fluídica, mas há também as que agem como forças repulsivas, daí o cuidado dos babaorixás e iaorixás ao designar o responsável pelo fumeiro. É que nem toda folha ou raiz aromática serve para defumação, em virtude de sua ação tóxica, bem como outras tantas, também odoríferas, se coadunam com as vibratórias dos cultos.

Não é só colocar no braseiro as substâncias e proceder à defumação. É necessário conhecer seus efeitos negativos ou positivos, a fim de que o abacê não se transforme em palco de conflitos, pelos choques de vibratórias.

Há defumadores caseiros, improvisados às vezes, para combater o mau cheiro, que se transformam em atração fluídica benéfica, ou maléfica, pela ignorância de quem os manipulou.

Para combater odores desagradáveis deve-se usar substâncias de ação repulsiva tais como o guiné, a arruda ou o alho-bravo. Se, porém, a exalação odorífera está produzindo náusea, a alfavaca-do-campo, o capim-cheiroso, o benjoim ou a alfazema constituem magníficos agentes neutralizantes em defumação. Citamos estes, apenas, como ilustração, e jamais, com a intenção de padronizá-los.

Há muitos lares que fazem do pó de café usado e seco, acrescentado de algumas colheres de açúcar, o seu defumador predileto das segundas-feiras ao meio-dia em ponto. Dizem com isto que as falanges das crianças e dos pretos velhos os protegerão pela semana inteira. Fazem tangidos unicamente pela superstição, pelo que ouviram de terceiros, sem avaliarem os perigos que lhes possam causar. É que a defumação, quando é feita com sentido místico, entra em sintonia com a sua vibratória, produzindo conseqüentemente uma evocação que exige, de quem convida, condições para receber o que vier.

A defumação de finalidade material, pela presença de substância de ação repulsiva ou atrativa, usada para fins de cunho místico, pode se transformar em veículo de graves perturbações em ambientes até então tranqüilos.

Tais considerações, sem visos de advertência, valem para mostrar aos desavisados da importância de uma

defumação indiscriminada, por vezes com efeito contrário ao desejado.

A defumação do abacê, nas engiras dos Elementais, tendo como componentes o incenso, resina vegetal altamente aromática, associado ao alho-do-mato e acrescidos da arruda-macho, é bastante importante porque sua ação repu'siva afasta do ambiente todos os elementos contrários à vibratória dos Exus, por isso esta combinação é conhecida como "limpa-caminho" como também de "brucutu" na gíria popular.

O efeito psicológico dessa defumação, à base de substâncias de cheiro acre, é visível numa assistência heterogênea, pela reação estampada no semblante de cada um, mas, em seguida, percebe-se a euforia coletiva em virtude do afastamento súbito das impurezas que a assediavam. Nota-se, assim, uma espécie de esperança e de confiança e lhes iluminar a alma até então mergulhada na sombra das incertezas. Observa-se nos médiuns e na assistência inclusive, uma sensação de intensa alegria refletida por discreto sorriso, que se confunde com a troca de olhares como mensagens das mentes, agora libertas e que irão entrar em sintonia com a extraordinária e poderosa vibratória dos Exus. É o milagre do cheiro!

O néctar rascante, apesar do travo produzido na garganta quando é sorvido em haustos, como aperitivo, prepara o organismo para um melhor paladar. Se o néctar é a bebida dos deuses, o fumo que se desprende do turíbulo e sobe aos céus vale como a linguagem humana em busca das divindades. É, pois, por via de ambos, vinho e defumação, que o pensamento se desliga

das coisas materiais e voa pelo espaço infinito à procura do Onipotente. Por isto liba-se nas engiras dos Exus, como se as defuma, para que ambas as correntes terrenas e extraterrenas se interliguem e façam brotar dos corações humanos o sentimento de fraternidade.

Qual o poeta capaz de traduzir, através dos versos, a linguagem odorífera, articulada pelo androceu das flores quando em idílio com o gineceu estuante e febril, na ânsia divina do acasalamento?

Quem poderá interpretar as vozes ocultas dos sentimentos humanos que se desfazem pelo éter junto do fumo que os turíbulos emanam?

Na defumação, para os Exus, os pensamentos de todos devem convergir unicamente para eles a fim de que a invocação resulte, pela condensação rápida dessas moléculas, ou poeiras ástricas, em proveitosa sintonização entre o mundo terreno e o extraterreno. Nesta altura convém lembrar que se a invocação, quando é uníssona, produz a evocação, os Elementais serão obviamente a personificação daquilo que os médiuns imaginaram. Urge portanto, antes da abertura das engiras, uma explanação clara sobre a matéria de modo a desfazer esse conceito errôneo em torno dos Exus.

Se a cruz, vamos repetir, sempre foi o símbolo da maldade por ser instrumento de suplício, hoje não o é por força da interpretação cristã. Para a comunidade católica ela simboliza a fé, entretanto, para os recalcitrantes, para os que não a aceitam como tal, a cruz continua a simbolizar o castigo imposto ao criminoso pela justiça dos homens. Por isso é imperioso, antes da defumação para a engira dos Exus, o preparo psicoló-

gico dos médiuns e da assistência inclusive. Para tanto é necessário, para evitar incoerências, que se faça uma campanha sem tréguas contra o uso dessas estatuetas; que se esclareça os incultos e os ingênuos, numa doutrinação suave, mas, persistente, e lhes mostre, sobretudo, que a Umbanda não é uma religião de duas faces. E policiar, mesmo, contra a industrialização mantida pelos espertalhões, de ambos os sexos, cujo escopo é a exploração à base do temor, da mentira e do engodo.

A defumação, pois, deve preceder uma ligeira explanação sobre a sua finalidade e o que ela representa para a vibratória dos Exus.

EDUCAÇÃO MEDIÚNICA

A definição clássica da mediunidade, através da obra monumental de Alan Kardec, refutada pelos incrédulos e negativistas, foi aceita sem restrições pela comunidade umbandista. Pela profundidade dessa teoría se pode avaliar o conhecimento daquele mestre sobre as múltiplas manifestações da alma humana bem como o instinto das criaturas relevado no período de desenvolvimento mediúnico. Chega-se a admitir, pelo estudo comparativo, que o notável professor Segismundo Freud não aceitando *in totum* o pensamento daquele mestre baseou a sua tese nas manifestações do instinto. Não querendo com isto dizer que o estudo da alma seria mais transcendente, porque implicaria na pesquisa fenomênica, o grande médico circunscreveu sua tese, apenas, no instinto manifestado a partir do período lactante do ser humano. Desse modo a mente ficou subordinada às forças do instinto e o conjunto das faculdades intelectuais e morais das criaturas, comumente chamado de alma, anulado na sua função precípua de dominar os impulsos da vontade incontrolada. Daí, em que pese o nosso respeito à memória do inolvidável autor dessa revolucionária tese, o verdadeiro criador da psicanálise foi Alan Kardec.

As provas da subsistência da alma, dessa essência imaterial que anima todos os corpos orgânicos, são tão exuberantes que as comunicações extraterrenas comprovam essa verdade. Se bem que haja fraude, em conseqüência de vários fatores, todavia seria indigno negar a autenticidade dessas mensagens captadas por médiuns de comprovada honorabilidade.

Ser médium não é privilégio de ninguém. Todos nós o somos em potencial. Qualquer um de nós poderá ver o imaterial se apurarmos os nossos órgãos visuais por via do desenvolvimento mediúnico. Ouviremos as mensagens das almas desencarnadas se aprimorarmos os nossos órgãos auditivos, bem como o olfato, as cordas vocais ou a parte sensorial, com que sentiremos diversos odores, transmitiremos a palavra como receberemos as intuições.

O desenvolvimento mediúnico outra coisa não é senão o aprimoramento das faculdades sensoriais e a educação do comportamento do médium na hora do transe. Nesta altura ele revela as suas tendências, os seus pendores e as suas inclinações. A sua cultura, a educação e as suas faculdades intelectuais e morais serão exteriorizadas em toda a sua plenitude.

As psicoses oriundas do excesso de suscetibilidades com a sua torrente de inconveniências; o orgulho exagerado de um egoísmo atroz, bem como o estado permanente de desconfiança, que caracterizam o paranóico, além dos traumas mentais provenientes de comoções inesperadas, cedem aos poucos através da doutrinação constante como preparo para o desenvolvimento mediúnico.

Desenvolver o médium sem lhe retirar as arestas por via de permanente esclarecimento é o mesmo que chegar às mãos de um neófito um violino para que este execute uma partitura de um compositor célebre. E o fato de a mediunidade se revelar de modo inesperado, essa graça divina, como a concebem muitas criaturas, as razões são maiores para a doutrinação ininterrupta. Procedendo-se desta forma, a fraude e a mistificação serão reduzidas, os espetáculos desagradáveis diminuirão e os médiuns farão jus ao respeito que lhes tributarão os circunstantes.

Como está provado que o subconsciente influi poderosamente nos transes mediúnicos, a defumação e o banho de descarga, muito usados nos Terreiros, ajudam os médiuns a se livrarem dos maus pensamentos, armazenados na mente, resultantes das lutas cotidianas, dos conflitos de idéias e de desarmonias nos lares. Até a alimentação deve ser bastante sóbria, para que a elaboração no aparelho digestivo não perturbe o estado mental do médium.

Tudo isto que foi exposto não constitui novidade para os babaorixás e iaorixás, mas, como lembrete, notadamente para os médiuns em desenvolvimento, reputamos bastante oportuno.

Como é doloroso assistirmos, numa engira de Exus, os médiuns extravasando as suas frustrações, os seus recalques e as suas mágoas e paixões! Mostrando aos assistentes as suas deficiências e imperfeições, as suas ânsias e desejos represados. Revelando uma bondade inexistente e uma falsa humildade, como dissimulação de um caráter péssimo, fruto de maus hábitos adquiri-

dos na infância e mantidos na adolescência, por falta de amparo materno!

No desenvolvimento mediúnico a criatura, por mais dissimuladora que seja, não oculta, porque não pode, as suas mazelas ou virtudes.

É longo e penoso o trabalho desenvolvido pelo responsável nas sessões de desenvolvimento, a fim de transformar o diamante bruto em o mais brilhante dos minerais, pela técnica da lapidação. É u'a missão nobre e altruística, e por que não dizer divina, já que o médium é um veículo de ligação entre o profano e o divino?

Apenas como missionários, essas criaturas semanalmente estão a postos, como autênticos abnegados, enfrentando às vezes o que é de mais agreste, para receberem, depois, como prêmio, a ingratidão!

As sessões, de desenvolvimento mediúnico, são como escolas de aulas práticas, cujos professores, assistidos por eguns altamente evoluídos, aparam a arestas, sem alarde, de modo a não produzir na alma do aprendizando nenhum ressentimento pelo uso constante da foice de segar.

Como viram os nossos leitores, da educação dos médiuns e da sua lapidação no período de desenvolvimento, depende o êxito das engiras dos Elementais. Da educação dos médiuns e do esclarecimento dos assistentes, acrescentamos, a fim de que os elos dessa corrente de pensamento sejam idênticos.

Tudo o que escrevemos é o que de mais elementar existe em todos os setores desta religião, pois a nossa intenção é apenas colaborar com aqueles que estão no patamar da escada, mas desejosos de galgá-la ampara-

gos no corrimão seguro do esclarecimento. Se não abordamos matérias transcendentes é porque o nosso ciclo evolutivo ainda é muito primário. Praza aos céus, porém, que as sementes ora lançadas não caiam em terras sáfaras e possam germinar para gáudio dos umbandistas autênticos.

O desenvolvimento mediúnico para as engiras dos Elementais, como para os eguns em geral, equivale ao preparo de um piloto de avião para que ele tenha noção das grandes responsabilidades que lhe são confiadas. Sem o preparo teórico e prático no adestramento de um militar de nada valerão as armas de guerra, por mais modernas que sejam. E ninguém, por mais inteligente se revele, poderá fazer um transplante de coração sem estudar muito e praticar longamente a técnica operatória.

O médium é um elemento humano com tremenda responsabilidade entre o mundo terreno e o extraterreno. E confiar essa responsabilidade a uma criatura sem lhe dar toda a assistência prática, e sobretudo teórica, é o mesmo que confiar uma metralhadora, com toda a sua carga, nas mãos ingênuas de uma criança.

Estas severas advertências não são feitas para desestimular os incipientes, mas, para os alertar dos perigos que os rondam no período de iniciação. É que o médium, ainda em fase de preparação, pelo entusiasmo natural e tangido pelo desejo de aliviar o sofrimento alheio, entra em transe de modo indiscriminado e em ambientes inadequados, sujeito portanto, a toda sorte de insucessos. Por isso não é demais lembrar que o juramento de obediência feito pelo iniciando ao chefe da

Tenda, ou ao babaorixá de um Terreiro, é para ser cumprido sem tergiversações. E quanto mais intransigente se revelar o responsável pelo seu desenvolvimento, maior deve ser o acatamento que redundará, como é evidente, em benefício próprio.

É bom lembrar ainda, aos médiuns em desenvolvimento, que o seu responsável está sempre assistido por um egum missionário para tal mister. E que qualquer rebeldia, oculta ou ostensiva, fruto de fatores já mencionados no início deste capítulo, não lhes passa despercebida. Daí a série de penitências, de obrigações para os orixas, cuja finalidade reside unicamente em lhes quebrar a resistência, tornando-os dóceis e humildes.

A humildade é a base da Umbanda. Sem isto ela seria um simulacro de religião e não atingiria as alturas em que está colocada. Não fora a sua origem, que a alma do escravo semeou em terra rubra, pelo sangue derramado pelos nossos índios, ela não falaria esta linguagem que é ouvida e bem interpretada por gente de todas as partes do mundo, que aqui vive e sonha com o amor universal.

Ser médium é ser humilde. É saber renunciar aos prazeres mundanos trocando-os pela prática do bem em benefício dos sofredores, dos desesperados e dos que caminham de olhos vendados pela estrada maldita dos vícios que aniquilam a espécie humana.

Urge, pois, no período de desenvolvimento, dispensar ao médium muita ternura, paciência e tolerância, mas, exigir dele o máximo de obediência e de acatamento às instruções que lhe são dadas. Ilustrar as aulas através de exemplos e comparações pelos resultados

obtidos com as criaturas de fácil percepção, pelo desejo de progredir e a morosidade revelada pelos apáticos ou insubordinados. Ensinar-lhe a fazer autocrítica constante e a saber imitar as imagens refletidas pelos que evoluiram. Dar-lhe, em suma, um preparo prático e teórico a fim de que a sua missão seja cumprida de modo respeitoso e se não transforme em motivo de chacota. Isto feito, as incorporações não trarão esta série de inconveniências que começa pelos defeitos físicos inexistentes e termina pelo vocabulário deprimente, de que o Exu não participa. Portanto o aprimoramento mediúnico depende do instrutor, mas, acima de tudo, da tendência e da boa vontade reveladas pelo médium.

Não ignoramos o que o médium sente no imo, quando é bafejado por esse resplendor divino que o tange para o desenvolvimento. Quando prediz algo e acerta na predição ele se ilumina, e se as intuições são freqüentes e o fazem se estarrecer diante do fenômeno, percebe que alguma coisa de superior existe acima de suas faculdades intelectuais, mas quando age impulsionado por força estranha e vê diante de seus próprios olhos os resultados positivos ou negativos, então procura, como todo doente o faz, o médico que lhe inspire confiança. E assim, instruído por parentes ou amigos mais chegados, procura um Centro, Tenda ou Terreiro por onde irá descortinar um novo horizonte em sua vida terrena. Aí então, a engatinhar e depois com os primeiros passos, sempre amparado por mãos missionárias, vai palmilhando essa estrada alcatifada de rosas, cujos espinhos, ao feri-lo, o aperfeiçoarão.

Esta é a imagem verdadeira do legionário que se

inicia na grande cruzada umbandista, onde tremula a bandeira da renúncia, da abnegação, da humildade e do amor ao próximo. É o retrato fiel de uma cena que se repete há centenas de anos, e se repetirá por outros tantos, para que a Umbanda não pereça por falta de adestramento de seus exércitos.

A Umbanda é a única religião no mundo que não faz proselitismo. Não alardeia méritos nem apregoa vantagens para aumentar a sua comunidade. O seu dinamismo, silencioso, reside no que foi dito linhas acima. É o resplendor divino tangendo as criaturas para cumprirem a sagrada missão da mediunidade. Por isso ela cresce vertiginosamente, para dizer ao Mundo que a bondade existe. E a prova dessa existência está nas criaturas irascíveis que após desenvolverem as suas faculdades sensoriais, milagrosamente trocam a agressividade e a turbulência pela serenidade, numa demonstração eloqüente de que tais manifestações, na maioria, são frutos de uma mediunidade agreste e autênticamente inconsciente. Por isso é necessário encarecer, aos médiuns em desenvolvimento, que essa pérola divina é para ser apertada no côncavo da mão e guardada com muita avidez. Dizer-lhes que essa jóia marina que viera do fundo dos mares simboliza a cristalização das lágrimas derramadas pelos negros cativos e coloridas com o sangue tapuia. Lembrar-lhes, também, que a essa fase primária deve suceder a universitária, para que possam, mais tarde, atingir a cátedra. O que vale dizer que o aprimoramento constante da mediunidade resultará na sublimação que os transformará em médiuns ultrafânicos.

Embora raros, há médiuns ultrafânicos na Umbanda, lutando por ela em silêncio, mas transmitindo permanentemente as mensagens captadas que manam dos ciclos superiores. Levando para todos os setores da comunidade umbandista, como autênticos Embandas, o facho da luz que acrisola as almas sofredoras. Burilando, mesmo à distância, com o buril invisível e contundente por vezes, para o aperfeiçoamento desta religião no plano terreno.

Todo médium em desenvolvimento, portanto, deve aspirar a essa purificação através da meditação, e, sobretudo, do contemplativismo, para sentir a presença de Deus quando fitar o firmamento, quando se extasiar diante das florestas exuberantes e fremir ao ouvir a música eterna das águas das cachoeiras.

É por via da contemplação que o místico se despoja das impurezas materiais para merecer as graças divinas. E como todo médium é um místico, há que despertar nele o interesse pela contemplação às forças prodigiosas da Natureza. Admirando e contemplando a criação o homem sente a presença do Criador.

O médium não pode ser um elemento amorfo e estático porque registra, com mais sensibilidade, as manifestações de alegria, ou de tristeza, que dominam o seu semelhante, daí muitas pessoas, médiuns em potencial, evitarem comparecer a cerimônias fúnebres ou presenciar desastres com destroços de corpos humanos espalhados pelo chão. Traumatizam-se facilmente diante de qualquer tragédia como vibram, com mais intensidade, num ambiente alegre. Pois essa sensibilidade exagerada vai aos poucos cedendo através da educação mediúnica.

Nas engiras, próprias para desenvolver médiuns. há sempre palestras nesse sentido, antes de sua abertura, para que todos tomem conhecimento da matéria e saibam como contornar esses abalos morais. É que o médium, como portador dessas comoções, encontra dificuldade para entrar em sintonia com a vibratória estabelecida na engira. Daí os banhos de descarga que antecedem às engiras, e as defumações por que passa antes de entrar em transe.

Tudo que aqui está escrito não constitui nenhuma novidade para os médiuns já desenvolvidos, e muito menos para os babaorixás e iaorixás, mas para os incipientes ou neófitos, e para a curiosidade intelectual dos leitores, há muita coisa que pode ser aproveitada para si ou para o elemento mais próximo.

Procuramos desenvolver o tema na medida dos nossos conhecimentos hauridos nos clássicos e na experiência adquirida nos anos de militança. Demos subsídios, com ilustrações, para que os médiuns em desenvolvimento consultem os seus instrutores sobre a validade do que dissemos, em franco diálogo e não em termos de polêmica, para que a luz radiosa do esclarecimento encontre campo propício para o mútuo entendimento.

E finalizando o capítulo esperamos que os médiuns de hoje, em desenvolvimento, que serão os grandes místicos de amanhã, lutem também, com mais denodo ainda, para que os espetáculos degradantes, que tanto comprometem esta religião, diminuam ao máximo até à sua extinção total.

A engira dos Elementais é tão respeitável como a dos Eguns. Seu êxito depende exclusivamente da educação e do comportamento dos médiuns. E nenhum Exu, por mais atrasado que pareça, jamais viola as leis divinas para agradar aos que acalentm o sonho do perdão.

O consulente, por ignorância, pode admitir a transgressão dessas leis, mas os médiuns desenvolvidos, os que adquiriram a noção exata do que seja a lei de causas e efeitos, evitam claudicar porque sabem que a impunidade não produz eco junto aos Elementais. E é por isso, também, que muitos médiuns temem participar das engiras dos Exus.

Como viram os nossos leitores, essa graça divina denominada mediunidade, é uma rosa de caule muito espinhoso que requer cuidado de quem a colhe. Cuidado ao colhê-la e ao aspirar o seu perfume.

FANATISMO PELOS EXUS

O fanatismo é fruto de uma paixão doentia que o ser humano experimenta sem se aperceber dos males que lhe corroem a alma. No setor político, pelo excesso com que defende o ideal, a criatura não mede os perigos decorrentes e se lança às mais audaciosas aventuras. Arrisca-se, qual um cego, nas mais tenebrosas proezas sem avaliar, de pronto, o que lhe possa suceder em caso de fracasso. Excessivamente apaixonado, com a mente comprometida, o fanático se transforma num verdadeiro autômato sem poder medir o vulto da sua própria fantasia. É uma alma fraca, dominada pelo elemento fanatizante, incapaz de uma reação que a liberte das garras do compromisso inglório. A sua bravura e a sua coragem são presas do temor que o fanatizante lhe acena permanentemente. Por isto o fanático é uma criatura digna de comiseração.

No setor religioso o fanatismo é de tal sorte que o infeliz considera os crentes e fiéis das religiões oponentes como irreconciliáveis inimigos. As guerras religiosas, que sempre existiram, e existem ainda, sempre foram, e são, desencadeadas pelos fanáticos sem anuência, muitas vezes, das cúpulas dirigentes.

No seio das próprias religiões, por força desse excesso de crença que se transforma em fanatismo, surgem as mais nefandas intrigas e os mais comprometedores mexericos fazendo voar, pela janela, a fé estrebuchando no colo do demônio. A celebridade da intriga religiosa vem de priscas eras. Como filha unigênita do fanatismo, pela sua permanência nas Cortes muitos reis foram destronados, como muitos santos foram sacrificados pela sua nefasta atuação.

Por causa do fanatismo patriótico duas grandes guerras ceifaram milhões de vidas, bem como pelo fanatismo racista outras tantas continuam sendo sacrificadas.

No terreno sexual, desde a formação do Mundo, na porfia pela posse, o amor acendrado e a paixão mórbida levam o fanático à prática dos mais monstruosos crimes. Por isso o fanatismo é uma chaga incurável.

Na Umbanda, como é óbvio, pela beleza de seus rituais e sua envolvente liturgia, além do sentimento autêntico de fraternidade que ela faz brotar nas mais empedernidas das criaturas e que constitui a sua principal característica, o fanatismo se revela sem disfarce. É o amor que nasce pelo sacrifício na construção do Terreiro, a renúncia às obrigações sociais, a redução da assistência dos próprios lares pelo entusiasmo na prática da caridade, são os primeiros sintomas do fanatismo que as criaturas demonstram sem se aperceberem que estão sendo observadas. E se alguém lhes disser que estão fanatizadas elas reagem violentamente como se fora isso o maior dos insultos. Ignoram que, apesar

desse corolário de efeitos negativos, o fanatismo transformou pecadores em santos.

A exulatria é um fato dentro da Umbanda em virtude do muito que se apregoa em torno dos Elementais. A vibratória dos Exus, em que pese as opiniões divergentes, é a mais respeitável nas engiras desta religião. E tanto isto é verdade, que os próprios eguns missionários participam delas, embora distanciados, assistindo esse magnífico trabalho de psicoterapia coletiva.

Os conceitos variadíssimos em torno dos Exus residem precisamente numa época em que as afirmações se escudam mais nas interpretações ingênuas que propriamente no resultado da pesquisa e do estudo. Sejam eles vistos como agentes, maléficos, com poderes ilimitados que a razão não aceita, ou como agentes astrais intermediários entre o Bem e o Mal, prontos para quaisquer empreitadas segundo o interesse dos consulentes, o fato é que, como elementos fanatizantes, os Exus ocupam uma posição de realce dentro da Umbanda. Os médiuns, na sua maioria, dizem não gostar de dar passagem aos Exus, devido às vibrações fortes que lhes tolhem o autocontrole. É uma farsa, porque todo médium de Umbanda, desde a sua fase iniciática revela desejo de se identificar com a vibratória dos Elementais. O fascínio exercido pelos Exus junto aos consulentes, desperta nos médiuns uma espécie de vaidade íntima, uma manifestação inconsciente de atrair a admiração de todos, e, além disso, em virtude do conceito generalizado de que o médium só é perfeito quando trabalha com Exu.

É visível o fanatismo pelos Elementais quando é aberta a sua engira. A euforia brotada no semblante dos médiuns se confunde com a alegria dissimulada dos consulentes que vêem no Exu a instância superior para resolver os seus problemas. Por isso as engiras dos Exus, notadamente as realizadas às segundas-feiras, contam com um número maior de médiuns, como também a freqüência se torna mais expressiva pela predominância do elemento feminino de boa representação social, como de cavalheiros possuidores dos mais variados interesses.

Os intelectuais, os pseudopesquisadores e os turistas que aportam a esses Terreiros, tocados pela curiosidade e que retornam sempre para completar estudos, bem como os que empolgados pelo espetáculo folclórico de rara beleza, também fazem os seus pedidos porque ninguém sobre a face da terra é imune ao sofrimento. Ninguém, repetimos, neste Planeta, caminha tranqüilo pelas ruas e vielas sem carregar aos ombros a sua cruz. E cada um julga esse instrumento de suplício, hoje símbolo de fé como quer o cristão, como injustiça divina. Poucos, ou nenhum, sabem que as causas podem ser recentes ou mesmo remotas. Não sabem, por ignorarem que a colheita é efeito e a causa é a semeadura. E, quando entram nos Terreiros, como cordeirinhos sob as patas cruéis dos lobos esfaimados e retornam como pássaros álacres ao romper das manhãs, sentem que algo milagroso ocorreu. Por isso voltam. Passam a freqüentar com assiduidade as engiras dos Exus sem se aperceberem que o fanatismo os ronda como libélula assanhada voejando sobre o brejo. Voltam acompanhados, como fazem as abelhas para sugar o néctar das

flores, ou como as formigas que se comunicam entre si quando descobrem fartas provisões. É a exulatria em todo seu esplendor e é o fanatismo que já se enraiza nas almas humanas, em desespero pelas crises contínuas, ou como eternos viandantes famintos e sedentos à procura de um oásis.

O tema, ao que nos parece, foi desenvolvido num prisma eminentemente analítico, mas sem o propósito de ferir suscetibilidades, pois o respeito que nutrimos pelos nossos semelhantes é idêntico ao que tributamos a nós mesmo. Aliás, fanáticos ou obcecados todos nós o somos por alguma coisa que lampeja diante de nossos olhos.

O ELEDÁ

Perispírito, segundo o conceito cardequiano, é um organismo homogêneo que desempenha todas as funções da alma, ou melhor, da vida separada do corpo. Chamam-no anjo da guarda os católicos e lhe atribuem poderes de velar pelo destino de cada cristão. Na Umbanda ele se chama Eledá, sua função e seus poderes são idênticos mas acrescidos da condição de permanência ou de afastamento, segundo conduta das criaturas.

Vista, pois, pelo prisma analógico, a diferença entre ambos os princípios e esse último, reside no poder que lhe foi conferido pelo Criador de dar assistência permanente aos homens de comportamento exemplar ou de abandoná-los deixando-os à mercê das contingências. Esta é a interpretação exata do Eledá segundo os cânones umbandistas. É para ele que convergem todas as preocupações das iaorixás e dos babaorixás pela conduta revelada de seus filhos de santo. Por esta razão a assistência dos orixás e as comunicações dos eguns evoluídos dependem do Eledá dos médiuns. Por isso também nenhuma homenagem é prestada a um filho de fé sem antes se acender uma vela para o seu Eledá.

A presença de uma vela acesa no tabuleiro de santo, para recepcionar um babaorixá, uma iaorixá ou um ogã coroado, no ritual umbandista, muitas vezes é acompanhada de outra para que o visitante, caso não tenha consigo, acenda-a, para o Eledá do babaorixá ou da iaorixá que o recepciona.

Como já perceberam os nossos leitores, o Eledá é algo respeitadíssimo dentro desta religião ainda incompreendida pelos próprios umbandistas, tachada de magia negra pelos seus acérrimos inimigos e de folclore pelos que a não conhecem.

As obrigações nas matas, nas praias, nas encruzilhadas, nas cachoeiras, bem como nas pedreiras, nos rios ou nos jardins, para os respectivos orixás, correm parelha com o fortalecimento do Eledá que se revela pela obediência demonstrada, no seu cumprimento, pelos filhos de fé. O que vale dizer que tais obrigações, determinadas pelos eguns ou pelos babaorixás, ou iaorixás, são testes para medir a intensidade da fé, como também avaliar o comportamento das criaturas através da obediência revelada.

O homem que sabe obedecer caminha a passos firmes pela estrada do esclarecimento que o conduzirá ao êxito da empreitada. Mesmo que o seu condutor esteja em plano inferior, intelectual, social ou econômico, ele se curva às contingências com verdadeira humildade. Sabe acatar as ordens do superior momentâneo, como o aluno rico que se embevece diante da aula desenvolvida pelo professor pobre. Como se fora um filho intelectualizado a ouvir respeitosamente as ponderações do pai analfabeto.

A obediência por princípio e a humildade como base fizeram desta religião uma potência que já está a impor a sua soberania além das fronteiras de nossa pátria.

O Eledá se aproxima ou se afasta das criaturas pela natureza dos seus erros cometidos conscientemente, e, jamais, por influência de agentes maléficos induzidos por terceiros. Ele permanece velando pelo destino da criatura no plano terreno, em sintonia com os eguns missionários, mas não interfere na vontade e nas manifestações do instinto pelo respeito ao livre arbítrio concedido a todos os seres humanos pelo Criador.

A alma humana, essa essência imaterial que anima todos os corpos orgânicos, tem no Eledá, portanto, um agente propulsor que a auxilia para o desempenho cabal de suas funções. Bem comparado, o Eledá é um termômetro a registrar, permanentemente, as variações do caráter e do sentimento humano em todas as suas dimensões.

Esta frase comum, "segure o seu Eledá", pronunciada pelo babaorixás e iaorixás e dirigida aos médiuns, sintetiza o resultado do que foi observado na conduta de cada um. É uma advertência muito séria, porque o Eledá distanciado do médium resulta no afastamento do guia, ou egum missionário, dando lugar às manifestações por parte dos eguns zombeteiros ou turbulentos.

O médium inseguro, pelo afastamento do Eledá, é o mesmo que uma casa vazia, de portas abertas ao sabor dos vadios e dos depredadores. É um barco de hélice partida, sem comando e a vagar pelos mares com tripulantes irresponsáveis.

ipso fato, ele se afastará exigindo do médium uma série de obrigações e assentamentos que o faça voltar. E isto nenhum babaorixá, ou iaorixá, desconhece. E isto, também, não deverá ser ignorado pelos médiuns.

Explicar a lei das analogias através de ilustrações, no início das engiras, bem como da lei das afinidades, é muito importante para os médiuns não intelectualizados mas de fácil compreensão. É preciso, enfim, que todos os médiuns tenham noção exata ou aproximada ao que seja um Eledá.

SUPERSTIÇÃO

Os que se desviam dos princípios religiosos para admitir poderes sobrenaturais a diversos objetos, bem como os que se revelam temerosos por coisas vãs, são supersticiosos, e, portanto, de personalidade comprometida perante as pessoas de razão esclarecida.

Não é somente no meio inculto onde a incidência do mal apresenta tantas vítimas. Paradoxalmente a superstição produz mais ressonância nas criaturas intelectualizadas de ambos os sexos. E por incrível que pareça, o homem é mais suscetível à superstição, por preferir o abstrato, ao contrário da mulher que é idólatra por natureza. Enquanto ele pensa, raciocina, tritura filosoficamente o incognoscível dentro de uma nave religiosa, ela se detém em lágrimas a rezar o terço diante das imagens.

A mulher usa objetos inúteis apenas como adorno, mas, os homens usam-nos por superstição. Todo jogador é supersticioso como o caçador, como o viajante e como o ator.

Para muitas criaturas constitui aventura temerária realizar negócios, viajar de avião ou submeter-se a uma intervenção cirúrgica no mês de agosto. Antecipam ou adiam para o mês seguinte, para evitar desgosto. Não

discutem, aparentam tolerância e se revelam, por vezes, acovardados. O respeito, ou o medo, os domina inteiramente no mês de agosto, por ser ele fatídico para muita gente.

Pelas asas de pássaros fantásticos o supersticioso voa pelos céus de sua imaginação doentia, para descobrir a causa de sua desventura e termina por admitir que ela reside no mau olhar de uma pessoa amiga. Transforma-se por isso, em verdadeiro fantasma que são as sombras tenebrosas de sua própria fantasia.

Sua crença e sua fé estão simbolizadas na ferradura colocada à porta da cozinha, no argolão que exibe no dedo com a imagem do santo, no bentinho pendurado ao pescoço por uma corrente e toda a série de bugigangas que ostenta no corpo, no lar e nos locais de trabalho.

Se o fanatismo é uma chaga social, a superstição nada lhe fica a dever. Ambos se completam para toldar a razão, esse bem que as criaturas possuem para as distinguir dos irracionais.

No dia que os condutores de almas encararem o problema da superstição a sério, antes de quaisquer cerimônias religiosas, com palestras elucidativas, as religiões tomarão novas dimensões no âmbito educacional dos crentes e fiéis. Não basta incutir nas criaturas a necessidade de amar a Deus sobre todas as coisas, se não lhes mostrar os meios de se conhecer e de julgar através da razão esclarecida.

É triste e doloroso se ouvir, de homens altamente responsáveis, com assento no Senado de uma nação supercivilização, a declaração ingênua de que o fracasso de

uma das viagens à Lua fora em conseqüência de ter sido lançado o aparelho num dia aziago. Bastante dolorosa também foi a transferência da solenidade de inauguração de um viaduto neste Estado, porque a data prevista caíra no dia 13 e era sexta-feira.

Os supersticiosos intelectualizados, como paradoxo, colocam a superstição acima de suas convicções religiosas. Vemo-los na primeira sexta-feira do ano engrossando as filas de pseudofiéis, à porta da Igreja de São Sebastião para receberem a bênção dos frades, cognominados de barbadinhos.

As festas, com fogos de artifícios, que de alguns anos para cá são realizadas no dia 31 de dezembro, à beira das praias, em todo território nacional, com participação de muitos umbandistas homenageando Iemanjá, a deusa das águas, não contam apenas com estes últimos, mas, sim com a maior parte de supersticiosos que comparecem a fim de se livrarem do azar.

Vê-se, pelo exposto, bem como analisado através da história, que a superstição atravessou séculos e gerações e continua num desafio permanente a quaisquer fórmulas existentes que a possam destruir.

O uso das guias de aço pelos médiuns na vibratória dos Elementais, não constitui superstição, porque a sua finalidade é muito diferente. Mesmo porque todo umbandista autêntico, por força de muito esclarecimento recebido, não é supersticioso. A sua fé inquebrantável e o seu sentimento religioso pairam muito acima dessas paixões inferiores que comprometem a personalidade das criaturas.

Os que alimentam a superstição na vendagem cri-

minosa de bugigangas nada ficam a dever aos autores de opúsculos, e de livretos de baixa literatura, que incutem nas mentes desprevenidas poderes sobrenaturais, atribuídos a essas rezas e mandingas de que se valem os espertalhões de ambos os sexos.

A campanha contra a superstição tem que ser desenvolvida junto aos adolescentes, nos lares e nas escolas, nas naves religiosas e em todos os agrupamentos de jovens a fim de que eles cresçam já imunizados do mal. É preciso mostrar-lhes o quanto é ridículo um adulto supersticioso. Dar-lhes, enfim, em suas mãos, o facho de luz para que eles saiam das trevas por seus próprios pés.

A superstição pagã, no início do cristianismo, decaiu muito em virtude da catequização da plebe pelos evangelistas, mas reviveu como erva daninha por faltar aos grandes sacerdotes, de todas as religiões, a noção exata desse angustioso problema humano. Por isso assistimos, ainda neste findar de século, a criaturas religiosas, e sobretudo cultas, revelando através da dissimulação o quanto são supersticiosas.

É válido, portanto, o nosso apelo dentro deste capítulo para que a campanha desenvolvida no início da era cristã reviva com mais arrebatamento, através da palavra escrita ou falada, dentro e fora das religiões.

Essa semeadura deve ser iniciada já, para que germine amanhã, floresça e dê frutos para as gerações futuras como precioso legado à posteridade e como documento vivo de que a Umbanda não se fez omissa.

A significação das imagens e das cenas desenroladas durante o sono das criaturas, desde épocas imemoriais, a constituir motivo de apreensão ou de alegre expectativa para o sonhador, varia, como é evidente, de acordo com a sua natureza e a sua interpretação.

A oniromancia, isto é, a adivinhação por via dos sonhos, é vista por dois ângulos distintos. Um como fenômeno natural, fruto da elaboração difícil dos alimentos, no aparelho digestivo, ou pela febre noturna a produzir delírio, outro, para os que acreditam na fenomenologia extraterrena. Ambos os ângulos, para os interpretadores, merecem o mesmo respeito e acatamento, segundo o material colhido para os devidos estudos.

Para os que acreditam na fenomenologia extraterrena, como comunicação dos eguns que se valem do estado de imobilidade do paciente pelo sono, atuando-lhes na parte sensorial, o sonho é interpretado como fruto da mediunidade sonambúlica. Por isso a profetização por via dos sonhos é tão respeitável como são as predições através da mediunidade intuitiva.

Os antigos profetizavam por meio dos sonhos, tal como ocorre hoje com os oniromantes modernos. Até os sonhos infantis são acatados pelos interpretadores ape-

sar da sua forma ingênua de narração, mas, muitas vezes rica de material para os respectivos estudos.

A onirocricia é uma arte segundo a sua definição clássica, mas, vista sob um prisma filosófico para os que procuram descobrir as suas verdadeiras dimensões, ela é um pouco mais transcendente do que parece.

São inúmeras e incontáveis as profetizações por via dos sonhos e que passam despercebidas pelo desinteresse de sua catalogação pelos estudiosos e interpretadores. Há fatos históricos, de repercussão internacional, realizados muito após terem sido sonhados por criaturas humildes. Muita coisa de alta relevância no mundo político, com resultados trágicos foi profetizada através do sonho e consumada muito tempo depois de ser sonhada por crianças de vera pureza.

Assistimos, certa vez, um menino de onze anos dizer, numa roda de amigos de seus familiares que tivera um pesadelo horrível, pois vira vagando pelo mar muitas tábuas e caixotes em conseqüência de um naufrágio ocorrido numa noite muito escura. Quinze dias depois a nação era abalada pelo torpedeamento de um de seus navios e a cujo bordo se encontrava um jovem oficial que perecera e que era genro de um dos cavalheiros que ouvira a narração do sonho.

São tantos e tais os sonhos proféticos que ocorrem diariamente, que seria fastidioso fazer citações. Bastaria, apenas como ilustração do tema abordado, a variedade de sonhos com as suas respectivas interpretações aparentemente exóticas, mas perfeitamente aceitáveis pelos resultados positivos. Sonhar, por exemplo, com ovos, é intriga em perspectiva, é traição à vista. Com sapato é

defunto próximo ou distante. Sonhar com dente é notícia de morte de pessoa muito chegada por amizade ou parentesco. Ter sonho com criancinha é briga na certa. Sonhar com excremento é fartura de dinheiro para breve, bem como sonhar com piolho é contar com os momentos mais alegres da vida.

Infindável é o número de criaturas que acertaram no jogo através dos algarismos que numeram as sepulturas de amigos ou parentes, que lhes apareceram em sonho. Muitos negócios de vulto deixaram de ser realizados, por força de avisos recebidos por via do sonho.

Há criaturas incultas e analfabetas por excelência que são magistrais na interpretação dos sonhos. Jogam com as imagens e as cenas desenroladas no sonho, com tal proficiência, que acertam espetacularmente nas predições. Desconhecem o que seja função orgânica, fermentação do bolo alimentar, vapor gasoso, bem como ignoram os fenômenos reflexivos desses distúrbios durante a imobilidade das criaturas imposta pelo sono. Não lhes interessa a causa, mas, sim, o efeito. Sonhou com carnaval, ou com alguém fantasiado, que se prepare para um grande desgosto.

Na Umbanda há a crença de que existe um agente astral responsável por essas mensagens e avisos sonambúlicos. Não é uma divindade nem tampouco um egum. Possivelmente, como agente astral, deve ser da vibratória dos Elementais, bafejado pela luz de Ifá, que corresponde a uma graça proporcionada pelo Divino Espírito Santo. É uma hipótese aceitável em virtude da lenda conhecida dentro desta religião. Seu nome é Orumilá.

Diz a lenda que "Elegbá fora afastado da Corte Celestial porque se insurgira contra a onipotência de Olorum, o Deus dos deuses, o Criador. Em oposição permanente às ordens supremas passou a chefiar a vibratória malé-fica, e, para se insinuar junto aos ingênuos, propalava possuir os mesmos poderes do Criador. E, assim, profetizava como concedia aos seus súditos o direito de adivinhar com o propósito de aumentar, cada vez mais, a sua imensa corrente de adeptos. Diante porém, dessa rebeldia de Elegbá, uma luz forte apareceu a Orumilá, que caminhava por aquela estrada maldita, e fê-lo parar. E disse-lhe:

— "Eu sou Ifá, único mensageiro de Olorum. Doravante somente vós podereis profetizar, adivinhar ou predizer através dos imobilizados pelo sono".

Das três lendas, que conhecemos sobre Orumilá, esta foi a que mereceu a nossa preferência pela delicadeza de sua narração. As outras, como as demais, que constituem acervo paupérrimo para a mitologia umbandista, pelas incoerências e disparates foram para o monturo das coisas imprestáveis.

E ao terminar o capítulo fazemos votos para que os nossos leitores não se deixem impressionar pelos sonhos sem os interpretar com o devido respeito que eles merecem. E lembrar também que o sonho ainda é uma das melhores coisas da vida.

O DE-KÁ

Receber o diploma, para quem termina um curso de especialização, é uma ambição natural, e bastante respeitável, porque constitui uma credencial no campo de ação social. Embora saibamos que o hábito não faz o monge, posto que há criaturas sem títulos cuja cultura as diviniza, todavia, sem entrar no mérito da capacidade real de quem o porta, o pergaminho, ou diploma, é uma necessidade no âmbito das relações humanas.

A exigência da apresentação do diploma afasta a concorrência dos charlatães que pululam em todos os setores da vida profissional. O diploma, enfim, quando autêntico, é claro, confere à criatura todos os direitos e regalias concernentes ao assunto em que é versada.

Na Umbanda, apesar de não existir Universidade oficial, o diploma é concedido ao candidato com alguma solenidade dentro do Terreiro onde terminou o seu preparo na carreira sacerdotal, mas com a presença de vários titulares, na base da confirmação pelos conhecimentos por ele revelados. E esse pergaminho, ou diploma, chama-se De-Ká.

Quando a condição econômica do titulando é promissora, ou desfruta de boa cobertura através de exce-

lente campanha financeira, a cerimônia de entrega do De-Ká se reveste de brilho incomum. A ela comparece o maior número possível de babalorixás, como também os Terreiros convidados colaboram com as indumentárias coloridas do seu corpo mediúnico. O ritual é cumprido em toda sua extensão e o diplomando revela, na oportunidade, os conhecimentos obtidos desde a sua iniciação.

O De-Ká, esse símbolo de confirmação sacerdotal, não é constituído de papel apergaminhado, e com dizeres impressos à máquina, como muita gente supõe. Ele é feito de pergaminho autêntico, isto é, com pele de carneiro ou de cabrito e com os pontos riscados dos orixás à base de ponteiros ou punhais, acrescido do axê preparado pelo santo. Só o recebe quem foi iniciado e completou, no mesmo abacê, todos os conhecimentos para a carreira de sacerdote. Tal exigência, aparentemente exagerada, é perfeitamente compreensível, porque o novo titular é o substituto eventual do babaorixá que lhe transmite todos os segredos referentes à vida do Terreiro e do Culto.

Ao contrário do que ocorre na vida profana com os portadores de títulos, de diplomas e demais honrarias, que os tornam vaidosos e intragáveis no convívio social, o sacerdote umbandista prima por uma humildade cativante, inspirada no sofrimento e nas lágrimas derramadas pelos cativos. O De-Ká simboliza todo um passado de renúncia e de obediência dentro do Culto; de um aprendizado férreo para saber resistir às ondas de pecado que envolvem os desprevenidos, mas, dentro dele, em

linguagem oculta, gravada com a ponta de aço do ponteiro, fulgura a mensagem divina de todos os orixás desta religião.

A vaidade e o orgulho pela posse do De-Ká não encontram guarida na mente, nem no coração do titulando, mas se revelam como faíscas de oiro tremeluzindo no semblante de seus amigos e admiradores.

Quando o novo babaorixá recebe essa insígnia sagrada ele o faz com a cabeça pendida sobre o peito e com os joelhos dobrados e pousados no chão, numa demonstração eloqüente de extremada humildade.

É de tal maneira tocante a cerimônia, que no momento que lhe chega às mãos a ambicionada relíquia, as palmas dos circunstantes estrugem, numa confusão com os estampidos dos fogos, com as pétalas de flores que caem sobre a sua fronte e com as lágrimas de alegria dos assistentes. O De-Ká lhe chega às mãos com os atabaques rumorejando, com o fumeiro exalando o aroma de plantas e raízes odoríferas e com as glândulas lacrimais fazendo fluir, pelas faces dos amigos e parentes, esse líquido extraordinário que fala pelos sentimentos humanos na tristeza ou na alegria.

É um espetáculo grandioso para quem o assiste e sabe participar dessa euforia contagiante.

Os cerimoniais da Umbanda são sempre belos e atraentes, porque a poesia canta em seu ritual como se fora um monte de pedras preciosas, de vários matizes, a tremeluzir policromicamente diante de nossos olhos.

Os rituais e as liturgias umbandistas, em que pese a sua natureza selvática e plebéia, são majestosos e de

deslumbrante beleza. São como flores silvestres, inebriantes pelo aroma que emanam, mas cheias de ternura para com aquelas que não exalam perfume. São como pássaros que nascem e crescem nas florestas e nos deslumbram na copa de gigantescas palmeiras com o seu divinal gorgeio.

Assistir à solenidade de entrega do De-Ká vale por um convite à meditação. Faz-nos sentir a grandeza de alma de quem troca a vida de prazeres mundanos, cheia de aventuras e de gozo material, pela rudeza e sobriedade, pelo sacrifício imposto pela renúncia. Despertados do sono mirífico, dessa fantasia ilusória e falaz, brotada na adolescência e que só se desfaz através das desilusões.

O De-Ká não é um simples diploma de formatura ou título conquistado por mercê da nobreza, mas, um símbolo místico, conferido a quem na Terra se fizera merecedor.

Não é da competência das organizações federativas a concessão do De-Ká, embora devam participar da solenidade, mas exclusivamente da alçada do alufá, ou babaorixá do Terreiro, onde o titulando se iniciou.

O portador do De-Ká é um sacerdote legítimo, de direito e de fato, e seu título é *ad aeternam* no tempo e no espaço. Por isso há necessidade de estudar essas particularidades da religião para que se não ponderem, em torno delas, conceitos errôneos, e, por vezes, depreciativos.

Essas filigranas, adjetivo com o qual costumam nos brindar certos "conhecedores", precisam de ser carinho-

samente recebidos porque podem lhes faltar nos momentos precisos. O conceito sobre Exu, feito por quem é portador de um autêntico De-Ká, é bem diferente daqueles que tentam a cátedra sem conhecer bem o curso primário.

É este, pois, o famoso De-Ká, tão mencionado por tantos e pouco conhecido por muitos.

O DARRUM

Interpretar não é endossar o que se ouviu, ou o que se leu de relance, sem raciocinar e sem se tirar o sentido claro das coisas. Os conhecimentos são frutos do que se viu, do que se ouviu e do que se leu, mas para que eles sejam sólidos, é necessário deduzir muitas vezes até chegar-se à conclusão lógica. Este deve ser o comportamento das criaturas inteligentes que desejam saber. Fora disso é caminhar de antolhos, sobraçando livros e tratados clássicos por mera exibição de intelectualidade.

Fazer citações de mestres, e de escritores renomados, a fim de revelar erudição, é prova de obtusidade mental, pois o que convence o leitor, ou ao ouvinte, é a segurança do conhecimento revelado através dos estudos acurados e das observações constantes em torno das matérias abordadas.

Sobre o Darrum, objeto deste capítulo, ouvem-se as mais disparatadas interpretações em virtude do que foi dito linhas acima. E como o Darrum faz parte do eró da religião, os babaorixás e iaorixás que o conhecem evitam popularizá-lo, pelo respeito nutrido aos segredos do santo. Por isso pouca gente sabe sobre o seu real significado.

Se temos, ou não, permissão para revelá-lo, é assunto inteiramente nosso. Fazemo-lo com a mais alevantada e nobre das intenções e porque sabemos, também, que por via do que escrevemos ninguém será sacerdote da Umbanda, sem se submeter aos processos da iniciação.

O toque de chamamento pelo tambor feito para os filhos de santo residentes nas proximidades do Terreiro, puramente de ação material, é tido por muitos como Darrum.

Há criaturas muito fáceis de cair em estado de abstração durante o trabalho, nas horas de refeição, e, até, quando caminham pelas ruas. Essa distração momentânea, fruto do isolamento das coisas ligadas à mente, aliás bastante perigosa para os médiuns em desenvolvimento, dá azo à aproximação de eguns de toda natureza, que vagueiam pela litosfera com destino incerto. Por isso, para o desenvolvimento mediúnico das criaturas, sempre preferimos forçá-las à abstração por ser mais eficiente a incorporação, do que à concentração, forma clássica empregada em vários Centros e Tendas.

Pela explicação ligeira, dada sobre a abstração, é fácil compreender por que muitas pessoas, inconscientemente, se desviam do rumo tomado e se enveredam por outros caminhos com resultados os mais diversos. Pois essas criaturas que se abstraem facilmente, são tangidas por eguns que delas se aproximam pela lei das afinidades e fazem-nas cometer boas ou más ações.

Pois o Darrum outra coisa não é senão o chamamento dos médiuns através dos eguns.

Quando o médium se desvia de seus deveres para com o santo, faltando às engiras para o cumprimento de sua missão, o toque de chamamento não é feito por via dos atabaques, mas através de uma engira especial, para atração do seu guia a fim de tangê-lo para o Terreiro. E esta é a definição exata do Darrum.

Como somos visceralmente contra a aplicação dos vocábulos em sentido figurado, notadamente no que se relaciona à Umbanda, procuramos mostrar a diferença entre o chamamento por via do tambor e o que é feito através dos eguns, numa engira adrede preparada para tal fim.

O toque de tambor, como chamamento dos filhos de fé, é idêntico ao toque da corneta numa corporação militar, ao repicar dos sinos das igrejas e ao gongo das religiões orientais. Chamar esse toque de Darrum, por analogia entre ele, que é de ação puramente material, e esse outro que é o verdadeiro, para a atração do guia do médium, é a causa dessas confusões que levam os próprios filhos de fé a dizer constantemente que há muita controvérsia nas interpretações e que a literatura umbandista é confusa.

A ânsia de conhecer, em poucas horas, aquilo que os mestres levaram anos para aprender através da militança, é um fenômeno natural, em todos os setores da vida, porém as desvantagens, decorrentes desse método de aprendizagem fácil são que o aprendizando se transforma em elemento muito versátil, mas infelizmente sem estrutura.

As tertúlias entre amigos, sobre temas umbandistas, mostram como são escassos o poder de assimilação

momentânea e a capacidade de interpretar através do raciocínio rápido, dissimulados em perguntas de algibeira que se transformam, muitas vezes, em desacato. Formulam perguntas, uma após outra, transformando o diálogo amistoso em debate, sem possuírem os requisitos necessários para tais embates. Depois, ardilosamente, serenam a impetuosidade e se despedem vitoriosos, levando consigo a essência do que extraíram mas que se evola no caminho, pela deficiência do invólucro.

O leitor perspicaz percebe a segurança da mensagem, pela solidez de sua explanação, como não ignora a versatilidade inconsistente, por ausência de base de quem a transmite.

A confusão de fato existe, mas urge conhecer-lhe a causa, que reside precisamente no que foi exposto.

O Darrum é isto, tal como foi explicado, em síntese. embora tenhamos divagado algumas vezes, com a intenção de ilustrar o capítulo.

Há muita gente que cerca de mistérios determinadas coisas para que elas não se vulgarizem. Temem o calor das ruas asfaltadas porque elas não deixam que as águas das chuvas penetrem no seio da terra, ao contrário do que ocorre nos caminhos de terra batida, ornados de gramínea silvestre, com árvores sempre verdes, beijadas pelo sol e acariciadas pela lua e por onde os poetas ouvem as vozes dos deuses através da garganta dos pintassilgos, das asas voluptuosas dos colibris e do perfume que os lírios emanam. Evitam que mãos profanas os toquem e corrompam a sua finalidade divina de conduzir os homens pelas estradas luminosas da meditação, para sentir a presença do Criador. Guar-

dam avaramente esse precioso relicário, pelo medo que lhes inspiram os aventureiros e farsantes. Com isto justificam o porquê desse mistérios. E afirmam ainda que os que tentarem desvendá-los, para fins escusos, terão mil anos de penar.

De fato o Eró da Umbanda deve ser resguardado da curiosidade dos leigos, mas entre segredo e mistério há muita coisa que os separa.

Como viram os nossos leitores, o Darrum nada tem de misterioso. É apenas uma cerimônia, realizada ocultamente, com a finalidade de fazer retornar ao rebanho uma ovelha desgarrada.

ÉTIMOLOGIA

Qualquer léxico, etimológico, registra a interjeição oxalá como vocábulo genuinamente vernacular, mas de origem árabe e de significação idêntica. Foi da interjeição *insha-Allah,* que significa queira Deus, para os muçulmanos, que as tribos nigerianas convertidas ao islamismo passaram a adotá-la, tal como ocorreu conosco. Portanto, oxalá, em que pese o seu sentido místico, pela adaptação aceita e admitida pela maioria absoluta dos umbandistas, como a personificação de Cristo, não encontra apoio na teogonia afra.

A religião iorubana, rica pela sua mitologia milenar, não sofreu nenhuma influência cristã, por isso em sua teogonia não consta nenhuma divindade com o nome de Oxalá. Mesmo porque, quando o cristianismo chegou às tribos nigerianas, já lá estava o islamismo as dominando, por força de uma catequese ininterrupta, para transformar, como transformou a Nigéria, numa nação com sessenta e cinco por cento de islamitas. E o cristianismo, em minoria absoluta, não influiu, como poderia, na religião nativa, como muita gente pensa. De qualquer modo, porém, em face do sincretismo religioso em nossa Pátria, bem como pela similitude criada no período colonizador, Oxalá é a personificação de

Cristo acrescido de outros vocábulos, tais como Oxaláguiam e Oxalafam, para personificá-Lo como Jesus Menino e Jesus Crucificado.

Com essas interpretações, históricas e etimológicas, sobre sese vocábulo, nenhum umbandista terá mais dúvidas a respeito de sua origem eminentemente árabe e nunca iorubana. E quanto à similitude, fenômeno histórico-religioso verificado no período de evangelização dos negros, Oxalá será sempre Jesus, enquanto perdurar na alma dos umbandistas o sentimento cristão que caracteriza a sua formação inicial.

É de tal maneira grande a influência da língua árabe nos vocábulos usados na Umbanda, que não poderíamos deixar de mencionar alguns, não só porque o capítulo comporta, como também pela continência prestada ao leitor. Assim temos o vocábulo *orí*, que significa cabeça no dialeto iorubano, que acrescido do vocábulo árabe xá, que quer dizer soberano, compõem a palavra orixá. Orixá então é interpretado como cabeça soberana, que em última análise é qualquer coisa que significa maior, e que corresponde ao santo dentro da Umbanda. E como os santos são semideuses, conseqüentemente o orixá é um semideus. Isto posto, se acrescentarmos o vocábulo *Allah* que quer dizer Deus em árabe, teremos a palavra composta de Orixalá que significa portanto algo muito acima do semideus, ou seja, um dos deuses do grande panteão afro.

Todos os deuses são orixalás e todos os semideuses são orixás. É um erro afirmar que os orixás são forças da Natureza. Os orixalás é que são as forças da Natureza divinizadas.

porque estas, em enxames, nos atacam quando pretendemos lhes violar a colméia. É uma hipótese, apenas, que formulamos ao cabo de tantas pesquisas ao longo de muitos anos de militança e de ativa participação no setor da cultura desta religião.

Há dicionários, que se dizem modernos, cujos responsáveis apresentam Umbanda como sinônimo de Quimbanda e Exu como nome de orixá e de espírito maligno na macumba. Com tais arremedos de léxico, o estudioso jamais abrirá as portas dos conhecimentos humanos. Parece que seus autores guardam dentro de si alguma mágoa da religião, ou então é porque lhes falta o necessário gabarito para a lexicologia.

Para o estudioso, autêntico, o dicionário é como se fora uma bússola, em mãos de um navegante, que pretende sulcar os mares com destino certo. É o peso, ou a medida, com que se conta para se ter um resultado exato. Por isso, quem não se escudar num bom léxico, cairá no círculo vicioso das interpretações erradas.

Tal como os vocábulos citados temos a palavra *bacuro* que alguns escritores apresentam como sinônimo de divindade de terceira categoria. Entretanto ele é uma corruptela de bácoro, que significa porco, em puro vernáculo.

Em trabalhos anteriores mostramos, com provas exuberantes, que *aruanda* é corruptela de Ruanda, nome de uma nação da África Central, cujo *r* inicial deve ser pronunciado como se ele estivesse entre vogais. Além de mal escrito e mal pronunciado, lhe dão o significado errado de ***plano astral*** ou ***espaço sideral.***

Que haja erros de prosódia e interpretações errôneas, onde o conhecimento não chegou, é perfeitamente admissível, mas insistir neles, depois de tanto esclarecimento, por insubordinação, e até por despeito, é crime de lesa-inteligência e para o qual não há *má-leme*.

A campanha que encetamos para melhorar o nível intelectual, em todos os setores desta religião, conta com reduzido número de adeptos, bem o sabemos, por força de ser antipática, mas há um consolo quando ouvimos, embora muito distante, em ondas sonoras, a sua repetição.

É com indizível alegria que hoje vemos e ouvimos *obsidiados* e não obsedados, *engira* e não gira, bem como *ibejiada e* não beijada, como eram escritas e pronunciadas estas palavras. Animam-nos tais exemplos para que prossigamos nesta cruzada de esclarecimento, para que as gerações porvindouras não nos acoimem de preguiçosos e omissos.

A sinceridade de propósitos, a nobreza do ideal e a elevação do objetivo falam, nas páginas de um livro, como o pai esclarecido que ama a seus filhos e lhes deseja o melhor. Por isso continuaremos, certos de que esta bendita corrente irá aumentando os seus elos, embora saibamos quão infinda é a estrada.

Conhecer o étimo das palavras, tido pelos avessos à cultura como filigranas, é uma necessidade, porque ele representa a chave com a qual abrimos as portas dos conhecimentos até então envoltos em densas névoas de mistério.

Graças ao estudo da etimologia ninguém mais ignora que **Umbanda é vocábulo angolano**, de origem

quimbundo, e significa arte de curar. Ninguém mais desconhece que Quimbanda é palavra da mesma origem e quer dizer curandeiro. Já se sabe, do mesmo modo, que *mironga* é corruptela de milonga, também originária do quimbundo e significa intriga e não mistério, como é tido pela maioria umbandista.

Escrever certo, e pronunciar certo, deve ser o comportamento de todos que ingressarem nesta cruzada, que resplandece pelo fulgor das vibratórias dos eguns missionários e pela flamância que mana dos Elementais.

Os erros, consagrados pela tradição, hão de ser revistos para que a Umbanda se assente num pedestal de cultura e venha desfrutar do prestígio que ela merece no âmbito social, como religião de fato e de direito. Para tanto, porém, há que se destruir esse foco de vaidade, de despeito e de intrigas urdidas pelas paixões mesquinhas. Há que se chegar a um denominador comum, através da autocrítica coletiva. E isto acontecerá, temos certeza, porque a Umbanda, perfeita na sua essência, fará refletir, por via de jatos contínuos, a luz esplendente da sabedoria sobre as pálpebras endurecidas dos que a maculam pela ignorância e pela teimosia.

Os nomes dos Elementais, cuja nomenclatura tem origem num passado remoto em que a incultura da época participou afastada da razão, serão revistos paulatinamente pelos próprios médiuns, que os modificarão sem lhes alterar a forma e a espécie. Somente com a influência pessoal se abreviará o tempo para que esse conjunto de vibratórias, que constitui a Umbanda, adquira nova roupagem condizente com a sua evolução no mundo terreno.

Esses Elementais, ou Agentes Astrais que fixam as imagens errantes, segundo os ocultistas, na Umbanda são chamados de Exus. Cada um deles é batizado com o nome que aflora dos lábios do próprio médium, que exterioriza a sua simpatia oculta no subconsciente. O que vale dizer que os nomes extravagantes correm por conta dos médiuns que, por seu turno, são influenciados pelo meio ambiente.

Graças, pois, ao estudo da origem dos vocábulos, ou melhor, da etimologia, trouxemos à luz muita coisa que sempre vivera em penumbra, mas tida e havida como mistério.

De há muito, coerentes com o que pensamos a respeito do vocabulário umbandista, por força do que se ouve e do que se lê, verdadeiros disparates pelas interpretações etimológicas e históricas das palavras, que resolvemos sempre citar os termos usados na Umbanda com as respectivas corrigendas. O vocábulo *paranga*, por exemplo, endossado por muitos líderes como sinônimo de ciclo pré-histórico ou de região longínqua onde são abrigados os bem-aventurados, é originário do dialeto nheengatu da língua tupi, como corruptela de *poranga* e que quer dizer belo. Ouve-se a palavra *maza* que significa água, mas ignora-se que ela é do dialeto cafre, de uma tribo moçambicana, e que o correto é madza.

Corrompe-se as palavras e deturpa-se os seus significados porque escrever direito, e pronunciar bem, para alguns, é pedantismo. Não lhes interessa a forma correta de escrever ou dizer, mas sim o de serem respeitados ao alardearem poderes sobrenaturais que não

possuem. Por isso decoram as terminologias, indistintamente, e usam-nas com freqüência para impressionarem os papalvos que deles se aproximam na ânsia de aprender.

Através de vários meios de comunicação, tais como palestras ao vivo, bem como nos jornais, nas rádios e nos livros, mostramos o erro clamoroso ao se chamar uma sacerdotisa desta religião de *babá*. Este vocábulo é de origem iorubana e quer dizer pai, tal como *iá* que significa mãe nesse mesmo dialeto. Ao acrescentarmos neles o vocábulo *orixá*, que significa santo, teremos a palavra composta babaorixá ou iaorixá, pai-de-santo e mãe-de-santo, respectivamente. Entretanto insiste-se em lhes acrescentar, indevidamente, um *l* intermediário, pronunciando-se babalorixá e ialorixá.

Estas citações, como ilustração do tema deste capítulo, são um nada diante do volume de sandices que lemos, vemos e ouvimos constantemente, sem poder corrigir na hora, para não sermos alvos da vibratória do ódio e do despeito que partiria dos atingidos.

Se não é fácil conhecer bem um dialeto africano, muito mais difícil conhecer com perfeição todos eles juntos. Daí o advogarmos, como sempre o fizemos, o uso exclusivo do vernáculo, ressalvando-se, como é evidente, os vocábulos intraduzíveis e os que já se incorporaram, pela tradição, à terminologia umbandista.

Escreva-se, pois, e fale-se com a devida correção, dentro e fora das engiras, mas use-se ao máximo o idioma pátrio por ser mais acessível a todos, diminuindo-se, inclusive, o ridículo em que se é exposto diante dos que sabem melhor do que nós.

O estudo da etimologia é para os eruditos, para os estudiosos e pesquisadores, mas nós, ignorantes, tangidos pela curiosidade intelectual, também temos acesso nele porque a sua luz desconhece privilegiados.

Através da etimologia encontramos a origem dos Elementais e da sua constituição. Por via do estudo etimológico descobrimos a origem do vocábulo Exu. Por meio do étimo das palavras e da sua analogia com outras, desvendamos alguns mistérios. E é para esse foco de onde manam tantos raios luminosos que procuramos conduzir os que preferem a nossa companhia, humilde, mas sincera.

MÃO-DE-OFÁ

Ouó, do dialeto ioruba, quer dizer mão, e ofá, da mesma origem, significa erva, raiz ou planta medicinal. Ouó ofá, portanto, é mão que colhe ervas, ou melhor, ervateiro em vernáculo.

O tratamento de enfermidades, ou de ferimentos, desde épocas imemoriais, sempre foi à base de plantas por via das folhas ou raízes. Até hoje os óleos, ungüentos, pomadas, comprimidos e injeções são fabricados das infusões e cozimento de ervas e de raízes medicinais.

As aves e os pássaros, bem como todos os habitantes das selvas, conhecem o efeito adstringente ou laxativo dos frutos, das gramíneas ou das folhas silvestres. Ninguém lhes ensinou a arte de curar, mas conhecem perfeitamente os efeitos através da experiência.

Os homens das selvas, especializados em pensar feridas e tratamento de doenças de seus semelhantes, denominados curandeiros, ou quimbandas pela terminologia dos bundos, de Angola, além de curar as doenças do corpo curam também as doenças da mente por via do misticismo. Por isso são acoimados de feiticeiros e de bruxos, pelos métodos adotados, mas seriam psicanalistas, psiquiatras ou parapsicologistas se usassem colarinho e gravata.

O curandeiro, ou o quimbanda, antes de o ser, tem que aprender muito para exercer o ofício, pois de suas mãos e de sua assistência dependem a saúde e a vida de seus irmãos tribais. O quimbanda, portanto, tem que ser um exímio mão-de-ofá.

As ervas, de efeito sonífero, com as quais os caçadores preparam as suas flechas, são colhidas pelo mão-de-ofá. Por sua capacidade, na combinação de plantas e raízes aromáticas, são criados vários tipos de defumação condizentes com as respectivas finalidades. Desde o defumador de cheiro acre, para afastar fluidos maléficos que obsidiam as criaturas, aos mais doces e agradáveis e por cujo aroma somos conduzidos ao regaço divino do Senhor.

Por meio do fumo que se evola os nossos pensamentos alcançam, em vôos ultra-sônicos, todas as regiões longínquas da abóbada celeste. Vai-se, como que montado em alados corcéis, de estrela em estrela, para se cair em êxtase após ouvi-las em seus idílicos diálogos.

Não fora o mão-de-ofá um místico as nossas almas continuariam presas e imóveis, junto desse monturo de imperfeições, ao lado de tantas impurezas de fétidos odores, sentindo e ouvindo as mais torpes blasfêmias.

O devaneio é um sonho mirífico, próprio dos poetas que sabem lantejoular o manto de sua fantasia com os diamantes multifacetados do seu prodigioso talento. É por isso que ele, somente ele, tem o poder de dialogar com as estrelas, ouvir o grito estridente das manhãs de sol e interpretar as mensagens silenciosas da lua quan-

do bruxuleiam nas estradas de terra batida os cascalhos multicoloridos de malacacheta e de minúsculos cristais.

Tocadas pela defumação, as nossas almas esquecem este mundo de desilusão, para sentir a fragrância que os lírios emanam e que os deuses aspiram. E quando retornam, da rápida viagem, nos mostram a necessidade da dor como imperativo de aperfeiçoamento.

Nenhuma Tenda, Centro ou Terreiro, dispensa a defumação inicial para a abertura das engiras por não ignorar o seu efeito psicológico dentro do abacê, pois o cheiro que dela se desprende força os que o aspiram a se libertarem dos grilhões mentais que os prendem aos problemas de ordem moral ou material.

Além dessa responsabilidade na elaboração do fumeiro o Mão-de-ofá sabe onde se encontram e como colher as ervas indicadas para o amaci. Para esta operação há dias próprios da semana, horas certas e fases lunares adequadas. E para colhê-las ele saúda primeiro os orixalás das Matas e das Folhas, os Elementais que ali vivem em vibrações contínuas e todas as falanges de eguns que animaram os homens das selvas. Ele pede licença para entrar na mata como solicita permissão para sair. Retira-se de costas, com a frente voltada para aquela fonte de riqueza selvática com o mesmo respeito que se tributa a um pejí, dentro do abacê. É que para o Mão-de-ofá a mata é um relicário divino. Nela estão as seivas milagrosas para a cicatrização das feridas do corpo como também as essências aromáticas que enleiam as nossas almas para a delícia do contemplativismo.

Não adianta estudar, e pesquisar a Umbanda, sem conhecer essas particularidades que constituem o seu alicerce. É preciso que os próprios umbandistas penetrem fundo nesses conhecimentos de modo que a sua participação seja mais eficiente em todos os seus setores, para assegurar a esta religião, um padrão de respeitabilidade dentro e fora da sua comunidade.

Esses fundamentos, tão decantados pelos iletrados, e que em argumento supremo por não saberem explicar são classificados de mistério, devem vir à luz para fortalecer a consciência de seus adeptos. Nenhum umbandista deve ignorar o que seja e o que representa para os cultos um Mão-de-ofá, não só pela sua especialização, que acabamos de expor, como também pela missão divina que lhe chegou às mãos.

Como nem todo Terreiro, em que pese a sua organização, conta com a participação exclusiva de um técnico dessa natureza, por força de sua marcante raridade, posto que as vocações reveladas não acompanham o ritmo expansionista desta religião, o Mão-de-ofá dos grandes Terreiros atende as solicitações feitas pelos menores. Não se furta ao chamamento dos babaorixás, ou iaorixas, por não ignorar que a sua missão é servir a comunidade, e, jamais circunscrevê-la a determinadas áreas preferenciais.

Se bem que os babaorixás e iaorixás conheçam e saibam manipular certas ervas, para determinadas cerimônias, todavia admitem, como solicitam mesmo, a presença do Mão-de-ofá por se tratar de um mestre autêntico no assunto. Agem acertadamente, como fazem os clínicos quando pedem ao colega especializado

em determinadas doenças, a sua colaboração. Procedem assim porque não desconhecem que o descuido na colheita das ervas lhes altera a vibratória dos cerimoniais.

Aí está, pois, em rápidas pinceladas, o que é um Mão-de-ofá dentro dos cultos umbandistas. A sua missão e a sua responsabilidade. Os seus conhecimentos, sobre todas as vibratórias, inclusive a dos Elementais.

O EMBANDA

A missão do Embanda, dentro desta religião, é de capital importância porque é da sua palavra autorizada que dependem os conhecimentos para os que nela militam. É através do seu verbo, da sua oratória branda e convincente pela cultura, haurida em longos anos de experiência, que resulta a garantia de perenidade dos cerimoniais ritualísticos e litúrgicos da Umbanda. Não fora a palavra firme e esclarecedora dos Embandas do passado, sempre vigilantes para que esta religião se mantivesse incólume à sanha desagregadora dos fanáticos das religiões oponentes, a Umbanda não estaria, como está, empunhando o cetro dessa indiscutível vitória após tantas guerras enfrentadas por ela através dos séculos.

De tribo em tribo, enfrentando as durezas pela variedade de dialetos, o Embanda chegava a elas os conhecimentos de história religiosa, os rituais e as liturgias de seus antepassados para que esta religião atravessasse os tempos e chegasse até nós pelos negros que vieram acorrentados em tão amaldiçoados veleiros. Como únicos meios de comunicação naquelas remotas eras, os Embandas continuaram, em nossa Pátria, em

sua divina missão, a pregar a indissolubilidade de seus princípios religiosos. Por isso mesmo sofreram e por ela souberam morrer.

Os Embandas de hoje, pelos recursos modernos de comunicação, usam ondas hertzianas, os livros, os jornais e as tribunas para conferências a fim de que a história, as mitologias, as teogonias, os rituais, as liturgias e a sua inconfundível doutrina sejam preservados da ação destruidora dos falsos crentes que nesta religião se infiltram.

Graças aos Embandas de hoje, pela firmeza de suas convicções e a tenacidade na luta contra os que pretendem desrespeitar a Constituição de nossa Pátria, a Umbanda já transpôs as fronteiras do País, como uma das maiores glórias do século, desfraldando no topo de um edifício de Los Angeles a sua bandeira.

Através dos Embandas modernos, que trocaram as lanças e as flechas pelos diplomas universitários, bem como os que em vez de tanga, ou do enduape, envergam fardas com estrelas fulgurando sobre os ombros, a Umbanda se solidifica e se expande espetacularmente pelas conversões de elementos de ambos os sexos pertencentes à nossa melhor sociedade.

Quando os sectários, oponentes, tentam levar esta religião ao ridículo, sente-se a reação imediata através de manifestações passivas, e às vezes ostensivas, pelos simpatizantes e beneficiados por ela. E como da simpatia à militança medeiam poucos passos, seria injustiça negar que a própria campanha, movida contra ela, desperta nos indiferentes a curiosidade de a conhecerem.

O Embanda autêntico, iniciado nos cultos, não revida insultos, não contra-ataca e não polemiza. Cuida de desempenhar a sua missão compenetrado do dever assumido perante os antepassados. É um arauto dos seus ancestrais junto às novas gerações e é um interpretador das mensagens dos eguns para que saibamos que os nossos sofrimentos, na vida terrena, são oriundos das nossas imperfeições. É um orador sacro, cuja inspiração mana do plano extraterreno, para nos advertir dos perigos que nos rondam pela falta de autovigilância.

O Embanda é o relações públicas de um Terreiro. É uma espécie de introdutor diplomático que saúda os visitantes ilustres e os assiste durante todo o tempo que os mesmos permanecem no acabê. A ele é confiada a missão de fazer o necrológio dos mortos, de saudar os nubentes nos cerimoniais de casamento e de se dirigir aos padrinhos nas cerimônias de batismo. E por ser o elemento mais categorizado intelectualmente sobre tudo de um Terreiro, nenhuma resolução é tomada pelo babaorixá sem os devidos entendimentos entre ambos, a fim de que seja assegurado o êxito de qualquer iniciativa.

No corpo diretor, para efeito jurídico, o Embanda funciona como diretor social para evitar conflitos de ponto de vista entre a diretoria e as coisas referentes ao santo.

Nem todo Terreiro, mesmo os bem organizados, tem a graça de contar com um Embanda próprio, por isso, para os grandes cometimentos, os babaorixás solicitam com antecedência a sua colaboração.

Nada disto que acabamos de dizer constitui novi-

dade para os babaorixás, ou iaorixás, mas ainda há quem desconheça o que seja um Embanda na sua missão e a sua importância nas variadas funções que exerce nesta religião. Muita gente ainda ignora porque as atribuições do Embanda recaem, geralmente, sobre os ombros dos babaorixás e das iaorixás, por isso tentamos essas explicações.

Pelo exposto percebe-se o quanto de importante é um Embanda e as razões das honrarias que lhes são tributadas quando visitam um Terreiro. Sua recepção é idêntica às que são feitas às figuras exponenciais da Umbanda, tais como alufás, babaorixás, ogãs coroados, mãos-de-ofá, etc.

Se bem que os iniciados adquiram, com o decorrer do tempo de militança, o conhecimento dessas particularidades que constituem os seus fundamentos, urge lembrar-lhes, periodicamente, para que não claudiquem nas explicações ou se revelem ignorantes diante dos leigos.

Não fora o Embanda o responsável pela manutenção dessa maravilhosa tradição, a Umbanda já estaria com a sua imagem inteiramente destorcida, em virtude da afluência cada vez maior de egressos das outras religiões que tentam alterar-lhe a sua infra-estrutura suprimindo muita coisa do seu ritual e da sua liturgia. Por isso o Embanda autêntico tem que ser ortodoxo, tem que ser intransigente embora reconheça que os usos e costumes tribais não se coadunem com a época de progresso vertiginoso que a humanidade experimenta em todos os setores. A hierarquia e a disciplina, fatores básicos desta religião, não lhe ficam distantes

de suas cogitações toda vez que usa a palavra dentro de um acabê.

As homenagens, portanto, que se prestarem ao Embanda de hoje, devem ser feitas com os olhos voltados para o passado, para aquele que caminhava muitas léguas a pé, de tribo em tribo, levando-lhes o humo divino da fé para que a sementeira não fenecesse, mas germinasse, como germinou, para a glória das gerações atuais.

O ENDÁ

O filho de santo na Umbanda, após ter recebido o De-ká, pelo término de sua iniciação, pelos assentamentos feitos para os orixalás e orixás, bem como depois do cerimonial de confirmação, ele é coroado através de belíssimo ritual com a presença de vários babaorixás, iaorixás, embandas, mãos-de-ofá, ogãs coroados e demais titulares da religião. Daí em diante nenhum filho de santo a ele se dirige sem lhe saudar o Endá, isto é, a sua coroa.

Saudar o Endá do babaorixá ou iaorixá, é uma pragmática tradicional que revela noção de respeito à hierarquia e obediência às exigências ritualísticas.

Os que não conhecem esse manancial opulento de beleza, que fala e que canta nos rituais umbandistas, se estarrecem quando os assistem e não lhes negam os merecidos aplausos. Sentem a arte e a poesia interlineadas com o sentimento religioso e se deleitam em sublimes devaneios.

A entrada espetacular de um filho de santo num abacê, saravando o Endá do babaorixá, cantando a curimba adequada, antes de pedir licença para entrar,

desperta na corrente mediúnica, como na própria assistência, uma alegria tão intensa que relampeja no Terreiro como coriscos luminosos. É uma alegria intensa, porém sadia, porque não se inspira em sentimentos profanos.

A saudação ao Endá, portanto, é uma continência feita ao filho de santo que galgou, na sua trajetória religiosa, os mais altos postos conquistados através da renúncia, da dedicação e da humildade verdadeira que constituem as bases da Umbanda.

A cortesia prestada a um Mestre universitário pelos seus alunos, o cumprimento mesuroso a um chefe, ou superior na vida civil, bem como a continência aprumando a arma diante de uma alta patente militar, nada diferem desse gesto umbandista.

Saravá o Endá, ou saudar a coroa, é pois uma vênia de cunho eminentemente ritualístico, circunscrito a uma ação de ordem material, o que não ocorre, entretanto, com a saudação ao Eledá que é mística e conseqüentemente litúrgica.

Estas distinções, que procuramos fazer, vistas por muitos leitores como explicações enfadonhas, podem ser úteis para alguns que estão no limiar da iniciação. Aliás, tudo que escrevemos, em estilo didático e primário, tem um objetivo que só os eleitos percebem.

Para os Elementais, ou Exus, responsáveis por tudo que consta neste modesto livro, não lhes interessando a opinião dos gênios e muito menos o que deles pensarem os pseudo-sábios, as mensagens estão bem claras, como laranjas espalhadas pelo chão ou como maná pendente

do céu. Cada um apanha como quiser as laranjas, mas o maná, esse pomo divino de sabor metafísico, é só para quem puder.

O Endá, pois, é a coroa do filho de santo, um simbolismo para efeito ritualístico, e, jamais, um orixá ou egum como muitas criaturas julgam.

O ODÉ DOS EXUS

O dinheiro foi criado para servir de agente intermediário no setor compra-e-venda. Ele simboliza o valor da mercadoria, ou do objeto comprado ou vendido. É com ele, ou com algo que o representa, que o mundo profano se entende numa linguagem universal. As contingências da vida humana, na luta pela sua subsistência, vêem no dinheiro uma espécie de divindade, de difícil acesso ao seu regaço por uma maioria mais que absoluta, e relativamente fácil para uma minoria que a idolatra.

Para mostrarmos as vantagens e as desvantagens, no acumular dinheiro, bem como a sua influência nos caracteres humanos, seria necessário um tomo de infindáveis páginas. Não é este, porém, o nosso objetivo. O que pretendemos é explicar as razões pelas quais os Elementais, ou Exus, pedem odé.

Toda religião, como ninguém ignora, pede dinheiro através dos mais variados métodos. Neste particular a Umbanda não é omissa. Embora as suas campanhas financeiras sejam de baixo nível, com as quais enfrentam o problema dos aluguéis e das contas de luz, afora a compra constante de material para os cerimoniais

litúrgicos, há sempre aquele sonho da construção de uma sede própria.

Para tais campanhas financeiras, de iniciativa do corpo social do Terreiro, jamais um orixá toma conhecimento como nenhum egum dela participa.

Nos Terreiros modestos, notadamente nos dias festivos, é comum ouvir-se da curimba o ponto pedindo odé. São curimbeiros volantes, corredores de engiras sem pouso certo, pouco afeitos ao trabalho, e que se contentam com o que lhes chega às mãos.

Nas engiras dos Elementais, o pedido de odé, pelos Exus, desperta simpatia geral em virtude da sua finalidade profundamente humana de atender alguém necessitado na vida terrena. Pode ser um elemento da curimba, do corpo mediúnico ou da assistência, como de alguma criatura distante, mas em situação aflitiva. E é de tal maneira envolvente, o pedido de odé pelos Exus, que os médiuns, não incorporados, correm ao vestiário e voltam com o dinheiro na mão para atender à súplica. Os babaoxirás também colaboram, como os próprios elementos da curimba, que não se furtam ao atendimento. E tudo isto é feito em absoluto silêncio, sem alarde e sem a mínima insinuação. É o sentimento de autêntica fraternidade, contagiante, que brota espontâneo e toma vulto graças a essa poderosa vibratória. Todo mundo atende ao pedido de odé dos Exus porque sabe que o produto dessa coleta tem sempre um destino nobre e altamente humano. Todos colaboram sabendo que os Exus jamais pediriam odé para alimentar a ociosidade de pedintes profissionais, de criaturas useiras e vezeiras nessa censurável prática de estender a

mão à caridade pública. É sempre respeitoso o destino a ser dado ao produto colhido nessa campanha momentânea, supervisionada pelos próprios Elementais, que dela não se locupletam, pois o que lhes interessa é unicamente reduzir o sofrimento e a aflição dos desventurados que neles confiam.

Muitas vezes o odé dos Exus se destina ao próprio Terreiro para a aquisição de material para os cultos. Sempre, porém, em bases justificadas, pois os que pretenderem enganar ou iludir os Elementais estarão enganando-se a si mesmos.

É claro que tais explicações não se destinam aos filhos de santo, aos umbandistas militantes, mas aos leigos, ou neófitos que ignoram essas particularidades e ponderam conceitos errôneos e às vezes injustos.

É necessário povoarmos a nossa imaginação, com o que há de mais belo na vida, para que as nossas almas não caiam no vácuo da estupidez que só vê imperfeições em tudo. É preciso arrancar, até com violência, esse negro abutre, de garras aduncas, que vive alojado em muitos cérebros, a serviço da maldade humana.

O odé dos Exus encontra franca e imediata receptividade porque essa vibratória é constituída de moléculas e de fluidos da Natureza que manam dos mares, dos rios e das matas. É uma cerimônia que se realiza sob o manto alcandorado de todas as divindades, porque os Elementais são partículas de todas as forças da Natureza. Por isso é preciso explicar, explicar sempre a fim de desmantelarmos esse perigoso arsenal de incompreensões, e de maldade, sempre camuflado e que vive nas entranhas intelectuais de certas criaturas.

Através do odé dos Exus, muitas lágrimas foram enxutas das faces sulcadas, pelo sofrimento, de muitas mães em dificuldades para fazer chegar à boca dos filhos um pedaço de pão. Por via dele muitos lares foram recompostos e muitas lágrimas se transformaram em flores.

É com a mente límpida, e com os olhos da alma, que devemos assistir esse cerimonial de odé dos Exus, se quisermos nos convencer que a bondade existe e que o sentimento de fraternidade na Umbanda não é um mito.

É esta a finalidade do odé, pedido pelos Exus, e não a que os maledicentes insinuam, pois por muito ignorante que seja um filho de santo jamais lhe dará destino diferente. Pode mesmo acontecer que o produto da coleta se destine ao próprio médium, em virtude de uma crise financeira momentânea, e lhe chegue às mãos a título de socorro imediato, mas depois de superada a situação ele o devolve ao babaorixá. Tudo isto porém, é feito dentro do maior sigilo pelo respeito nutrido à pessoa humana.

Excede os limites da compreensão esse gesto dos Elementais quando pedem, como se fora para si, recursos materiais para atender os elementos terrenos. É um exemplo muito transcendente, dado a nós, pobres mortais, cuja cegueira nos impede de ver e de amenizar os sofrimentos alheios. É uma demonstração eloqüente de que devemos, com os nossos gemidos, confortar àqueles que sofrem mais do que nós. É um gesto, que nos ensina a caminhar com a perna engessada, mas conduzindo pela mão um cego que precisa de atravessar à rua. É

uma demonstração, bem ilustrada, do que significa solidariedade humana à base do verdadeiro sentimento de fraternidade.

O odé dos Exus é, portanto, uma flor silvestre, desabrochada à beira da estrada, cujo perfume só é sentido pelos viandantes de olfato apurado.

MIRONGA

Os antigos hebreus, estudiosos e interpretadores da Bíblia, descendentes de Abraão, foram os criadores da kabbãla, que quer dizer, em hebraico, tradição. Seus iniciados, profundamente ortodoxos, a fim de evitar o proselitismo exagerado, usavam senhas e sinais, com os quais se identificavam mutuamente. Para os leigos, que não participavam dessas reuniões secretas, os cabalistas eram vistos como misteriosos, e, por isso mesmo, temíveis.

Os meios de comunicação, para as reuniões, se processavam à base do sussurro ao ouvido e de sinais convencionais no chão, nas paredes e de gestos especiais para substituir a palavra.

Com o decorrer dos tempos, em face do processo usado pelos cabalistas, essa sistemática adquiriu, erroneamente, o título de Ciência Oculta. Perdeu o seu verdadeiro sentido teológico pelo abuso na aplicação do vocábulo e se transformou em sinônimo de conluio secreto. Através da cabala se conduz um medíocre aos píncaros da glória como se faz chafurdarem na lama do descrédito criaturas idôneas e de passado sem máculas.

Deturpou-se de tal sorte esse sistema de comunicação secreta que a intriga, até então oculta, passou para

o terreno ostensivo. Cabalar, hoje em dia, é um verbo que se conjuga em todos os tempos, a qualquer hora e em todos os setores de atividade humana.

Na Umbanda a cabala chama-se mironga, corruptela de milonga, vocábulo este originário do dialeto bundo, das tribos quimbundas, que significa mentira, mexerico ou intriga.

A interpretação etimológica e histórica do vocábulo cabala pode parecer desnecessária, mas em virtude da sua aplicação em sentido figurado, urgia mostrar aos nossos leitores a sua analogia com o termo quimbundo milonga, ou mironga, de idêntico significado.

Face ao exposto seria absurdo negar a existência dessa erva daninha dentro da Umbanda. Aliás o mexerico e a intriga são características próprias das religiões. Isto é uma verdade, dolorosa, bem o sabemos, mas muito difícil de se extinguir enquanto a máxima latina de Juvenal *mens sana in corpore sano* for um mito.

Há muitas pessoas que acorrem aos Terreiros porque se sentem em dificuldade para caminhar na vida. Tudo lhes é adverso. Parece que estão presas a alguma coisa estranha. Nada conseguem sem dificuldade e mesmo assim o que lhes chega às mãos não é duradouro. Todas as portas em que batem lhes parecem fechadas. Os amigos se mostram indiferentes às suas amarguras e ninguém colabora para amenizar tais sofrimentos, de ordem moral, com reflexos na vida material. Por isso julgam-se amarradas. Não compreendem tanta injustiça, que Deus lhes faz, sem razões que a justifiquem.

Esta série de lamúrias, ouvida pelos eguns, é lugar comum nos Terreiros, nos Centros e nas Tendas umbandistas. Daí os passes, para o afastamento de fluidos obsidiantes, acompanhados dos clássicos conselhos para que o consulente modifique a sua conduta no meio social, no lar e no local de trabalho. É que as entidades extraterrenas não combatem os efeitos sem conhecer as causas. Sabem, logo de início, que o paciente é médium e precisa de desenvolver as suas faculdades mediúnicas, ou então é ele vítima da ação nefasta da cabala.

Os inimigos ocultos procuram destruir a felicidade alheia, às vezes, por simples despeito. A vítima nada lhes faz, mas como a sua constituição física revela superioridade, traja-se com apuro, mostra-se versátil e demonstra possuir recursos econômicos e financeiros que lhe dão um halo de felicidade, os despeitados quando a ele se referem, após ligeira lisonja, fisgam-no com o arpão traçoeiro da intriga. Criam um clima de prevenção contra a criatura visada, de que esta só se apercebe quando alguém, cautelosamente, a previne do ambiente hostil que a cerca.

Embora saibamos que o mexerico e a intriga sejam as armas dos covardes, dos paranóicos e irresponsáveis, todavia, por força de nossas imperfeições, por muito que queiramos dissuadir com argumentos sólidos, o estigma se mantém como labéu infamante para o resto da vida.

Qual o homem público, por mais virtuoso que se tenha revelado, se manteve isento à sanha demoníaca da cabala? Qual o santo, quando em vida, por seu acendrado amor à causa relgiiosa, escapou dos tentáculos desse

polvo maldito? Quem, sobre a face da terra, ao pronunciar o vocábulo não, poderá se considerar sem inimigos?

Até a defesa, tentada para salvar a vítima, é enleada e terá de arrostar, também, com os perigos que a rondam.

Esta é a cabala de hoje, de ação destruidora, e não aquela de propósitos nobres, que fora preconizada e criada pelos teólogos do Velho Testamento. Esta é a milonga, ou mironga, dos umbandistas com seu cadinho de culpa na queda de muitos filhos de santo, que por ela foram atingidos.

Uma simples brincadeira, ou gracejo impróprio, pode criar inimigos e desafetos capazes das mais sórdidas campanhas difamatórias. Elas se iniciam através de insinuações cavilosas, e, de acordo com a receptividade encontrada, suas dimensões alcançam as mais diversas áreas de sua atuação.

Dizer-se que não há mironga, ou melhor, milonga na Umbanda, é uma ousada asserção que revela, de quem assim o afirma, clamorosa ingenuidade. Basta que o babaorixá ou iaorixá, demonstre certa simpatia por determinado filho de santo, ou mesmo por algum consulente, para que o ciúme germine em prodigiosa fecundidade na alma dos despeitados. E por incrível que seja, ou por absurdo que pareça, há criaturas que não sabem dissimular essa manifestação inferior de caráter junto às próprias entidades extraterrenas. Percebe-se isto, claramente, quando o consulente pretende agradar aos eguns, ou exus, oferecendo-lhes presentes iguais ou superiores dados por outrem.

Eis, pois, em síntese, o que é a mironga, ou melhor

a milonga, através da interpretação etimológica e histórica do vocábulo cabala e do seu nefando cortejo de iniqüidades em todos setores de atividade humana.

O despeito, uma das três características da paranóia, por onde se iniciam o ciúme e a inveja, suposta doença cuja terapêutica reside na educação do adolescente através de ininterrupta doutrinação, é visível nos adultos na hora das consultas, e, embora a dissimulação lhes seja fácil, as entidades extraterrenas o percebem pela natureza dos pedidos que lhes são feitos. E é do ciúme e da inveja que a milonga, ou mironga, se desenvolve dentro dos Terreiros e toma curso fora deles. As insinuações malévolas, as indefectíveis reticências e as censuras veladas, com desairosos comentários em torno dos médiuns, a fim de lhes diminuir o prestígio, tudo isto, resumido, é a nefasta cabala, é a tenebrosa milonga que os ingênuos pretendem lhe negar a existência dentro desta religião.

O mexerico e a intriga, frutos da inveja, campeiam nos lares, nas escolas, nos clubes, nos locais de trabalho e nos meios artísticos. Gritam alto no setor político de forma ostensiva, mas, no ambiente religioso, sob a capa da falsa humildade, se revelam como parasitas subcutâneos difíceis de serem debelados. E a Umbanda, esta religião de massa, para qual afluem elementos de todos os matizes, egressos de outras religiões, portadores, portanto, de neuroses, de fobias, de frustrações e de vários complexos, não poderia, como é evidente, escapar de ser infeccionada por esse vírus maldito. Não fora o trabalho insano dos eguns e a comprovada tenacidade dos Exus, desmanchando as mirongas, por via de suas

formidandas vibratórias, ela não chegaria até nós com essa pujança que viera das selvas como suprema mensagem de Zambe. Não resistiria aos impactos constantes do disse-me-disse, da fofoca dos bajuladores e da intriga dos invejosos que desejam vencer a qualquer preço.

Por força dessa execranda mironga, ou cabala, que se enrosca nas criaturas qual gigantesca jibóia a lhes triturar os ossos e a alma, muitos pleitos foram perdidos, grandes negócios desfeitos e vários noivados desmanchados. Muitos lares destruídos, promoções negadas, brigas entre amigos e muitos crimes cometidos constituem o saldo dessa dança macabra que se iniciou com a formação do Mundo e que não acaba nunca.

Tudo isto, que aqui foi dito, em torno dessa catadupa infernal de misérias que jorra incessante sobre as frontes dos incautos e desprevenidos, denominada cabala pelos antigos hebreus e de mironga pelos umbandistas, devia ser um tema obrigatório nas palestras feitas antes da abertura das engiras, em todos os Centros, Tendas e Terreiros, mas devidamente ilustrado, com citações de fatos ocorridos, dentro e fora das religiões. Seria medida de grande alcance social, não só para prevenir os ingênuos contra o possível enleamento, como também para reduzir essas manifestações paranóicas pela educação.

Embora saibamos quão árdua é a tarefa, contudo devemos enfrentá-la numa colaboração com os eguns e Exus que lutam titanicamente no plano extraterreno contra as nossas imperfeições. E ninguém melhor para

aconselhar do que aquele que dos conselhos recebidos colheu os melhores frutos.

Ignorar a existência da mironga, ou da cabala, na Umbanda, por ignorância ou teimosia, é alimentar no colo uma serpente venenosa e traiçoeira pronta para a picada no primeiro momento de descuido.

Mironga, portanto, não é fundamento como muitos pensam, nem é sinônimo de mistério, como outros afirmam, mas apenas mexerico, ou intriga, tal como explicamos através das interpretações etimológicas e históricas do vocábulo.

MAGIA NEGRA

Sobre o tema deste capítulo, sempre abordado por nós através de palestras e de algumas publicações, temos sido motivo das mais variadas interpretações pela posição radical que tomamos nas definições dos vocábulos. E se isto é crime ou pecado fazemos questão de ser criminosos e pecadores recalcitrantes.

Se o vulgo endossa os erros cometidos pelos clássicos, e se os léxicos neles incidem por via da cópia e do decalque, em virtude do manifesto desinteresse revelado pelos glotófilos, fazer causa comum com eles é que seria crime de lesa-glótica.

O abuso, na aplicação de vocábulos com sentido figurado, destorce a imagem original do objeto e lhe dá uma significação de tal sorte diferente que os próprios intelectuais sentem quando na procura de sinônimos.

O vocábulo magia é um caso típico. As transformações do seu significado chegaram a um ponto tal que ele hoje é aplicado como sinônimo de encantamento e de feitiço. E os magos, sacerdotes pérsicos daquela famosa Seita fundada por Zaratustra, grandes astrólogos que faziam predições através das posições dos astros, passaram para o rol dos feiticeiros. Foram tachados de bruxos e de feiticeiros porque acertavam nas predições, e

isto, na época, era considerado arte demoníaca. Atribuíam-se-lhes poderes sobrenaturais porque evocavam os devas, espíritos trevosos, com os quais produziam encantações em objetos e em criaturas que desejavam possuir fascínio.

Com o tempo, antes mesmo da era cristã, para se distinguir a arte da predição através dos astros, e o encantamento por via dos devas, ou espíritos vaguejantes, foi acrescentado para este último o adjetivo *negro*. Daí magia branca e magia negra, palavras muito em uso com que se procura defender ou atacar os objetivos dos cerimoniais ritualísticos e litúrgicos desta religião e que os próprios umbandistas, por ingenuidade, endossam.

Há muitas obras, por sinal antigas, firmadas por nomes respeitáveis, que denominam os cerimoniais esotéricos de determinadas seitas, de magia branca, por oposição a outras, cujos rituais, um tanto fantasmagóricos pelas indumentárias e pelos petrechos usados em suas práticas, embora com objetivos idênticos, de magia negra. Ditos livros, em que pese o valor intelectual de seus autores, revelam-se omissos no que tange às predições através dos astros. Cuidam apenas do aprimoramento mental das criaturas, por via de uma doutrinação magnífica, onde o moral dos homens é seu principal objetivo. Negar-lhes tal valor, pela nobreza dessa intenção, seria um crime que jamais cometeríamos, mas, quanto à aplicação do vocábulo magia, nos insurgimos por considerá-lo inadequado. E é com a mesma ênfase que condenamos o seu uso quando se pretende classificar de magia negra os cerimoniais litúrgicos e esotéricos desta religião.

Os pretensos sematólogos, que consideram naturais essas modificações do significado das palavras, se esquecem de que tais alterações confundem a língua. Veja-se o caso da aplicação de vocábulos em sentido figurado, bem como o dos sinônimos, a forçar os literatos a verdadeiras ginásticas para manter a flamância do estilo e da idéia.

Completamente distanciado do seu verdadeiro significado, o vocábulo magia hoje é sinônimo de fascínio e de feitiço, de encanto e de tudo que seduz.

Uma toalha branca sobre a mesa, com um copo com água e uma vela acesa, entre circunstantes vestidos de branco e ao som de melodiosa partitura, evocando as almas dos mortos, muitas vezes com objetivos escusos, é magia branca, mas, esta mesma cerimônia, realizada no abacê de um Terreiro de Umbanda, é magia negra embora a sua finalidade seja a melhor possível.

Dentro da própria Umbanda, onde se pratica unicamente o ritual de eguns, a engira dos Elementais é tachada de Quimbanda, ou magia negra, em virtude dos petrechos usados e pelos assentamentos feitos para os Exus.

Conhecer, pois, o movimento dos astros e a sua influência nos corpos orgânicos, bem como predizer o futuro das criaturas à base da astrologia, não é privilégio da raça branca. O mago pode ser um negro ou malaio, tal como o feiticeiro cuja epiderme negra não constitui supremacia aos de outras raças, mas a verdade é que ninguém admite um mago que não seja oriental e um feiticeiro que não seja africano e negro.

Em torno da magia autêntica, há muitas lendas, sculares, tal como sobre a feitiçaria, cujas histórias atravessaram os tempos e ainda há quem nelas acredite.

A feitiçaria é uma arte, originária dos povos selvá-ticos, que tem por base a sugestão. Tanto os que a pra-ticam como os que nela crêem, via de regra são criatu-ras auto-sugestionadas.

Todo este arrazoado, como os leitores perceberam, foi para mostrar que não há magia branca nem negra dentro da Umbanda. Pode haver, em suas hostes, al-gum mago, ou feiticeiro, infiltrado com intenções es-cusas, mas quando o babacrixá o percebe trata de afas-tá-lo para não comprometer o seu Terreiro. Por isso o feiticeiro não tem pouso certo e a sua clientela é aten-dida a domicílio.

Com tais explicações não há mais razão de se con-fundir magia com feitiçaria. A magia é uma e indivi-zível. E dizer que os cerimoniais dos Exus são magia negra é revelar-se obtuso nos domínios da inteligência.

Façamos então uma campanha de esclarecimento, por via de diálogos, de modo a esclarecer os que ainda ponderam conceitos errôneos sobre este vocábulo tão usado pelo vulgo em sentido figurado. Esclareçamos ao máximo a fim de que não nos ridiculizemos diante dos que sabem mais do que nós.

E os que duvidarem do que acabamos de expor, que façam perguntas aos Exus sobre esta matéria, e, depois, verifiquem se há controvérsias.

O IXÊ DOS ABACÊS

A colocação do ixê, dentro do abacê do Terreiro, é um cerimonial eminentemente esotérico. Somente elementos da corrente mediúnica tomam parte nesse ritual para evitar que o eró do santo seja alvo da curiosidade dos leigos.

Depois de se marcar o centro exato do Terreiro, por meio de uma linha cruzada entre os quatro cantos do abacê, é fincado um ponteiro pelo guia, incorporado no babaorixá, através de palmas dos presentes e das descargas surdas dos atabaques. Isto feito, é iniciada a escavação com ponteiros e a terra é retirada com as mãos, até alcançar a profundidade de dois palmos, por dois de largura e outros tantos de comprimento. Terminada a operação, sempre à base de pontos de segurança, cantados em surdina, a iabá chega às mãos do babaorixá o alguidar de barro vidrado contendo o seu exê, os objetos simbolizantes da vibratória do orixá-maior do Terreiro e as respectivas moedas de cobre em número exato das pessoas presentes. Logo após é coberto com outro alguidar e a terra retirada retorna ao local que depois é cimentado e desenhado nele o ponto do orixá.

A cerimônia é um tanto longa, porém, bonita, pois os pedidos para segurança do abacê são dirigidos a todos os

orixás da Umbanda com as curimbas adequadas a cada vibratória.

Terminado o desenho do ponto é cantada a curimba de saudação, com os médiuns dançando em roda, até se processarem as incorporações.

Depois de "plantado o mastro", como é vulgarmente conhecido, nenhum filho de santo pisa o abacê sem o saudar devidamente.

Há Terreiros em que a "plantação do mastro" é puramente simbólica, isto é, o ixê é representado por uma estrela de cinco pontas e cruzada com uma flecha de Oxosse, uma espada de Ogum e uma cruz simbolizando a vibratória da linha das almas. Contudo, a cerimônia é realizada com o mesmo sentimento de fé pelos filhos de santo.

Quando o visitante entra num abacê dentro do ritual, após transpor a tronqueira, pousa o joelho direito próximo do ixê e o saúda com as costas da mão como reverência especial àquele símbolo sagrado. Quem não o fizer revela ser um autêntico impostor por desconhecer essa particularidade que constitui um dos principais fundamentos da Umbanda.

Saudar o Endá do babaorixá e dos demais coroados presentes, acender a vela para o seu Eledá e cumprimentar a curimba e os demais titulares no santo, sem reverenciar o ixê, é um descuido imperdoável que o autêntico filho de santo jamais comete.

Há muitos umbandistas de nomes respeitáveis, dirigentes consumados, e brilhantes mesmo, que deixam de fazer visitas a Terreiros pelo receio de claudicarem nas recepção por não terem sido iniciados convenientemen-

te. Para tais casos, porém, os babaorixás reduzem o ritual para não os expor ao ridículo. Aliás, a recepção é feita ao visitante de acordo com a sua entrada. Portanto, para quem ignora o que é o ixê e o que ele simboliza dentro de um abacê, bem com outras particularidades ritualísticas, não deve ser motivo de complexos, mesmo porque o sentimento de fé e a conduta do filho de santo dentro e fora da religião é que o caracterizam com autêntico umbandista.

De que vale para as religiões um sacerdote culto, e erudito mesmo, se a sua conduta como religioso e como criatura humana, atenta contra todos os princípios de moral e de dignidade?

Quantos filhos de santo existem por aí, conhecedores profundos dos rituais desta religião, cuja conduta dentro do santo é a pior possível!

Somos intransigentes, como os leitores não ignoram, na defesa de tudo que se relaciona com as tradições desta religião, notadamente no que tange ao seu belíssimo e inigualável ritual, mas a moral religiosa ocupa por nós o primeiro plano.

Não adianta ter um belo pé de dança, possuir uma voz encantadora, ser exímio no atabaque e excelente intérprete dos fundamentos desta religião, se é portador de um caráter péssimo, mas protegido pelo manto da falsa humildade com que ilude os desavisados.

Há muitas criaturas, religiosas por excelência, que são como certas flores ornamentais que encantam pela sua beleza, mas são perigosas pelos odores que exalam. São como alguns felinos, de pelos sedosos, que exigem de

quem os afaga uma certa cautela para não receber em troca das carícias um venenoso arranhão.

O ixê, esse símbolo de fé plantado no centro do abacê dos Terreiros, é isto que aqui foi descrito em paupérrima linguagem, mas com muita fidelidade. É claro que o objetivo deste capítulo não é ensinar a quem já sabe, mas apenas ajudar àqueles que estão ainda no período de iniciação.

A nossa finalidade é trazer, pelas páginas de um livro, tudo que represente valor para a comunidade umbandista, para os estudiosos e pesquisadores, mas, sobretudo para mostrar aos nossos adversários religiosos que as pedras que nos atiraram durante séculos se transformaram em flores. Mostrar, aos acirrados oponentes de hoje, que os ataques e os combates sem tréguas a esta religião, do modo contundente com são feitos, são recebidos como estrumeira para que esse jardim encantado continue sempre florido. Mostrar, também, que o diamante recebido das mãos de nossos ancestrais está sendo burilado aos poucos, mas com esmero, para enriquecer cada vez mais o relicário umbandista do futuro.

Mostrar, a esses cérebros obtusos, que os Elementais não são demônios.

Mostrar, afinal, que os Exus também sabem dialogar, sabem debater e sabem polemizar quando se fizer preciso.

O Ixê dos abacês, é, pois, um ponto de segurança, um símbolo sagrado e para o qual convergem todas as vibratórias de todos os cultos umbandistas desde a abertura das engiras até o seu encerramento.

MÃO-DE-FACA

O vocábulo ouó, de *owó*, do dialeto iorubano, significa mão, e *obé*, dessa mesma origem lingüística, quer dizer faca. Ouó obê, ou mão-de-faca, é o que tem a missão de sacrificar animais, isto é, quem faz o ebó, para ser oferecido em holocausto por deprecação dirigida aos deuses.

Se bem que nem todos os Terreiros de Umbanda façam imolação, todavia, por força dos amalás oferecidos aos filhos de santo, em regozijo a alguma graça obtida, o mão-de-faca não deixa de ser um elemento inprescindível dentro do abacê. É ele, como perfeito magarefe, que secciona as carótidas dos animais com que as iabás preparam os acepipes.

Seja bípede ou quadrúpede o animal, o mão-de-faca resolve rapidamente o problema selecionando as partes destinadas aos orixás, por isso, como filho de santo, também faz assentamentos e se submete ao ritual de confirmação.

Para preparar um amalá, qualquer iabá pode abater o animal que lhe é destinado, mas, para o ebó, somente o mão-de-faca poderá fazê-lo.

A restrição feita ao elemento feminino, para a missão de mão-de-faca, reside em vários fatores de ordem psíquica, mas, sobretudo, orgânica. É que além da energia, despendida para abater um quadrúpede de porte regular, há que acrescentar os períodos de fluxo sangüíneo, e os de gestação, próprios da mulher, contrários portan-

to aos cânones da religião. Contudo, para os amalás, como dissemos, desde que afastadas tais hipóteses, não há nenhum impedimento. Além do mais, afora os casos excepcionais, a sensibilidade e a ternura femininas não se coadunam com a arte de imolar, embora saibamos existirem homens muito mais sensíveis que as mulheres.

O magarefe de ofício, aquele que abate diariamente e vê jorrar o sangue do animal em catadupas, ou em simples filetes, não grava em suas retinas a cena cruel de se tirar a vida de um simples pombo ou de um manso cordeiro. Isto não ocorre, entretanto, com as criaturas que, tangidas pela necessidade momentânea, são obrigadas a fazê-lo. Daí o trauma que experimentam e que perdura por algum tempo. E esta é uma das razões fortes pelas quais muitos umbandistas se insurgem contra a imolação. E este também é o motivo pelo qual recomendamos que o ebô, isto é, o sacrifício de animais, se realize somente nos casos de calamidade pública.

O abuso da imolação, dessa cerimônia eminentemente litúrgica, de fato está a exigir dos babaorixás e iaorixás o máximo critério na sua prática, e, principalmente, na sua indiscriminada colocação que acarreta para a religião o apodo deprimente e o escárnio dos leigos e dos adversários. Felizmente já muitos Terreiros possuem locais próprios para esses assentamentos, mas para a infelicidade da Umbanda há os médiuns volantes, irresponsáveis, imolando animais a domicílio e fazendo entrega em encruzilhadas de zonas urbanas e suburbanas.

O mão-de-faca autêntico, missionário, iniciado nos cultos, jamais se atreve a essas aventuras fora do abacê

pela noção que possui da responsabilidade junto ao santo. Sabe que a imolação é um cerimonial feito dentro de uma vibratória em que participam vários eguns.

Antes da cerimônia do holocausto o mão-de-faca se prepara de acordo com a vibratória em que irá atuar. Abstinência, jejum e banho de descarga precedem à sua entrada no abacê. Lava simbolicamente as mãos em um coité, com elas em palma saúda o pegi, e, depois, repete a saudação com o punhal seguro pelas extremidades com os dedos de ambas as mãos.

Esta cerimônia se realiza debaixo do alá, em absoluto silêncio, mas com os tambores rufando em surdina. Depois de imolar o animal, retira as partes destinadas ao orixá, arruma-as dentro do ababá para o quiponguê e o entrega ao babaorixá para terminar o cerimonial do ebô.

Como viram os leitores, através desse pequeno relato, o mão-de-faca não é um simples magarefe, um matador profissional, frio e perverso, mas um filho de santo que imola os animais pela missão recebida dos orixás.

Estas explicações, como sempre encarecemos, são dadas para os neófitos, para os que estão no limiar da iniciação, e, jamais para os babaorixás e iaorixás. É possível, entretanto, que no meio das ramagens haja algum fruto maduro e em condições de ser saboreado pelos conhecedores. Além do mais é sempre válido o lembrete porque não há ninguém neste mundo que não seja traído pela memória.

Os que não conhecem os rituais e as liturgias desta religião, julgam-nos complicados, embora os considerem muito lindos. Na opinião, porém, dos umbandistas anti-

litúrgicos e anti-ritualistas, tudo isto é desnecessário e revela um atraso de quatrocentos anos. Alguns vão mais além, tachando de quimbandeiros os que os defendem e de magia negra esses cerimoniais, mas os ortodoxos, os que respeitam a tradição, deles não abdicam.

Essa questão de ortodoxismo e de liberalismo é um fenômeno natural em todas as religiões. Os teólogos responsáveis pelas interpretações, cada qual mais intransigente em seus pontos de vista, arrastando consigo os simpatizantes, terminam formando correntes e alas diferentes nos cultos, que se transformam em verdadeiras cisões para as religiões.

Embora não queiramos admitir tal cisão na Umbanda, todavia algo parecido existe em virtude do que acabamos de expor em torno dos seus cerimoniais ritolitúrgicos. Os Centros e Tendas umbandistas, não adotando os rituais e as liturgias dos Terreiros, denominados liberais, fazem uma guerra surda contra os ortodoxos por via de uma resistência passiva, tal como ocorre no protestantismo entre batistas e pentecostes, entre jesuítas e as ordens religiosas do catolicismo.

Com referência, pois, ao mão-de-faca, tema deste capítulo, é bom lembrar que a sua atuação não se circunscreve apenas na área dos eguns, mas se estende, principalmente, no setor dos Elementais, isto é, na extraordinária vibratória dos Exus.

E ao terminar recomendamos ao leitor que sacuda bem as ramagens desta árvore, saboreie os frutos maduros, guarde os verdes para amadurecê-los, aproveite a polpa dos podres para estrumar a terra e reúna os caroços para novo plantio.

CURIMBAS DE EXU

A linguagem litúrgica e ritualística, na Umbanda, é o ponto cantado com as batidas de atabaque. É através dele que os manos no santo se entendem, se identificam e se comunicam com o plano extraterreno. No rumorejar dos atabaques e no som agudo do agogô, interligados às vozes dos ogãs, as suplicações sobem aos céus e retornam à terra em forma de graças e de bênçãos.

Sejam quais forem os motivos, desde a abertura das engiras ao seu encerramento, tudo se processa à base de curimbas adequadas.

Embora os Centros e as Tendas usem preces para abertura e para o encerramento, contudo ainda há Terreiros que não as dispensam em virtude de alguns fatores de ordem psicológica perante a assistência. De qualquer maneira, porém, o ponto cantado constitui a principal tônica de todos os cerimoniais litúrgicos e ritualísticos desta religião.

Os pontos ritualísticos são os de ação material, tais como pedir licença para entrar ou sair do Terreiro, de saudação ao endá do babaorixá, de boas-vindas aos recém-chegados, os de cunho festivo em virtude de alguma comemoração de caráter social e tudo mais relacionado com as solenidades que não digam respeito com as coisas do santo.

Os pontos litúrgicos são aqueles em que se procura entrar em contato com as divindades através das invocações e das súplicas que lhes são dirigidas.

As defumações em nome dos orixás, a abertura da engira evocando a proteção dos eguns com as suas poderosas falanges, os pontos de louvação aos orixalás e orixás, os de suplicações ou de agradecimentos pelas graças obtidas, dirigidas aos santos, constituem o cerimonial de liturgia porque é através dele que o pensamento humano se desliga de tudo que o prende às coisas da matéria para se ligar ao plano divino.

Essa distinção feita entre pontos litúrgicos e ritualísticos, aparentemente dispensáveis, urgia ser feita porque há muitos umbandistas que ainda os confundem.

As curimbas dos Exus, ou melhor, esse conjunto de pontos maravilhosos que colecionamos para ilustrar o presente capítulo, deve ser visto como se fora um amarrado de flores, colhidas nas matas, à beira dos riachos e das cachoeiras, cheirando a magorim, a lírio e a manacá. Deve ser visto como um leque, todo aberto, tecido com plumas multicores, extraídas dos pássaros e das aves selváticas das regiões tropicais. Deve ser recebido como mensagens caboclas, que manam de peitos humildes, de gente que sofre e que morre cantando.

Os Elementais são íntimas partículas da Natureza, são moléculas que vivem livres mas não se isolam, por isso são deuses também. São divindades, cujo conjunto forma o grande panteão dirigido por Zambe, o Deus dos deuses, o Criador, o Senhor do Universo.

E para confirmar, o que acabamos de dizer, interpretemos este extraordinário ponto de louvação a Exu:

Exu é Zambe,
Com licença de Zambe!
Exu é Zambe,
Com licença de Zambe!
É Zambe, é!
É Zambe, é!
É Zambe, é tatá mirô,
É Zambe, é!

E agora vejamos este outro, suplicando de Tranca-ruas a segurança da engira para os Elementais:

Seu Tranca-ruas,
Seu Tranca-ruas,
Me abre a porteira
E me feche a rua!
Seu Tranca-ruas,
Seu Tranca-ruas,
Me abre esta porta
E me feche a rua!

Observemos agora este, que constitui magnífica mensagem dirigida a determinados umbandistas, louvando todos os Exus, num tom bastante enfático:

Exu da Meia-noite,
Exu da madrugada...
Umbanda sem Exu,
Sem Exu não vale nada!

Para o famoso Sete Encruzilhadas há este ponto, muito conhecido, cantado em todas as engiras:

Seu Sete Encruza diz
Que a sua banda é maior!
E nós dizemos,
Que a sua banda é melhor!
Seu Sete Encruza, eh!
A sua banda é de fé!
Engira-Pomo, eh!
Oh, viva a fé de guiné!

Para louvação a todos os Exus há este ponto que é cantado em todas as engiras dos Elementais:

Ina, Ina, é mojubá, eh,
É mojubá!
Seu Barabô é mojubá, eh,
É mojubá!
Seu Ti-ri-ri é mojubá, eh,
É mojubá!
Seu Sete Encruza é mojubá, eh,
É mojubá!
Seu Tranca-ruas é mojubá, eh,
É mojubá!

Este é um ponto de Exu, para confraternizar os elementos terrenos, mostrando-lhes que todos são irmãos:

Olha ganga com ganga
É malecô!
Olha ganga com ganga
É malecô!

Aqui está um de advertência para que o elemento terreno seja fiel e não mude constantemente de guia:

Pisa no toco, pisa no galho,
Pisa no toco de um galho só
Ó ganga!
Eh, eh, eh!
Pisa no toco, pisa no galho,

Este ponto de louvação é muito antigo e é cantado para dizer ao Exu que ele ainda é o maior:

Xô apavenã, xô apavenã,
Sua aldeia ainda é
Xô apavenã!
Xô ainda é, xô ainda é,
Sua aldeia ainda é
Xô ainda é!

Quando o Exu recebe uma oferenda por ter resolvido um problema, ou desmanchado alguma milonga, é puxado este lindo ponto:

Ri, quá, quá, quá!
Mas que linda risada,
Exu vai dar!
Mas que linda risada,
Exu vai dar!
Mas que linda risada,
É de quá, quá, quá!

Aqui está outro ponto de louvação a Exu como guardião nas encruzilhadas:

O sino da igrejinha
Faz Belem, blem, blão!
O sino da igrejinha
Faz Belem, blem, blão!
Exu na encruzilhada
É major, é capitão!
Exu na encruzilhada
É major, é capitão!

Quando o Exu oferece o coité com marafa, para que todos bebam, é cantado este ponto:

Toma lá zêco-zêco,
Tome o seu curiá!
Toma lá zêco-zêco,
Tome o seu curiá!
Sala, salá, mucarreiro, ó salá!
Sala, salá, mucarreiro, ó salá!

Para louvar Marabô e Veludo, esses dois famosos Exus, há esta linda curimba bastante conhecida e de maravilhosa melodia:

A porta do Terreiro se abriu...
Fomos lá fora,
Para ver quem é!
Mas ó que linda gargalhada,
Na engira!
Era Veludo da Umbanda
E Marabô de Guiné!

Para a clássica risada de Exu, entre as muitas existentes, aqui está esta bastante interessante:

De terno branco,
E de bengala,
Na encruzilhada...
Guilí, guilí, guilí,

Aqui está este, para Exu Veludo, bastante antigo e muito conhecido em todas as engiras:

Com ele ninguém pode
Ele pode com tudo
Na sua encruzilhada
Ele é Exu Veludo!

Agora este, do famosíssimo Exu Tiriri, que desfruta de inigualável confiança junto aos seus consulentes:

Exu Tiriri,
Trabalhador na encruzilhada
Toma conta, presta conta
Ao romper da madrugada!

Para os exus ainda sem nome, isto é, para os que não foram batizados, há esta significativa curimba muito conhecida por todos os umbandistas:

Ó meu senhor das almas
Não nos diga que não!
Ele é um Exu,
Ele é um Exu pagão!

Este ponto de Exu, cruzado na linha das almas, serve para vários deles, por isso é muito usado em todas as engiras dos Elementais:

Oh, viva as almas!
Viva a coroa de fé!
Viva exu das almas,
Seu Marabô é de fé!

Agora este de Pedra Negra, que também serve para outros, bastando mudar-lhe o nome:

Seu Pedra Negra comprou uma garrafa
De marafo e levou para benzer...
Perguntou ao sacristão
Se na batina do padre tem dendê
Tem dendê!
Tem dendê na batina do padre
Tem dendê!

Este também, muito conhecido, de Exu Capa Preta, cuja melodia é bastante conhecida:

Cheguei aqui,
Encontrei uma sentinela!
Era seu Capa Preta
Tomando conta da cancela!

Quando está por terminar a engira dos Elementais há muitos pontos de agradecimento entre os quais citamos este:

A encruzilhada é sua
Mas é hora de caminhar!
Exu é hora
Seu Tiriri, é hora

É hora de caminhar!
A encruzilhada é sua
Mas é hora de caminhar!
Seu Marabô, é hora
É hora de caminhar!

Para trabalhos de descarga, na engira dos Elementais, há este ponto extraordinário:

Exu Veludo quando chega
Quer ver balancear!
Quer ver a terra tremer
Quer ver fundanga queimar!

Aqui está outro ponto de despedida muito conhecido em todos os Terreiros:

Exu já comeu,
Exu já bebeu,
Agora vai girar!
Exu já comeu,
Exu já bebeu,
Exu vai caminhar!

Este é um dos muitos pontos de pedido de odé que os Exus fazem para socorrer alguém necessitado ou para ajudar o Terreiro:

Exu quando dança,
Ele pula com um pé!
Quando dança e pula
Ele está pedindo odé!

Quem lhe dá odé!
Quem lhe dá odé!
Quem lhe dá odé!
Quem lhe dá odé!

Este é de Pedra Negra, muito bonito, cuja melodia é muito conhecida por todos os filhos de santo:

Soltaram um pombo lá na mata,
Mas, na pedreira não pousou,
Se ele caiu na encruzilhada
Seu Pedra Negra é que mandou!

Quando termina a engira dos eguns, para mudar a banda, comumente é cantado este ponto louvando a hora grande:

Deu meia-noite,
O sereno cai!
Caí, cai,
O sereno cai!
Caí, cai,
O sereno cai!

Das curimbas de louvação a Exu esta é uma das mais belas e conhecidas em todos os Terreiros:

Estava dormindo, na encruza,
Quando a banda me chamou!
Estava dormindo, na encruza,
Quando a banda me chamou!
Exu na carunga é rei!
Na encruza ele é doutor!
Na encruza ele é doutor!

Para despedida há muitos pontos, cada qual mais lindo, citamos porém este por ser o mais universal:

O galo já cantou
Minha canjira!
É de có-có-có
Minha canjira!
Exu já vai oló
Minha canjira!
Está rompendo a aurora

O repertório das curimbas de Exu é muito grande. Além dos citados pontos, muitos são improvisados pelos ogãs, variando as letras de acordo com as circunstâncias.

E ao terminar o capítulo tornamos a lembrar, aos nossos leitores que, enquanto cantamos as curimbas para os Elementais, as impurezas encrostadas em nossos corações se transformam em vibrações de piedade e de comiseração em favor das almas empedernidas e das criaturas insensíveis às vozes da razão esclarecida. E que é cantando na relva, e nas pétalas das flores, que a brisa fala aos poetas, tal como os pássaros canoros ao romper das madrugadas primaverais.

VOCABULÁRIO

AFRO

ABÁ — Tranqüilidade. Sossego. Paz
ABABÁ — Alguidar de barro. Assadeira
ABACÊ — Terreiro. Local das engiras
ABALÔ — Gênio das águas dos rios
ABARÁ — Massa de feijão
ABERÉM — Milho verde socado
ABERÉ — Bisbilhoteiro. Indagador
ABÉ INFARUM — Navalha de barbear
ABI — Nascer
ABIÁ — Axilas
ABÓ — Metade
ABURÉ OXURIN — Caçula
ABATÁ — Sapato
ABIAN — Noviça
ABÔ EXIM — Égua
ABOMÍ — Orixá de Xangô. Santo Antônio
ACAÇÁ — Algodão
ADÉ FONTO — Homossexual. Passivo.
ADAGUN — Lago
ADEJÁ — Campainha
ADITI — Surdo
ADÔ — Tiara
ADÉ FIRÓ — Homossexual. Ativo
ADIÉ — Galinha
ADAN — Rato
ADIÉ ODÓ — Galvota
ADIDÉ — Ordem de levantar a mesa do amalá
ADOBÁ — Curimba de agradecimento
ADO — Milho maduro
ADUM — Doçura Meiguice
ACOTÔ — Gênio das águas dos rios
AFÉ — Instrumento musical. Dança
AFEMUJOMÓ — Madrugada
AFOJU — Cego
AFURÁ — Bolo de fubá de arroz e mel
AGAI JOKÓ — Cadeira
AGBÁ — Velho. Idoso
AGANJU — Orixá de Xangô. São José
AGBEJI — Guarda-chuva
AGBADÔ OKÁ — Espiga de milho
AGBARÍ — Cérebro
AGBEGUI — Marceneiro
AGBON — Barba
AGBORUN — Chapéu de sol
AGÔ — Licença
AGÔ IÉ — Permissão
AGEKI — Guloso
AGÉ — Ignorante
AGODÔ — Orixá de Xangô. São João Batista
AGOGÔ — Instrumento de curimba
AGOGÓ — Relógio
AGEXÓ — Ajoelhar-se
AGUNJÉ — Garfo
AGURÊ — Brasa
AGUTAN — Ovelha
AIÁ — Senhora
AI LÓ ONGÉ — Indigestão

AIMÔ — O mesmo que agé
AIÓ — Alegria
AI SUN — Insônia
AJEUM — Comida
ALABÊ — Ogã novo
AJÁGUN — Guerreiro
AJÁ — Cachorro
AJAKALÉ ARUN — Epidemia
ALÁ — Pálio
ALAFIÁ — Felicidade
ALAFIM — Orixá de Xangô. São Jerônimo
ALAGBEDÊ — Ferreiro
ALAGOGÔ — Relojoeiro
ALAILEXÊ — Errado
ALAPÁ — Abóbora
ALOJA — Três batidas de atabaque
ALUÁ — Refrigerante de milho verde, caldo de cana e gengibre.
ALUBOSA — Cebola
ALUFA — Sacerdote. Babaorixá
ALUFAM — Orixa de Xangô. São Pedro.
AKOLOLO — Gago
AKUKÓ — Galo
AMACI — Infusão de ervas para assentar o ori.
AMALÁ — Ceia
AMÓ — Barro
AMEDIDUM — Rijo
AMOLÉ — Pedreiro
AMBROZÓ — Guloseima
AMO'TEKUN — Tigre
AMUDI — Defluxo
AMUKUN — Cocho
ANDA — Rele de dormir
ANGANA — Dona de casa
ANKÉ — Machado
APÁ — Braço
APARI — Calvo
APAPÓ — Perdiz
APEJÁ — Pescador
APÔ — Bolso
ARA — Corpo humano
ARAA — Trovoada
ARA DÁ — Como vais?
ARABIRIN — Mana. Irmã
ARABIRIN IÁ — Tia
ARAKURIN BABÁ — Tio
ARAN — Delírio
ARANXÓ — Alfaiate
ARIUÁ — Norte
ARUANDA — Corruptela de Ruanda
ARUN — Número cinco
ASSUMÍ — Jejum
ATAFÓ — OJU — Cegueira
ATAKAN — Pano da Costa
ATARÉ — Pimenta
ATEGUN — Aragem
AUÁ — Nós. (pronome)
AUÓ SAMMA — Dedos
AUÔ — Prato
AXÊ — Patuá
AXEXÊ — Cerimônia fúnebre
AXÓ IBORA — Tanga
AXÓ ILEKÉ — Paletó
AXÓ INUÓ — Toalha de mãos
AXÓ — Toalha de mesa
AXÓTE — Saia

B

BÁ — Alcançar
BABÁ — Pai
BABA AGBÁ — Avô
BABATAR — Procurar
BÁ JÊ — Estragado
BABALAÔ — Babalow. Jogador de búzios.
BABALORIXÁ — Corruptela de babaorixá
BABAORIXÁ — Pai de santo. Sacerdote.
BAMBARÊ — Briga
BAMBEAR — Fraquejar

BANGÓ — Dinheiro. O mesmo que jimbo
BANGOLAR — Andar à scita
BANGUELA — Desdentado
BANTA — Raça negra de Angola, Congo e Moçambique
BATA — Sapato
BATUQUE — Sapateado
BEL CRI GÊ ORÍ — Cortar a cabeça. Decepar
BERÊ — Início
BERÊ SI — Começar
BERU — Desconfiar
BI — Vomitar
BIMO BI — Partejar
BIMBA — Coxa
BINGA — Coité de chifre
BINU — Raiva. Ódio
BÓ — Adorar
BÓ LAXÓ — Despir
BOJU TÔ ANÃ — Vigiar o caminho
BOKÉ — Vozerio
BOOBÓ — Mistura de legumes
BOMBEAR — Espreitar
BONGAR — Catar piolho
BOUÓ FUN LÉSI — Respeito
BU BU LEBU — Insultar
BU FUN BU NI — Entregar
BU JÉ — Maldizer
BUJIAR — Apoquentar
BUJINGANGA — Quinquilharia
BUKUN FUN — Abençoar
BUNDA — O mesmo que bundo. Dialeto angolano dos bundas.
BU MORÓ — Exagerar
BÚZIO — Espécie de caracol. Molusco de carcassa espiral
BUZIOMANCIA — Adivinhação através dos búzios
BUTUA — Planta medicinal angolana.

C

CABA — Abelha
CABALA — Trabalho secreto contra ou a favor
CÁBILA — Tribo africana. Feiticeiros
CABUNGA — Tribo argeliana
CACÓRIO — Esperto
CACIMBA — Tanque
CACUNDE — Ornamento de vestido
CACURUCAIA — Idosa. De k-curucaia do dialeto cafre
CAFIOTO — Menino
CAFIFADO — Azarento
CAFUNDEO — Longe
CAFUMANGO — Vadio
CAFUNGA — Triste
CAFUNGE — Moleque
CAFUNGUEAR — Procurar
CAIALO — Descrente
CALUNGO — Cibora
CALUNDA — Capricho
CALUNDO — Farteiro
CAMANÁ — Fanático. Espião na seita religiosa
CAMBAR — Ajuntar
CAMBARERÊ — Afastamento
CAMBONO — Auxiliar do médium
CAMISU — Munanga. Blusa fechada do filho de santo
CAMBIÁ — O mesmo que Ixê. Ponto de segurança do abacê
CAMINHA — Bêbedo
CAMUCITE — Petrechos dos cultos
CAMUTUÊ — Cabeça. De k-mutuê do dialeto cáfre.
CAMUMBEMBE — Pessoa vil
CAMUNHENQUE — Muito mal
CANDARU — Braseiro
CANDOMBLÉ — Culto sudanês

CANJIRA — Dança
CAPANGA — Valentão
CAPANGUEIRO — Gíria umbandista que significa companheiro.
CAPIANGO — Ladrão
CAQUIÇAR — Pretextar
CATUZADO — Imprestável
CASSUTÊ — Companheiro. Amigo.
CASSUTO — Enfermeiro.
CAVALO — Médium. Gíria umbandista
CONGÁ — Santuário
CONGUICE — Impertinência
COVUCAR — Abrir buraco
CUCA — Megera
CUFAR — Morrer
CUMBA — Bruxa. Feiticeira
CURIAR — Beber
CURIAU — Despacho
CURIMBA — Ponto cantado. Conjunto instrumental.
CURUCAIO — Velho. De k-curucaio do dialeto cafre
CUTUBA — Bom. Giria.

D

DÁ — Imaginar
DADA — Orixalá. Deusa da agricultura
DA DURÓ — Esperar
DAN — Luz
DAKE FINUMENO — Calar
DALÉ — Caminhar
DÁ JÓ DÁ LEJÓ — Julgar
DANAN — Fogo em brasa
DARÁ LEUÁ — Belo
DARI FIJI DAKUN — Perdoar
DARRUM — Chamamento mental dos filhos de santo
DÉ — Chegada
DEBÁ DE SI — Chegada de alguém
DE-KA — Confirmação sacerdotal
DÉ LÉ — Chegar
DELOGUM — Jogo de búzios. Buziomancia
DENDÊ — Azeite de côco de dendê
DEMANDA — Questão. Gíria umbandista
DENGO — Carinho excessivo
DI AKUXÉ — Arruinado
DENGUÉ — Milho branco
DIAMBA — Maconha
DECAUÉ — Líquido fecundante do animal
DIDUN — Doce
DILONGA — Caneca
DILONGÁ — Preto
DI LOJU — Evitar o olhar
DIMBO — Duvidoso
DIN — Assar
DJINA — Característica do culto. A banda do filho de santo
DO LÓ — Lamentar
DO LÓ — Lamentar
DO UN — Orixá infantil
DUBURU — Afastamento de quimba com pipoca e bife cru
DUNGA — Capoeira
DZA — Lançar
DZÁ OKUTÁ — Atirar pedras
DZUMBA — Concubina. (Dialeto cabinda)

E

EBAMI — Mãe de santo
EBÊ — Súplica
EBI — Vômitos
EBÔ — Sacrifício. Imolação
EBÓ — Comida de santo
EBU — Insultar
ECURO — Farinha de mandioca

EDÁ — Criatura
EDÊ AKAN — Caranguejo
EDÓ — Fígado
EDOGBON — Número vinte e cinco
EDOGUN — Número quinze
EFÁ — Número seis
EFÓ — Comida de santo
EFUFU — Vento
EFUM OGUEDÊ — Farinha de banana
EGBE — Ilhargas
EGBIN — Lama
EGBÓ KIKÊ — Gangrena
EGBON — Irmão
EGBÓ OBÊ — Corte de faca
EGUIBUN — Osso
EGUM — Alma
EGUMANCIA — Consulta às almas
EIIN — Dentes
EIIN KÁ — Cair os dentes
EIM OJU — Olhos
EJEXÁ — Culto sudanês
EJI — Número dois
EJICÁ — Ombros
EJI LÁ — Número doze
EJÓ — Cobra
EXANAN — Unhas
EXÊ — Mentira
EKÓ — Preceito religioso
ELEGBÁ — Deus do mal
É LEDÁ — O criador
ELEDÁ — Anjo da guarda
ELEDÉ — Suíno
ELEBU — Malcriado
ELEXÊ — Pecador
ELU — Anil
EMBANDA — Orador tribal
EMBONDO — Dificuldade
EMIM — Pronome EU
EMPALAMADO — Pálido
EMU — Torquês
ENIIN — Pronome VOS
ENDI — Órgão genital
ENDÁ — Corca do filho de santo
ENGOLABADO — Enraivecido
EPÓ — Batata selvagem
EPÔ — Óleo cru
ERAN — Carne
ERAN QUEQUERÊ — Carne picada
ERÊ — Crianças
ERÓ — Segredo
ÊQUIDÉ — Cambono
ERÉ — Jibóia
ERI — Sujo
ERIN — Elefante
ÉRU — Rabo
ESAN EBUN ORÊ — Recompensar
ESAN — Número nove
ESCARAMBAR — Secar
ESÉ — Pé
ESTÁDIO — Santuário
ETI — Orelha
ETÉ — Lepra
EALÁ — Número treze
EUIM — Mel
EUÓ NI — Defendido
EXÉ — Pulso
EXÊ — Breve. Talismã
EXIN — CAVALO
EXINXIN — Mosca
EXU — Elementais na Umbanda. (dialeto nheengatu)

F

FÁ FARRUN — Barbear
FA LÁ — Rasgar
FALANGE — Grupo de eguns
FA LOKAN — Movimentar
FARRABANDA — Gabolice
FÉ — Querer
FÉ MI SI — Soprar
FERAN — Querer bem
FIGBONÁ — Pôr ao fogo

FI AN JUÉ FUN — Ensinar
FI JI — Desculpar
FILÁ — Turbante
FILÉ LOUÓ — Confiar
FI PÁ DÉ — Fechar
FI PÁ MÓ — Reservar
FIN — Raspar
FIPÉ SÓ — Confiar
FÓ — Roubar
FON RU JORÓ — Emagrecer
FUGÓ KAN MÓ — Bulir
FUÁ — Desconfiado
FU BEXA — Surra
FUFIO — Ralé
FULA — Raiva
FULANO — Escurecido
FUN LU UOLÉ — Fazer entrar
FUNCA — Sem valor
FUNDANGA — Pólvora
FUNGAR — Farejar
FUNFIA — Mulher ordinária
FUXICA — Milongas. Intriga

G

GAMBELAR — Iludir
GANGA — Roupa
GANGONA — Dama
GANJENTO — Orgulhoso
GAN XABUKU SI — Desprezar
GAPUIA — Pescador
GATAFUNDO — Arabescos
GEBAGBÉ — Esquecer
GEBÁ GBÁ SILÉ — Receber
GEBÁ LE TI — Sopapear
GEBÁ LOUÓ GBOUÓ — Apertar a mão
GEBÁ TEUÓ GBÁ — Aceitar
GEBÁ RUN — Cheirar
GEBELÔ — Levar
GEGBELÓ — Afastar
GEGBON — Inteligente
GEKEBÊ — Cortar
GEBEXELÊ BERÓ — Numerar
GEBÊ KURÓ — Alcançar
GEBERO — Intenção
GEBESAN LARA — Justiça
GEBÊ SOKÊ — Levantar
GEBI PÓ ROPÓ — Suceder
GEBÔ LA ODÓ — Entender
GEBURAN FUN TERIBÁ — Obedecer
GEMITAR — Chorar
GIGIRISÉ — Calcanhar
GIRAR — Partir
GRONGA — Bebida inferior
GUIA — Colar
GUIALÉ — Bastão sacerdotal
GUN TA BUXAN — Picar
GUN OUÓ — Cortar a mão
GUINÉ — Planta poácea para defumar
GUINÉ — Golfo da Nigéria. Galinhola. Nação africana
GURITA — Égua velha
GURUMBUMBA — Cacete
GUZÓ — Força
GUZÓ OUÓ — Mão forte
GUZÓ GANGONA — Mulher forte

I

IÁ — Mãe
IÁ AGBÁ — Avó
IALÉ IAOLODÉ — Senhora respeitável. Dama
IAORIXÁ — Mãe de santo
IÁ QUEQUERÊ — Mãe pequena
IBAKAN — Mula
IANRIN — Areia
IBANUJÉ — Tristeza
IBÊJI — Orixalá dos gêmeos e das crianças
IBERAGA — Orgulho
IBERÊ — Pergunta
IBERU — Receio
IBI — Nascimento
IBIMÓ — Parto
IBINU — Raiva

IBÓ — Adoração
IBOSÉ — Inferior
IBUSUN AKETÊ — Cama
IDAKU — Desmaio
IDETI — Surdez
IDI — Águia
IEMANJÁ — Orixalá das águas
IFÁ — Divino Espírito Santo. Orixá das parturientes
IFÉ IFERAN — Amor
IFÓ ORI — Dor de cabeça
IFOJU — Cego
IFUN — Intestino
IGBÁ — Cuia
IGBALÊ — Vassoura
IGBEIAUÓ — Cotovelo
IGBEI AIUÓ — Casamento
IGEBINIKUN — Inflamação
IJIIÁ — Castigo
IKAN LORÓ — Envenenar
IKIDUN — Lagoa
IKIIÁ IBOIIÁ — Coragem
IKÓ — Tosse
IKU — Morte
IKUN INU — Barriga
ILÁ — Quiabo
ILARA — Inveja
ILÊ — Casa
ILÊ AIIÊ — Argila
ILÉ OUKUTÁ — Casa de pedra
ILÉ QUEQUERÊ — Casinhola
ILÉ XU — Anoitecer
IMBOANÇA — Atrapalhação
IMÓ — Limpeza
IMU — Nariz
IMUTIPARA IMUTIPÓ — Bebedeira
INFUNICAR — Deformar
INFURÁ INFIMÓ — Desconfiança
IÓ — Alegrar
IORUBA — Cidade nigeriana. Capital Oio
IPÊ JÁ — Pescar
IRAUÓ — Estrela
IREKÊ — Cana de açúcar
IREPÔ — Amizade
IRETI — Esperança
IRINUÔ — Número quatrocentos
IRÓ — Pensamento
IROR EDUN — Dor
IRORI — Travesseiro
IRUN — Cabelo
IRUN ETÊ — Bigode
ISIMI — Descanço
ISINKUN — Enterro
ITANJÉ — Engano
ITIJU — Vergonha
ITÓ — Saliva
IUÓ — Pronome Tu
IXANÃ — Fósforo
IXAXUN — Licor
IXÉ — Trabalho
IXÊ — Ponto central do abacê
IXEJU KAN — Um minuto
IXU — Inhame
IXUBU — Queda

J

JABÁ — Charque
JABOLÉ — Queda de frutos
JABONÃ — Auxiliar da iaorixá
JACÁ — Samburá
JACA — Capataz
JACUBA — Pirão de farinha com rapadura
JAGUN — Guerrear
JAMBÊ — Ensopado de carne e legumes
JÊ FUN — Servido
JÉ NIIA — Castigar
JERERÊ — Rede de pescar
JEUÁ NIPÁ — Sustentar
E TITINI — Pertencer
JEUÓ — Confissão
JIGÁ — Bicho de pé

JIMBÉ — Carne de porco salgada
JIIAN — Apostar
JIMBO — Dinheiro
JIJIN OJU — Óculos
JINGUBA — Amendoim
JIQUITAIA — Pimenta em pó
JÓ — Convidar
OCÔ — Sentar sobre as próprias pernas
JOLOFO — Idiota
JONGO — Dança fúnebre
JU SOKÉ — Atirar para fora

K

KAKAJO TELÉ — Curvar
KALUNGA — Espelho
KAN — Pingo
KANGA — Poço
KAN LORÓ — Envenenar
KANTAN SI — Depender
KARIRÁ — Odiar
KARUN FUN — Arrependimento
KARIKÁ ERÁ — Formiga
KARUNGA — Mar ou cemitério (gíria?)
KEDAMIJÊ — Chorar
KEKÉ — Carro
KEKESI — Saudar
KETEKETÉ — Burro
KIRIMBÁ — Sinal. Aviso
KÓ — Aprender
KOKONI KOLECÓ — Ensinar
KOLOLÓ — Gagueira
KOKORÓ — Lagarto
KOSI — Não
KOSILE — Abandonar
KORIN — Cantar
KOMO KOLÉ — Construir
KOXÁ KOJÓ — Ajuntar
KUKI — Salvar

L

LA FAL — Lamber
LABALABÁ — Borboleta
LAKOJÁ RE KOJÁ — Atravessar
LANAN — Ontem
LAMBA — Desgraça
LEXÉ — Errado
LIAMBA — O mesmo que maconha
LIBATA — Aldeia
LIBAMBO — Cadeia
LOG BÓ — Gastar
LO LÁ — Amanhã
LOGBÉ UÁ — Trazer
LÓ BÁ TIRÉ LÓ — Partir. Ir embora
LONIN — Hoje
LOLORUN — Torcer o pescoço
LORA — Lento
LORI DARI SI — Pôr em cima
LÓ SI LÓ UÁ — Sair
LU AGOGÓ — Tocar o relógio
LUNAN — Ferir
LUNDUN — Cantiga
LOTUNLA — Depois de amanhã

M

MACAIA — Mata. Fumo ordinário
MACUMA — Macumba. Serviçal
MACUMBA — Reco-reco. Pejorativo de Umbanda
MACURO — Berço
MADZA — Água potável. (dialeto cafre)
MAJÉ JEUM — Comida
MÁ LEME — Misericórdia
MALU — Boi
MANDINGA — Sortilégio
MANGORÔ — Manga
MÃO-DE-ERVA — Ervateiro
MÃO-DE-FACA — Magarefe

MÃO-DE-SE — Cozinheiro
MARAFA — Aguardente
MARIMBA — Intrumento musical. Laço de corda com pedra
MARUFO — Infusão de ervas com parati
MATACA — Nádegas
MATUNGO — Marido
MIÇANGA — Contas vegetais ou artificiais
MINGONGO — Mosquito
MINKALÉ — Respirar
MILONGAS — Intriga (dialeto bunda)
MIRONGA — Corruptela de m'longa
MIKE — Imprestável
MENGA — Sangue
MÓ — Conhecer
MOLAIA — Acostumar
MOCAMBO — Casebre
MÓ NI — Considerar
MÓ LOKAN — Cheiroso
MOLÉ DAKAN — Luzir
MOLONKÓ — Fraco
MÓ TUN MÓ — Reconhecer
MU — Beber
MUCAMA — Babá
MUCAMBA — Trouxa
MUAMBO — Evangelho dos cafres
MUCURONGO — Grasdalhão
MUFERI TU LAIA — Resfriar
MU IÉ — Embriagado
MU LINA — Curar-se
MU KURÓ — Tirar
MU JONGO — Forte
MULOJI — Feiticeiro
MUNGONGO — Enérgico
MURÁ MURÁ TAN — Apontar-se
MU PADÁ MÓ — Tornar a trazer
MU PADÁ LÓ — Expulsar
MU PON MUDÉ — Maduro
MUTIÓ MUTIPARA — Compreender

N

NAGÔ — Culto sudanês. Orixá de Ogum
NANAMBURUQUÊ — Divindade das cachoeiras. N. S. da Glória
NARUÊ — Orixá de Ogum
NHA-SÃ — Orixalá dos ventos. Sta. Bárbara
NIBON KIBON — Espingarda
NIGBÁ FUN LIXÉ — Ocupar
NIKON — Canoa de pescar
NIJELO — Passado
NI LEG BÉ — Levantar
NI LIL — Possuir
NI NILI TELÉ — Prevenido
NILÉ KULO — Perder
NI NON — Prosome ELES
NUGBON — Escrever
NUNANGA — Vestimenta dos filhcs de santo

O

OBÁ — Rei. Deusa do Amor
OBALUAÊ — Orixá dos leprosos. São Lázaro
OBATALÁ — Céu. Abóbada celeste
OBÉ — Faca
OBI — Noz de cola
OBIRIKI — Gavião
OBIRIN OLOCÓ — Mulhercasada
OBIRIN OPÓ — Viúva
ODÉ — Pedido de d'nheiro
ODÃ — Poma vegetal
ODÓ — Cimento
ODÓ — Rio
ODÔ — Pilão
ODÓ FUN — Pregado
ODÓ LAGIDO — Macaco
ODUM — Orixalá da Terra

ODUN — Ano
OFÁ — Plantas medicinais
ODUNDUA — Planeta Terra
OGÁ — Senhor
OGÃ — Título de vários auxiliares do abacê
OGANJÓ — Meia-noite
OGBÊ — Ferida
OGBON — Número trinta
OGSON IMOIÉ — Sabedoria
OGONGÓ — Avestruz
OGUM — Orixalá da Guerra
OGUN — Número vinte
OIÁ — Deusa do Rio Niger
OIÉ MI — Compreender
OIIÁ — Pente
OIIN — Mel
OIO — Capital de Ioruba
OJÉ ATÊ — Alcatrão
OJEDÉ — Banana
OJI JÁ — Trovoada
OJÓ — Dia
OJÓ OJÁ — Temporal
OJÓ RÓ — Chuva
ÓJU — Rosto
OKAN — Coração
OKANLÁ — Número onze
OKÓ — Marido
OKÔ — Enxada
OKU — Salvação
OKUN — Mar
OKURIN — Homem
OKUTÁ — Pedra
CKUTÁ QUEQUERÉ — Pedaços de pedra
OLÁ — Honra
OLAMPANDEDÉ — Andorinha
OLÉ — Preguiça
OLÔ — Ralador
OLÓ — Subir
OLOGBON — Sábio
OLOJUKAN — Zarolho
OLOKUN — Orixalá dos mares
OLOLÓ — Hesitação
OLORUM — Deus
OLU — Martelo
OLUBUJUTÉ — Vigia
ORIXÁ — Egum evoluído. Alma alcandorada
OLUFÉ — Amado
OLUKÓ — Instituidor
OLUXÓ AGUTAN — Pastor
OLUXÔ — TABU — Ferreiro
OMAALAILOBI — Órfão
OMINDAN AMOBIRIN — Solteira
OMINJÉ — Lágrima
OMOBIRIN — Filha
OMODÉ KURIN — Rapaz
OMOKURIM — Filho
OMOM ADIÉ — Pinto
OMU — Seios femininos
OMULU — Orixá dos mortos
ON — Pronome ELE
ONIBAN — Militar
ONIBATÁ — Sapateiro
ONÁ OFUN — Garganta
OCÓ — Homem
OCOSSI — Dinheiro
ODARÁ — Bonito
ODOLAXÉ — Tarado
OJÁ — Pano de cabeça
OMI — Água potável
ONIBINU — Enraivecido
ONIBODÉ — Despachante
ONIGBAGNO — Crente
ONI KADÁ — Jacaré
ONIKÉ — Corcunda
ONGBAJAMÓ — Barbeiro
ONINTAJÉ — Mentiroso
ONIXEGUN — Médico
OMINDUNDUN — Café
OMOLOKUN — Amalá de Oxum
OPALÁ — Gênio das águas dos rios
OPANINJÉ — Curimba de Omulu
OPIN — Fim
ORÁ — Gordura
ORÉ — Bondade

ORI — Cabeça
ORISUN — Fonte
ORIXALÁ — Força da natureza divinizada
OROBÔ — Fruto usado na liturgia candomblista
ORÓ OLÁ OUÓ — Mão rica
ORU — Calor
ORU ALÉ — Noite quente
ORU MU — Comportar-se
ORUM — Sol
ORUN NKUN — Sono
ORUN MILÁ — Sonho
ORUN RERÈ — Sol no céu
OSÃ — Tarde
OSÉ — Semana
OSSANHE — Gênio das folhas
OTI — Parati
OTTTÓ — Verdade
OTÔ — Basta
OTUM KUKI — Restar
OTUTU — Frio
OUÓ — Mão
OXAGUIAM — Oxalá menino. Jesus Cristo
OXALÁ — Orixá maior. O Cristo
OXALUFAM — Oxalá velho. O Cristo Homem
OXOGUM — Jogador de búzios
OXU — Mês
OXUM — Deusa das águas dos rios
OXUM MARÉ — Deusa do Arco-Iris
OXUPÁ — Lua

P

PAGUNCU — Pilhéria
PAHANDÉ — Preceito de Exu
PALERIN — Rir
PA MÓ LAITÓ — Guardar
PAMONHA — Bolo de fubá de arroz
PARAMOLÉ — Víbora
PARI XE TAN — Acabar
PARÓ PADÁ — Trocar
PATUÁ — Breve
PA UÁ — Chegar
PEJÁ — Pescar
PEMBA — Giz vegetal. (dialeto cafre)
PENGO — Bobo
PEPEIE — Pato
PEPENI — Apelidar
PESÉ ONJÉ — Convite para refeição
PIN FUN — Distribuir
PIN NINU — Tomar
PINNU SI PARÍ — Limite
PÓ XU — Amassar
PON POGÍ — Subir
PONDÉ — Amadurecer
PON MÍ — Tirar água
POMO-ENGIRA — Vibração feminina de Exu
PONCHE — Charuto
PONTEIRO — Estoque. Punhal tubular

Q

QUENGA — Gamela
QUEQUERÊ — Pequeno
QUETO — Culto sudanês
QUIMACA — Palmito
QUIBANDA — Palmatoria
QUIBEBE — Abóbora cozida e refogada
QUIÇAMA — Jacá
QUICONGO — Planta medicinal
QUILOMBO — Casebre
QUILULO SANDI — Pessimo caráter
QUIMANGA — Cabeça
QUIMBANDA — Curandeiro. Sacerdote dos quimbundas
QUIMBANGO — Bruxo. Feiticeiro

QUIMBEMBE — O mesmo que quilombo
QUIMBUNDA — Tribo do Nordeste de Angola.
QUINGUIÇU — Serão
QUIPONGUÊ — Comida de santo
QUITUNGO — Cestinho de palha
QUIUMBA — Obsessor
QUIUTA — Efeminado
QUIZILIA — Questiúncula

R

RÁ LODÓ NI — Comprar
RÁ PADÁ — Remir
RAMBEMBE — Imprestável
RÁ PADÁ — Remir
RAN LETI — Lembrança
RAN LUÓ, KAN LUÓ — Socorrer
RAN ORUN — Evaporar
RANTI — Recordar
RANXTI — Recordar
RANXÓ — Coser
RANUÓ — Fiar
RÉ — Conhecer
RE GÊ — Podar
RERIN-RIN-RERIN — Rir-se
RÉ SILÉ — Humilde
RI GBÁ, RI GBÁ NI — Obter
RIN BUBURU — Fedor
RIN — Andar
RIN UÓ — Local
RIN UÓ RIRAN — Olhar
RIZUNGAR — Muchccho
RÓ — Pensar
ROLÉ — Cavar
ROIN, FUN SO UI FUN — Contar
RUANDA — Nação da Africa Central
RUZAVA — Planta medicinal
RONCÓ — Quarto do santo

S

SABUN — Protetor de criança
SA LÓ SÁ ASÁ LÁ — Fugir
SALAN — Oração
SALUA — Falsidade
SALUBA — Saudação a Iansã
SAMBA — Filha de Santo
SAMANGO — Mole
SANGUÉ — Vinho
SARAPANTAR — Espantar
SARAPATEL — Sarrabulho
SARAVÁ — Saudação
SARE DU — Correr
SE TAN — Cozinhar
SENGAR — Arruaça
SIMI — Descansar
SIN, SINKU — Enterrar
SÓ FUN TELÉ SORUN — Avisar
SOJE — Amigo das crianças
SOKUN, SOKUN FU — Choro
SUN MEHIN IERA — Recuar
SUNA — Mulher

T

TÁ — Vender
TÁ SILÉ DANU — Jogar fora
TANJÉ — Enganar
TANJÉ RÉ JÉ — Dissimular
TABILI — Mesa
TÁ KOROBOJÓ — Fazer amigos
TANGA — Sunga
TÉ LÉ KÁ — Virar
TAN SI, TÓ SI — Possuir
TE LÉ LOKERÉ — Ir longe
TENU MÓ — Afirmar
TOLÓ TOLÓ — Peru
TOPASÉ — Topada
TO TÓ FUN — Suficiente
TUFADA — Ventania
TUIA — Pólvora
TU BA FUN — Abandonar
TUNGAR — Surrar
TUN DI — Prender

TUN GAN, TUN MU — Apanhar novamente
UN LÓ SOKÉ — Subir
TU ONÃ RI — Achar o caminho
TUN UÓ — Buscar
TUN XUBU — Tombar
TUKÓ LOJU NINU — Navegar
TURU OJO PÁ — Tomar banho
TUTU — Alma danada
TEMI — Pronome EU
TIÉ — Pronome Tu
TÁTA — Grande sacerdote
TÁTA TI INKICE — O maior no santo

U

UÁKATI KAN — Uma hora
UÁKATI KAN PELU ABÓ — Uma hora e meia
UÁ KIRI — Procurar
UÁ LAFIFÓ — Vazio
UÁLUA — Cerveja de milho
UOAPÁ — Remar
UO O UÁ — Chegue-se
UAPA UARAPÁ — Gota
UARA — Leite
UARA RIRI GBON MI — Tremer
UÉ NIN RÓ LOKAN — Refletir
UÉ OUÓ — Lavar as mãos
UERÊ INSINUIN — Demência
UI SO FUN NI — Dizer
UIUÁ ARÁ — Inchação
UMBANDA — Arte de curar. Sombra que se consulta (do dialeto quimbunda)
UNLAIÔ — Orixalá das matas
UOÔ GIBUON — Medir
UÓ UONO, BOSI UOLÉ — Entrar
UOXÓ — Vestir
URUMPÍ — Despacho das comidas de feitura do santo
UÚ — Inchado

V

VATAPÁ — Papa de mandioca. leite de côco, camarão e dendê
VAVÁ — Falar
VINCHOSO — Esconder
VODUNCE — Filho de santo
VUME — Defunto
VUMBI — Cerimônia fúnebre
VUNGE — Atilado
VUNVUNADO — Achado

X

XAXÁ LOGBÉ — Machucar
XACOCO — Língua mal falada
XAIGBORAN SI, RUFIN — Desobedecer
XAIMÓ KOMÓ — Ignorar
XAISAN, ARÁ KODÁ — Doente
XAISERAN GBAUÉ — Abster-se
XANGÔ — Orixalá do Trovão.
XAN JÓ AGBÁ JÓ — Escorregar
XARAN — Delirar
XÉ — Errar
XE GBÁ MINU JÉ — Ofender
XE GBÉ SÁ — Secar
XE KUPÁ — Falta
XEKÉ PURÓ, PURÓ MÓ — Mentir
XE LUÔ MU MIL — Enfeitar.
XÉ MU — Fazer
XERERÊ — Instrumento de som
XIBI — Colhêr
XIGU IB EFÉ — Côco
XIRÉ XE XIRÉ — Jogar
XIRO KÁ — Contar

XI XINA XINA — Errar o caminho
XI XI SI LÉ LÁ — Abrir
XOKUN POHUN ERERÊ — Lastimar
XOKUNKN XU XU DUDU — Escurecido
XOKOTÔ — Calça
XU BÓ — Apagar
ZU BU — Cair
XU BULU, UÁ LORI — Despencar
XUN LÓ, GAN LÓ, XU NA — Prazer sexual
XUATÉ — Palerma
XU, IKÁ, XILÓ IICA — Pisadela

Y

YÁ, YA NI — Emprestar
YÁ IRUN — Pentear
YAMA — Oeste
YAN LODI — Ter ódio
YANÃ — Pôr ao fogo
YARÔ, ARÓ — Aleijado
YA SOTÔ, FI SAPAKAN — Mudar
YÉ — Conhecer
YESI BOUÓ FUN — Homenagear
YIN ÓINBON SITAFÁ — Revólver
YÓ JADÉ, YO KURÓ, MUJADÊ — Tomar
YOJU LOJU FEREXÉ — Olhar
YO KURÓ BU KURÓ MINU — Afastado
YO XIRÉ — Divertir

Z

ZAMBE — Deus na mitologia angolana
ZAMBEMBE — Ordinário
ZAMBO — Mestiço
ZERÉ — Olho torto
ZOMBIE — Aparição da alma do morto
ZONZO — Desorientado
ZUMBI — Chefe de nação tribal
ZURRA — Zunir
ZÚUA — Refrigerante de água e mel fermentado

NHEENGATU

A

A — Oh!
AAPE — Neste local
ABÁ — Homem
ABABÁ — Grupo de homens
ABACÁ — Bananeira ornamental
ABACAXI — Tribo de índios. Fruta
ABAETÉ — Homem forte
ABARÉM — Bolo de milho moído
ABATIXI — Planta aquática
ACAIU — Caju
ACANGA — Cabeça
ACARÁ — Peixe de rio
ACAUÃ — O mesmo que cauã. Gavião.
AÇIABA — Capa de penas ou de peles
ACOTIBÓIA — Serpente
ACURU — Calhau
AFURÁ — Sapo
AGUAPÉ — Planta aquática de superfície
AGUAPECA — Ave amazônica
AGUTIGUEPÁ — Planta medicinal
AHÉ — Pronome ELE ou ELA
ALCUNA — Admiração
AIEPÉ — Estupendo
AIMORÉ — Grande tribo guerreira. Deus da Caça mit. tupi
AIRIRI — Côco silvestre
AIRIRITUCUM — Corda de fibra.
AITÁ — Pronome ELES ou ELAS
AIOCARA — Colar de dentes de animais
AJURU — Ave que fala
AJURUJURU — Maritaca
AJURUBÁ — Variedade de peixe dourado
AMANA — Chuva
AMEIUBÁ — Madeira amarela
AMEJU — Fruta silvestre dos trópicos
AMBURA — Defunto
AMOIRE — Repetir
AMACÂ — Pica-pau
ANDAAÇU — Árvore grande
ANDAQUIRA — Árvore que produz cera
ANDIRÁ — Morcego
ANDIRAI — Morada de morcegos
ANDIRAAÇU — Morcego gigante
ANDIROBA — Fruto silvestre
ANGA — Alma
ANGICO — Árvore medicinal
ANHANGÁ — Alma dos cemitérios
ANHINGA — Aves ribeirinhas
ANU — Pássaro
ANUÍBA — Louro silvestre
APAPÁ — Peixe do rio Amazonas

APECATU — Longe
APEGAUA — Homem
APEICUTÁ — Remo
APIA — Macho
APICU — Lamaceiro
APÕA — Cobra comum
APONA — Forno
APOTI — Alto
APOTIARA — Senhor ou senhcra muito alto
APUTEIUBÁ — Periquito amarelo
AQUAQUÁ — Coaxar
AQUIQUI — Macaquinho
ARAÇÁ — Fruto nativo. Espécie de goiaba.
ARAÇAÍ — Araçá miudo.
ARAÇAPIRANGA — Tipo avermelhado de araçá. Araçá mole
ARA — Senhor ou senhora
ARAÃ — Saudade
ARACI — Aurora
ARABUTAÃ — Pau Brasil
ARACUÃ — Galinha silvestre
ARACUSSUUNA — Galinha grande e preta
ARAÇOIA — Faixa de penas
ARAICÁS — Tribos do Nordeste
ARAPONGA — Pássaro
ARAPORANGA — Senhor ou senhora muito bonito
ARAAPOTI — Mulher ou homem ordinário
ARAPUÁ — Variedade de abelha
ARAPUAÇU — Abelha grande de mel escuro
ARAPUBACAS — Vermes
ARARIGBOIA — Senhor da cobra feroz
ARARUNA — Arara negra
ARAATIMBÓ — Mulher ou homem ruim
ARAÚNA — Gente de pele negra
ARAPUCUSSAÚNA — Sempre gente negra
ARAXÁ — Planalto
ARERI — Restrição
ARIRANHA — Lontra
ARIRI — Depois
ARICORI — Variedade de palmeirinhas
ARPE — Depois
ARUÁ — Desconfiança
ARUANÃ — Dança totêmica dos tupis. Nome de peixe
ARUCERRANA — Árvore silvestre
ARURÃO — Jacaré gigante
ASSACU — Árvores margeantes dos rios
ASSU I — Concluir
ASSUPÁ — Arbusto dos trópicos
ATÃ — Fruta-de-conde. Pinha
ATIÉ — Desagrado
ATIMBÓ — Porcaria
ATINGA — Variedade de peixes
ATINUUCA — Pobreza
ATURÁ — Balaio
AUÁ — Quem?
AXI I — Daquele lado
AZINHÁ — Ave vulgar

B

BABUNHA — Nome de palmeira
BACABA — Fruta nativa
BACABEIRA — Variedade de palmeira
BACOPARI — Jaboticaba amarela. Cambucá
BACURAU — Ave noturna
BACURI — Notável fruta da região amazônica

BACURUBU — Árvore leguminosa
BAGUÁ — Cavalo bravio
BAIACU — Variedade de peixe
BAITACA — O mesmo que maitaca
BAMBORÉ — Planta medicinal
BANGÜÊ — Padiola
BANGULA — Barco de pesca
BARABU — Árvore tropical
BARABU — Nome de um Exu
BARAÚNA — Árvore negra
BARU — Variedade de batata doce
BARUAÇU — Batata doce muito grande
BATECUM — Sapatear
BATIPUTÁ — Semente oleaginosa
BATIUERA — Maçaroca de milho
BAXIUBÁ — Palmeira amarela
BEIJU — Filhó de mandioca
BEIJUPIRÁ — Peixe do litoral brasileiro
BEILHÓ — Abóbora frita com mandioca e açúcar
BIARIBU — Cova de assar carne
BIGUÁ — Ganso
BICUÍBA — Óleo da bicuibeira
BIGUÁ — Ave silvestre do Brasil
BIRIBÁ — Fruto silvestre
BOCAIUVA — Coquinho
BOICININGA — Cascavel
BOICUABA — Serpente
BOICUABAÇU — Serpente gigante
BORÉ — Trombeta
BORORÉ — Veneno para flecha
BOROROS — Tribo do Brasil Central
BURIQUI — Mico
BUBUIAR — Flutuar
BRUACA — Mala de couro cru
BURANHÉN — Espécie de sapoti
BURAREMA — Árvore que fede
BURÉ — Papa de milho verde
BURITI — Fruto do buritizeiro
BUTIÁ — Variedade de palmeira
BÚTUA — Planta
BUTUCA — Mau olhado

C

CAA — Mata
CAAEMA — Mata fétida
CAAETÊ — Mata forte
CAAÇAPAVA — Mata clara, pouco densa
CAABA — Inseto. Espécie de abelha
CAAMBIQUIRA — Mata nova. (Cambulquira)
CAANCACABE — Mata baixa
CAAIPORA — Gênio das matas
CAAIGAZU — Tatu da mata
CAAIRUAÇU — Grande entrada da mata
CAAIURU — Estrada da mata
CAAPANEMA — Mata fechada e fétida
CAAPIVARA — Porco da mata
CAAPOCHI — Mata fela
CAAPORANGA — Mata bonita
CAAPOTI — Mata cheia de fezes
CAAPUERA — Mata extinta. Roçado
CAATINGA — Mata rala. Mato baixo
CAATANDIBA — Floresta

CABAAÇU — Marimbondo
CABOC — Mestiço
CABRIUVA — Planta leguminosa
CABURÉ — Panela de barro
CABURU — Coruja
CACABOIA — Cobra d'água
CACHIRI — Aguardente de milho
CAFURNA — Esconderijo
CAIANÉ — Árvore que produz óleo
CAIAPIÁ — Amoreira nativa
CAIARARÁ — Macaco
CAIÇARA — Cercado para pesca
CAIENA — Variedade de cana
CAIRANA — Aborrecido
CAIANANA — Espécie de cafeeiro
CAIRI — Guisado de galinha com pevide de abóbora
CAIRUÁ — Variedade de ave
CAITÉ — Gengibre nativo
CAJÁ — Fruto. Tribo (caiá)
CAJARANA — Variedade de cobra (caiarana)
CAJAAÇU — Cajá muito grande (caiaçu)
CAJAMERI — Cajá miudinho. (Uva do Norte) caiamerí
CAJU — Fruto. O mesmo que acaiú
CALUMBÁ — Caldo de cana
CAMBUCÁ — Fruta tropical do tipo da jabuticaba
CAMBUÍ — Fruta silvestre
CAMBUCI — Árvore frutífera
CAMUTI — Pote de barro
CAMUMBEMBE — Vadio
CAMURUPIM — Peixe do nosso litoral
CANDÊ — Variedade de arara
CANITAR — Cocar. Capacete de penas
CAAPIGUAR — Gato da mata. Lontra
CAAPITUVA — Mata das margens flumíneas
CARACACHÁ — Chocalho
CARAÉ — Arranhar
CARACU — Medula de boi
CARAIU — Batata. O mesmo que baru
CARAMBURU — Guarapa. Caldo de cana
CARAMENGUÁ — Sem valor
CARAMURU — Senhor do trovão
CARANA IBA — Carnaubeira
CARANDÁ — Palmeira
CARANDAÍ — Variedade de palmeirinhas
CARAPANÃ — Mosquito
CARAPIÁ — Malva
CARAPICU — Variedade de peixe
CARAPOBEBA — Lagarto venenoso
CARARÁ — Mergulhão
CARAÚNA — Peixe preto
CARIAMA — Avestruz
CARIRÉ — Abacate
CARIUA — Branco
CARIUOCA — Carioca. Casa de branco
CAROBA — Planta medicinal
CARUMBÊ — Panelão
CARURU — Variedade de legume
CATANDUBA — Espinheiro amarelo
CATU — Bom
CATUABA — Bom homem. Planta medicinal
CATUENTE — Péssimo
CAUABA — Vaso de homem. Urinol. Vaso de barro
CAXAMBI — Óleo de rícino
CAXAMBU — Tambor. Batuque

CAXIM — Mamoneira
CAXIMBI — O mesmo que caxambi
CAXINGAR — Capengar
CAXUMBA — Papeira
CHA — Pronome EU
CHARAPA — Tartaruga miúda
CHIBÊ — Bolo de aipim com leite de côco
CHIRURA — Vestimenta de civilizado
CHOPÔ — Impetuoso
CHUIRERI — Pássaro
CHUPIM — Ave canora
COIATÁ — Variedade de macaco
COANDU — Preá
COATI — Pequenos roedores
COATIMERI — Rcedores miudinhos
COATIARA — Caçador de roedores
COBEIA — Trepadeira ornamental
COLOMIM — Criado
COMANDÁ — Fava
COMANDAÍ — Feijão
CONDURU — Planta urticácea
CORÁ — Pudim de leite de milho verde
CORALIM — Variedade de serpente
COROÁ — Planta aromática
CORRÁ — Fruta vermelha, cheirosa e medicinal
CORRUPI — Ave canora e mansa. Duende das matas
CORUMBÁ — Distante
COTIA — Espécie de coelho nativo do Brasil
COTITIRIBÁ — Árvore frutífera
CRAMURI — Fruta silvestre
CRUÁ — Variedade de abóbora
CRUMATÁ — Peixe de rio
CUCURUCU — Serpente venenosa
CUÍ — Limpeza de cereais
CUIA — Tigela
CUIDARU — Clava. Massa. Porrete
CUIÚ — Papagaio
CUAMBU — Planta ornamental
CUARURUGUAÇU — Planta tintorial
CUJUMARI — Canela nativa
CUMARU — Fava da índia
CUMANATI — Feijão branco
CUMBI — Cabeça grande
CUNANÃ — Cipó
CUNHÃ — Mulher
CUNHÃ TAÉM — Mocinha
CUNHÃ PORANGA — Mulher bcnita
CUORE — Agora
CUPUAÇU — Fruta tropical
CURAU — O mesmo que corá. Pudim de leite de milho verde
CURACÊ — O sol
CURARE — Veneno vegetal. (comigo ninguém pode)
CUMANDALIA — Planta trepadeira
CUMARI — Pimenteira
CUMBEBA — Variedade de cacto nativo
CUMBECA — Trepadeira ornamental
CUMBUCO — Boi de chifres tcrcidos
CUNDURU — Árvore frutífera
CUPIUBA — Planta amarela de terebentina
CUPUAU — Planta leguminosa
CUPUIM — Cipó para pesca

CURAJIRU — Árvore tintorial
CURI — Certa vez
CURIAGU — Pássaro noturno
CURICACA — Ave pernalta ribeirinha
CURIMÃ — Nome de peixe. Iguaria com esse peixe
CURIMATÃ — Salmão nativo do Brasil
CURIMBI — Pinheirinho
CURIÓ — Pássaro canoro nativo do Brasil
CURUB — Torrões de argila
CURIÇÁ — Atravessando. Em cruz
CURUCUÍ — Ave trepadora
CURUPIRA — O mesmo que Currupi. Duende. Gênio dos campos
CURUTÊ — Ligeiro
CUTIA — Cotia. Roedor
CUXA — Refogado

E

EMA — Fedor, fétido
EMBEAXIÓ — Gaita de taboca
EMBEGUACÁ — Variedade de plantas silvestres
EMBIRA — Corda de cipó. Lança de cipó grosso
EMBIRAARA — Senhor da lança. (Ubirajara)
EMBIRARA — Prisioneiro
EMBIRAAÇU — Cipó grosso para flechas, arcos e lanças
EMBIRATANHA — Árvore filamentosa
EMBIRI — Planta medicinal
EMBOABA — Variedade de aves
EMBONDO — Dificuldade
EMBUÁ — Massa cáustica fabricada com insetos
EMBUÍ — Árvore de boa madeira para marcenaria
EMBUIUBÁ — Árvore de madeira amarela
EMBURANA — Árvore nativa aromática
EMBUREREMO — Planta trepadeira
EMBURI — Variedade de palmeira
ENAPUPÊ — Perdiz muito grande. Nhapupê
ENDUAPE — Cinto de penas
ENGARAPAR — Seduzir
ERIRIÁ — Variedade de plantas leguminosas
ETÁ — Fruta. Espécie de oiti
EUA UAÓU — Terra. Argila
EXU — Abelha preta. Afluente do Amazonas. Cidade de Pernambuco. Elementais na Umbanda

G

GANDARU — Variedade de madeira
GANDARUPIRANGA — Madeira vermelha
GAFUIAR — Pescar com estacas de bambu
GAMBÁ — Mamífero roador
GAMBOA — Marmelo nativo. Remanso de água
GARABU — Variedade de plantas nativas
GARAJAÚ — Cesto comprido (Grajaú)
GARFUANA — Planta tintorial
GARUA — Nevoeiro
GARUBÁ — Árvore de madeira amarela

GATURAMO — Ave canora nativa do Brasil
GIBI — Negrinho
GICA — Planta medicinal
GIQUI — Armadilha para pesca
GIRIRI — Variedade de palmeira
GOIÁS — Flcresta. Mata muito densa
GOIERANA — Variedade de árvores
GOITACÁS — Grande nação indigena
GOPIARA — Senhor ou senhora que garimpa
GORGI — Plantas aquáticas
GOROTIRÉ — Tribo dos caiapós
GORUJABÁ — Peixe dourado
GORUMIXAMA — Fruto silvestre
GRAMATÁ — Planta medicinal. Barrilheira
GRAMONDÉ — Planta medicinal adstringente
GRAVATÁ — Variedade de plantas silvestres
GRAVATAÍ — Planta medicinal miudinha
GRAGOIÓ — Planta ornamental
GROÇAÍ — Variedade de cipó fino
GUABI IU — Espécie de jaboticaba
GUABIROBA — Fruto silvestre
GUABIROTA — Amargo extraído de determinada palmeira
GUABIRU — Rato muito grande
GUACÁ — Espécie de sapotí
GUACAPI — Vigas de índios do Amazonas
GUACARI — Variedade de peixe de rio
GUACHÉ — Rolinha colorida das regiões tropica's
GUACO — Trepadeira de propriedades medicinais
GUACURÍ — Variedade de palmeirinhas
GUACUMÃ — Palmeira de folhas combustíveis
GUACURI — Variedade de pássarcs
GUAÇUTI — Veado do campo
GUADIMÁ — Touro bravio
GUAIABA — Goiaba
GUAIACA — Cinto de couro
GUAIAMBÉ — Planta medicinal
GUAIAMU — Caranguejo muito grande
GUAIANÁS — índios do Sul
GUAIAQUI — índics do Paraná
GUAIBIRA — Variedade de peixes do mar
GUAICURU — Planta medicinal
GUAICURUS — índios do Ceará
GUAINAMBÉ — Aves dos trópicos
GUAIÚ — Alarido
GUAJAJARÁS — índios do Maranhão
GUAJIRU — Planta ornamental
GUANABANO — Planta anonâcea nativa
GUAMAJACU — Variedade de peixes
GUAMERI — Plantinhas ornamentais
GUAMPA — Chifre
GUANÁ — Tribo de índios
GUANABARA — Alt. de guaná ara. Guanáara

GUANANDI — Nome de vários arbustos
GUANDIRÁ — Morcego grande. O mesmo que andirá
GUANDIRÁAÇU — Vampiro. Andiraaçu
GUANDIRAÍ — Morcego pequeno. Andiraí
GUANDU — Leguminosa tipo ervilha
GUAPARAMBO — Mangue
GUAPEBA — Frutos tropicais
GUAPICOBAÍBA — Pau-velho
GUAPORANGA — Variedade de mirtáceas muito lindas
GUAPUÍ — Planta miuda ornamental
GUARÁ — Graça
GUARABU — Pau-violeta
GUARAÇAÍ — Planta que produz azeite
GUARAEMA — Garça que fede
GUARAIBE — Enseada. Guaibe. Guaíba
GUANHÃ — Ocorrência
GUARACI — O sol. Coaraci. Curacê
GUARAÍ — Garça pequena
GUARAJUBÁ — Garça amarela. Guaraiubá
GUARAAÇU — Garça muito grande
GUARAMBÁ — Peixe carangídeo
GUARANÁ — Fruta revigorante
GUARANI — Grande nação de índios do Sul
GUARAPIRANGA — Garça vermelha
GUARAPORANGA — Garça muito bonita
GUARAPA — Caldo de cana. Garapa
GUAPARÁ — Peixe voador
GUARAARA — Caçador de garças
GUARAREMA — Pau-d'alho
GUARATINGUAETÊ — Garça pequena e forte. Guaratinguetá
GUARAÚNA — Garça preta. Graúna
GUARUMÃ — Nome de certas palmeiras
GUARAXAIM — Cão nativo
GUATAMBU — Espécie de enxada. Cavadeira
GUAXINDIBA — Variedade de malváceas
GUAXIMGUBA — Vegetal amarelo para fazer tanga
GUAXINIM — Mamífero conhecido por mão-pelada
GUAXIS — índics do Est. de Mato Grosso
GUAXUPÉ — Abelha-cachorro
GUIAMU — Mau elemento
GUIANA — índios das margens do Araçá
GUIRANTANGA — Ave pernalta nativa
GUIPAPONGA — Pássaro do tipo da araponga
GUIRAPUABA — Rumor de pássaros
GUIRARU — Espécie de melro . Pássaro preto
GUIRUÇU — Abelha papa-terra
GULANDIM — Variedade de árvores
GURÉ — Goma
GUREJUBÁ — Goma amarela de peixe
GUREJUUNA — Resina preta para colagem
GURGUAÇU — Grande árvore oleaginosa
GURI — Criança. Mitã

GURIBA — Ave de penas arrepiadas
GURINDI — Ave nociva. Papa-frutos
GURINDIBA — Planta ornamental
GURUNGUMBA — Cacete. Porrete
GUTÉ — Fruta silvestre do Amazonas

I

I — Água. Também serve de diminutivo no fim do vocábulo
IÁ — Pronome NÓS
IACA — Fedorento. O mesmo que ema
IACUMÃ — Remo
IAIURA — Pescoço
IAPU — Variedade de aves
IAPIUARA — Senhor do sertão. Sertanejo
IAPUMI — Mergulhar
IAQUERÊ — Esverdeado
IARA — Senhcra das águas. Senhor das águas
IATAÍ — Coqueirinho
IAUARA — Caozinho do mato
IBABIRABA — Variedade de mirtáceas
IBAIRIBA — Leguminosas nativas
IBAMERATO — Variedade de coqueiro
IBAPURINGA — Plantas tropicais
IBICUÍBA — Bolotado. Fruto nativo do Brasil
IBIJAU — Variedade de ave do Norte do Brasil
IBIBOCA — Cobra coral
IBIAPABA — Fim da serra
IBIAPINO — Serra desnuda
IBIRA — Fruta silvestre
IBIRAPITANGA — Pau-brasil
IBIRUBÁ — Pitanga amarela
IBIRUNA — Pitanga preta
IBIRIPIRANGA — Pitanga vermelha
IBIRUBE — Mamceiro do mato
IBITUAÇU — Serra grande
IBITUUNA — Serra Negra. Ibituruna
IÇÁ — Formiga. Variedade de macaco
IÇAÍ — Formiguinha. Sauvinha
IÇAETÊ — Formigão. Macaco grande e forte
IÇAÚNA — Espécie de tanajura. Formigão preto
IÇARA — Palmerinha ornamental
ICARAÍ — Lago dos peixinhos
ICÁS — índios do Jupurá
ICATUABA — Apanhador de água mineral
ICATU — Água gostosa
ICATUÍ — Veio de água mineral
ICÓS — índics cariris
ICICA — Variedade de cipós
IEMBÊ — Praia de rio
IETI — Mosquitinho
IGAÇABA — Pote grande de barro
IGAPÓ — Charco
IGARA — Embarcação
IGARAÍ — Pequena canoa
IGARAPÉ — Riachos navegáveis por canoas
IGARETÊ — Chata. Embarcação forte
IGARIAÇU — Grande embarcação de muitos remos
IGARATÃ — O mesmo que igariaçu
IGUAÇU — Caminho grande de água. Rio comprido

IGUAPÉ — Caminho curto de águas. Riacho
IMBÊ — Variedade de cipó
IMBICAR — Encaminhar
IMBU — Vide umbu
IMBUIA — Vide umbuia
IMBOITATÁ — Gênio dos montes. Mit. tupi
IMBONDO — Dificuldade
IMBURI — Variedade de coqueiro
IMBURIZADA — Imburi, abóbora, leite e açucar. Doce de leite
INAJÁ — O mesmo que inaiá. Fibra vegetal para cordas
INAJARANA — Erva medicinal
INAMBU — Perdiz. Nhambu
INDAIÁ — Variedade de palmeira
INGÁ — Fruta tropical nativa. Fava do ingazeiro
INGAPEPA — Planta leguminosa
INGARANA — Variedade de leguminosas
INGURUNGA — Caminho acidentado. Inguarunga
INHAPÁ — Gratificação
INÚBIA — Buzina feita com osso
IPADO — Coca
IPANEMA — Água fechada e fétida
IPEQUI — Variedade de ave
IPEGUAGUAI — O mesmo que ipecacunha
IPIRANGA — Rio vermelho. Água barrenta
IPECUMERI — Pica-pau pequenino
IPAUAÇU — Ilha grande
IPAUMERI — Ilha pequena
IPECU — Pica-pau
IPORANGA — Rio Bonito
IPÊ — Árvore de flores de diversas cores
IPOERA — Olho d'água
IPOMEIA — Trepadeira ornamental
IPU — Terreno úmido
IPUERA — Lama
IPURINÃ — Índio da região do Purus
IRACURUBÁ — Árvore que produz cera amarela
IRAÍBA — Palmeira que produz cera
IRAEMA — Cera fétida
IRAPIRANGA — Cera vermelha
IRACEMA — Alteração de iraema
IRAPUERA — Lamaçal de cera
IRARA — O mesmo que Jaguapé
IRAARA — Apanhador de cera
IRAJUBÁ — Cera amarela. Iraubá
IRAÚNA — Cera preta. Cera de abelha exu
ITA — Pedra
ITABERABA — Pedra brilhante
ITABIRA — Pedra dura e alta
ITABIRITO — Pedra de ferro. Manganês
ITACUÃ — Pedra muito dura
ITACURUÇÁ — Cruz de pedra
ITACURUMBI — Terreno de pedrinhas
IT'AÍ — Pedrinha. Rio de seixos diversos
ITAIUBÁ — Rio de pedrinhas amarelas. Ouro. Pepitas de ouro.
ITAIMBÉ — Despenhadeiro
ITAIPAVA — Cachoeira
ITAITIBA — Rio de pedras
ITAITIBUNA — Rio de pedras muito pretas

ITAMÁ — Chão de pedras
ITAMACA — Rede de pesca com pedras
ITAMERI — Pedra miúda
ITAMOROTÉ — Pedra alva. Cristal de rocha
ITAMOTINGA — Pedras baixas espalhadas
ITANHA — Sapo gigante. Alma de pedra. Ita e anha
ITAOCA — Casa de pedra. Itaoga
ITAPARI — Cercado de pedras
ITAPEBA — Pedras largas
ITAPECERICA — Pedra com limo
ITAPERUNA — Caminho de pedra preta
ITAPIRANGA — Pedra vermelha
ITAPORÃ — Itaporanga. Pedra bonita
ITAPUÁ — Lança com ponta de pedras
ITAPUCU — Pedra comprida
ITARARÉ — Pedra escavada
ITAÚBA — Árvore dura como de pedra
ITAÚNA — Pedra negra
ITÉ — Sem gosto
ITU — Madeira própria para bordunas e tacapes
ITUÁ — Fibra para fabrico de redes, canitar e enduapes
IÚ — Variedades de palmeiras
IUCAU — Defunto
IUCAUARA — Senhor ou senhora morto
IUÇÁ — Comichão
IVURAREMA — Planta fétida. Espécie de urtiga
IXÉ — Zombaria
IXEARA — Criatura debochada

J

(Pronunciar a letra "J" como se fora um "I" nasal)
JAABÁ — Carne de sol
JAABIRU — Cegonha
JAABORANDI — Planta medicinal sudorífera
JAABURU — Avezinha aquática
JAABUTAPITÃ — Planta oleoginosa
JAABOTA — Fêmea do jaabuti
JAABUTI — Variedade de tartaruga
JABUTICABA — Fruta nativa do Brasil
JABUTIMATÃ — Variedade de leguminosas
JABUTIPÉ — Árvore para construções
JARABOA — Cozido de raiz de feijão
JACA — Fruto de jaqueira
JACÁ — Cesto tubular de lasca de bambu
JACACAL — Variedade de aves tropicais
JACAMAR — Pássaro
JACAMIM — Variedade de aves
JACAMINCÁ — Erva aromática
JAÇANÃ — Aves pernaltas de peito vermelho
JACAPÁ — Papa-frutas
JACAPÉ — Capim-cheiroso
JACAPU — Cotovia
JACARACIA — Espinheiro
JACARANDÁ — Árvore leguminosa-mapiliácea
JACARATINGA — Árvore frutífera

JACARÉ — Reptil crocodilídeo
JACAREÍ — Jacaré pequeno. Lago dos jacarés. Rio de jacarés.
JACARINI — Pardal nativo
JACAREQUARA — Refúgio de jacarés
JACI — A lua
JACU — Galinha selvagem
JACUBA — Farinha com rapadura
JACUÍ — Galinha selvagem pequenina
JACUACANGA — Cabeça de galinha. Cobra venenosa
JACUAGUAAÇU — Peru selvagem
JACUMÃ — Pequeno remo
JACUNDÁ — Peixe de rio. Variedade de
JACUPIRANGITÃ — Galinha mato
JACUPIRANGA — Galinha vermelha
JACUPIRANGITA — Galinha vermelha muito dura. Rocha de ferro
JACURU — Cobra mansa
JACURUTU — Coruja
JACUTINGA — Galinha preta com crista branca
JAGUACUATINGAÇU — Pica-peixe. Peixe muito gordo
JAGUANÉ — Cãozinho do mato
JAGUAPÉ — O mesmo que irara
JAGUAPEBA — Cãozinho tipo basset nativo do Brasil
JAGUAR — Leopardo
JAGUAREMA — Onça fétida
JAGUARETÊ — Onça grande e forte
JAGUARUNA — Onça preta
JAGUATIRICA — Leopardo. Onça pintada
JALAPA — Erva laxativa
JAMACAÍ — Pequena ave que come lagarta. Papa-lagarta
JAMAMANDI — Índios das margens do rio Purus
JAMANTA — Desajeitado
JAMARU — Árvore para fabricar caixas
JAMBÊ — Caruru
JAMBU — Agrião
JAMINAUS — Índios do rio Tarancá
JAMUNDÁ — Ladrão
JANAMBÁ — Caju do mato
JANANAÍRA — Duende. Mit. amazônica
JANDAIA — Nhandaia. Ave nativa
JANDIARA — Abelha miúda. Cera dessa abelha
JANDIRA — Iandirá da mit. Gênio dos rios
JANDIROBA — Trepadeira oleaginosa
JANGURIÇU — Enxame de abelhas
JANGURUÇUUNA — Enxame de exus
JAPARARANDUBA — Arbustos de madeira para construção
JAPECANGA — Erva medicinal
JAPI — Nascente de rio
JAPIAÇU — Grande nascente de rio
JAPICAÍ — Narcótico vegetal para pesca
JAPINAMBEIRO — Árvore frutífera
JAPUANGA — Cipó medicinal
JAPUBÁ — Papa-insetos. Passaro que come insetos

JAPUÉ — Variedade de pássaros pequenos
JAQUIRANABÓIA — Lagarta venenosa
JARACATIÁ — Mamoeiro-do mato
JARAGUÁ — Gramínea miúde
JARAJUBÁ — Gramínea amarela
JARAQUI — Bebida feita com mandioca
JARARACA — Variedade de cobra venenosa
JARARACUÇU — Cobra muito grande
JARAUÁ — Fibra para redes
JARERÊ — Rede de pescar
JARIVÁ — Coquinho
JAROBA — Planta trepadeira
JASSANÃ — Variedade de aves ribeirinhas
JATI — Mel silvestre. Abelha iati
JATIÚNA — Mel escuro
JATIAÇU — Abelha muito grande
JATIMERI — Abelha miúda de mel escuro
JATOBÁ — Planta leguminosa e medicinal
JAÚ — Variedade de peixe de rio
JAÚNA — Variedade de planta negra
JANARAICICA — Resina vegetal escura
JÊS — Índios das tribos tapuias
JECUIUBÁ — Árvore de madeira amarela
JAMBÉ — Carne de porco assada no sol
JENIPAPO — Fruto nativo da família das rubiáceas
JEQUIÉ — Onça pintada
JEQUIEUBÁ — Onça amarela
JEQUIEÚNA — Onça muito escura
JEQUIRI — Planta sensitiva venenosa
JEQUIRIUNA — Sensitiva escura
JEQUITIBÁ — Árvore de madeira de lei
JEQUITINHONG — Rugido de onça
JERIBÁ — Pessoa alta e magra
JERIMU — Abóbora
JERIMUBÁ — Abóbora amarela
JERIMUPIRANGA — Abóbora vermelha
JERITICACA — Pequeno mamífero roedor
JETICA — Batata doce
JIÁ — Râ
JIACOTI — Espécie de faisão
JIBÓIA — Cobra feroz. (De ig boia)
JIBOIAAÇU — Cobra feroz muito grande
JIÇARA — Árvore frutífera do açaí
JIQUI — Armadilha de pesca
JIQUIPANGA — Divertimento
JIQUITIAIA — Pimenta em pó
JIRAU — Caramanchão de bambu para secar peixe
JITÓ — Vermífugo vegetal
JOAPITANGA — Melão-de-São Caetano
JOCÓ — Variedade de macaco grande
JOCOTUPÉ — Raiz farinácea e doce
JOIBA — Árvore da região amazonense
fera

JUA — Juripepa. Arbusto medicinal
JUBA — Iubá. Amarelo. Ouro
JUCA — Espécie de sapoti
JUÇANA — Armadilha para pássaros
JUÇARA — Árvore frutífera do açaí
JUCIRI — Planta frutífera da região amazônica
JUCU — Canela nativa. Cujumari
JUCUBAÚBA — Pessoa que dirige embarcação
JUCUNDA — Variedade de arbusto muito cheiroso
JUCUNDAIUBÁ — Variedade de caneleira amarela e cheirosa
JUCURUTU — Variedade de aves
JUJUBA — Goma amarela vegetal
JUMBEBA — Figueira nativa
JUNDAÍ — Pequena aranha do mato
JUNDIÁ — Meladinha falsa. Nome de peixe
JUNDIAÍ — Rio cheio de jundiá. Jundiá pequenino
JUÓ — Ave canora de pio forte
JUPARÃ — O mesmo que japurá
JUPIÁ — Redemoinho. Voragem das águas
JUQUIÁ — Cesto de palha
JUQUIRI — Variedade de arbustos
JUQUIS — Índios do Amazonas
JUR — Espinho
JURARÁ — Catador de espinhos. Cágado
JUREMA — Árvore de espinho fétido
JURITI — Pombinha nativa do Brasil
JURU — Pescoço
JURUBEBA — Arbusto medicinal
JURUUBÁ — Pescoço amarelo
JURUBITÃ — Aguardente de cana
JURUCUÁ — Variedade de tartaruga
JURUNAS — Pescoço preto. Índios do Xingu. Macacos pretos
JURUPARI — Peixe de rio. Planta leguminosa. Div. do mal
JURUPARIBÓIA — Cobra demoníaca
JURURÁ — Tartaruga de pescoço comprido. Esp. de jaboti
JUCURI — Fibra vegetal para vários empregos
JURURU — Triste
JURUTAUÍ — Bacurau. Pássaro nocturno
JURUTIPIRANGA — Pombinha avermelhada
JUTAÍ — Tamarindo
JUTAIPEBA — Planta leguminosa
JUTAIRANA — Leguminosa-cesalpinácea
JUTUAÚBA — Casca febrífuga. Planta medicinal
JÚVIA — Castanha do Maranhão
JUVIAI — Castanha miúda
JUVIARA — Apanhador de castanha
MACOMA — Palmeira ornamental

L

LACRAIA — Nome de peixe. Canoa de pescar
LAMBAMBA — Tonto
LAMBAIO — Vassoura
LAMBANCEIRO — Vaidoso
LAMBARI — Variedade de peixe de rio
LANDIRANA — Árvore silvestre do Brasil
LANTIM — Árvore gutífera nativa
LEIU — Variedade de borboletas
LEMPA — Pérola
LEPIDOSSEREIA — Grande peixe do Amazcnas e do Tocantins
LEQUESIA — Bebedeira
LIGAL — Couro grande de animal para cobertura
LIGAOSSO — Variedade de mirtáceas do Brasil
LOCURANA — Variedade de árvores nativas
LOCURI — Árvores próprias para construções
LONCA — Pedaco de couro
LONGANA — Planta nativa de semente alimentícia

M

MABOULA — Árvore medicinal
MACACAJUBA — Leguminosa amarela
MACACU — Árvore tintcrial
MACANÁ — Clava
MACAJUBÁ — Palmeirinha amarela
MACACU — Tinta vegetal
MACEGA — Erva daninha
MACEJÓ — Lugar pantanoso
MACAXEIRA — Mandioca
MACOMA — Palme'ra ornamental
MACUCO — Galinha selvagem
MACUCU — Leguminosas
MACUIM — Espécie de maruí
MACUJÉ — Fruta amazônica
MACULO — Desarranjo intestinal
MACUMÃ — Condimento extraído do pa'mito
MACUNÁ — Nome vulgar de certas árvcres
MACURIPAÍ — Fruta silvestre
MACURU — Balanço
MADEPUERA — Planta medicinal adstringente
MACABA — Árvore frutífera nativa
MAGOARI — Ave pernalta do Amazonas
MAGORIM — Jasmim nativo do Brasil
MAIÁ — Variedade de palmeiras
MAIATO — Árvore silvestre
MAIMBU — Planta rasteira e med'cinal
MAINBU — Erva rasteira
MAITACA — Variedade de papagaio verde
MAITUCA — Papa-milho
MALACA — Qualquer doença
MALALEUCA — Mirtácea do Brasil
MALOCA — Casa tosca
MALVO — Fibra vegetal para cordas e redes
MAMANGA — Variedade de leguminosas
MAMALUCO — Árvcre de madeira dura
MAMANGUAPÉ — Caminho do pasto
MAMELUCO — Mestiço

MAMBUCA — Variedade de abelha
MAMIXI — Fruta silvestre do Brasil
MAMORANA — Corda de fibra vegetal
MANACÁ — Solanácea do Brasil de flores muito cheircsas
MANANGUERA — Magricela
MANAPANÇA — Beiju
MANAPUÇÁ — Planta medicinal adstringente
MANAQUIM — Variedade de mamíferos marítimos
MANAUÊ — Bolo de milho verde cru e mel de abelha
MANDAÇAIA — Abelha silvestre
MANDAPUÇÁ — Fruta nativa do Brasil
MANDIBA — Variedade de mandioca
MANDIBÉ — Peixe do Amazonas
MANDACARU — Cacto de espinho
MANDIBI — Variedade de planta silvestre
MANDIGUERA — Porco irritado
MANDIM — Peixe de rio
MANDIOG — Aipim
MANDU — Tolo
MANDUBA — Mandioca. Aip'm
MANDUBI — Peixe do Amazonas
MANDUPITIU — Leguminosa dos trópicos
MANDURUVA — Lagarta venenosa
MANÉ — Apalermado
MANEMA — Bôbo e fedorento
MANGABA — Fruta nativa do Brasil. Considerada a melhor do mundo . Espécie de cereja. Muito sensível na hora de ser colhida
MANGANGÁ — Muito grande
MANGABAÍ — Mangaba miúda
MANGABAJUBÁ — Mangaba amarelada. Espécie rara
MANGALÔ — Paseolácea do Brasil
MANGARÁ — Terminal da inflorescência da bananeira
MANGARI — Batata nativa
MANGAROBEIRA — Casca de planta para vermífugo
MANGUÁ — Correia de açoitar
MANGUARÁ — Bastão
MANGUEAR — Conduzir animais para o curral
MANGUE — Margem lamacenta
MANIÇOBA — Gu'sado de folhas de mandioca com carne
MANICUERA — Suco doce de mandioca
MANIPUERA — Líquido da mandioca ralada
MANIMBU — Cereal
MANJA — Brincadeira de curumins
MANJUBÁ — Peixinho dourado
MANOPÉ — Grandes árvores para construções
MANTENA — Magnífico
MAPIÁ — Conversa fútil
MAPICHI — Tabaco
MAPIRUNGA — Fruta silvestre
MAPOÁ — Veneno vegetal para flechas

MAQUEIRA — Rede de tucum
MARACÁ — Chocalho
MARACAJÁ — Felino nativo do Brasil
MARACANÃ — Variedade de periquito
MARACATIM — Embarcação pequena
MARACUIÁ — Maracujá. Passifloráceo nativo do Brasil
MARAMBÁ — Árvore tropical
MARANDUVA — Mentira
MARANGABA — Mirtácea do Brasil
MARAPÁ — Variedade do pinheiro
MARAPUABA — Seringueira
MARAPINIMA — Árvores para marcenaria
MARAPUAMA — Erva medicinal
MARATANÁ — Árvores para construções
MARIGOMBI — Planta da família das hortenses
MARIBONDO — Vespa
MARICÁ — Barriga
MARIQUÊ — Variedade de mosquito
MARIMBAU — Variedade de peixe
MARIRICÓ — Raiz purgativa
MARITACACA — Mamífero carnívoro
MARUBÁ — Fruta medicinal
MARUI — Mosquitinho
MARURU — O mesmo que mururu. Planta comestível
MASSAMBARÁ — Poácea nativa do Brasil
MASSARANDIBA — Variedade de mirtáceas
MASSARANDUBA — Fruta nativa do Brasil
MATACO — Nádegas
MATAMATÁ — Tartaruga
MATAMBU — Árvores para carpintaria e marcenaria
MATAPÁ — Espécie de vatapá
MATAPI — Clava
MATARANA — Massa de madeira. Tacape
MATARI — Fruto silvestre
MATARU — Vaso de barro
MATATAÚBA — O mesmo que sabucuim
MATÁ — Pau-de-espeto
MATINTAPERERÊ — Ave noturna que canta
MATIRI — Saco de tucum
MATOMBO — Cova para mandioca
MATUNGO — Cavalo velho
MATUPÁ — Capim compacto à margem de rio
MATURI — Castanha de caju
MAÚBA — Árvore para construções
MAXIXE — Fruto nativo do Brasil. Legume
MAZOMBO — Triste
MECRU — Planta da família canácea
MEIRI — Raiz alimentícia
MEIRU — Anonácea nativa do Brasil
MELAMBO — Árvore de resina amarga
MEMBI — Buzina de taquara
MEMBURA — Pau lateral da jangada
MENDORIM — Abelha miuda e avermelhada
MEMURA — Filha
MERAPINIMA — Árvore de madeira listada
MERENDIBA — Planta silvestre
MERIOBA — Planta medicinal nativa do Brasil

MERI — Pequeno
MERU — Antílope nativo. semelhante ao burro, mas com chifre
MERUIM — O mesmo que merui
MERUOGA — Habitação de mcsquitos
MERUTIBA — Mosquiteiro
MEUÉ — Devagar
MIJUÍ — Abelha miúda de mel escuro e cheiroso
MINANA — Planta nativa do Brasil
MINGAU — Papa de mandioca. Do guarani migau
MINGU — Árvore silvestre
MINGUÁS — Água-marinha. Gaivota
MIRA — Aglomerado de gente
MIRABANDA — Mosca
MORABANDAÍ — Mosca miúda
MIRABANDAAÇU — Mosca muito grande
MIRAGAIA — Bacalhau
MIRI — Variedade de papagaio
MIRINDIBÁ — Árvores nativas da família crombetácea
MIRINZAL — Matagal de mirindiba
MIRUÁ — Espelho
MITÃ — Criança
MIÚVA — Planta medicinal
MIXIRA — Chouriço. Conserva de carne ou peixe em azeite
MÓ — Fazer
MOAJICA — Sopa engrossada com féculas
MOCAMAUS — Fugitivo
MOCERENGUAÇU — Grandes árvores silvestres
MOCEROGA — Casa de batismo
MOCIBAÍBA — Faseoláceas nativas
MOCÓ — Saco de peles de ani-
MOCOCA — Plantação nova mais
MOCORORÓ — Qualquer refrigerante
MOFUMBO — Faseolácea ribeirinha
MOFUNGO — Amarantáceas nativas do Brasil
MOGORIM — Rosa branca nativa e muito odorífera
MOJANGUÊ — Iguaria à base de milho verde
MOLONGO — Palerma
MONDURURU — Árvores silvestres
MONGUBA — Árvore da região amazônica
MOPONGA — Espantar peixe com as mãos
MOQUEAR — Secar peixe cu carne ao calor do fogo
MOQUECA — Guisado de peixe, camarão ou marisco com côco
MOQUÉM — Grelha
MOROBÁ — Peixe de rio
MACAIÊ — Fruta silvestre. Cucajé
MUCUOGA — Cercado para apanhar peixe
MUCUÍBA — Árvore de óleo medicinal
MUCUIM — Parasita microscópico que produz feridas
MUCUNÃ — Planta medicinal
MUCURA — Quadrúpede marsupial. Planta poácea
MUÇU — Enguia
MUÇUÃ — Cágado

MUCURACAA — Erva medicinal
MUCURI — Árvore para construções
MUCUTAIA — Laurácea nativa do Brasil
MUIRA — Pau
MUJANGUÊ — Ovos de tartaruga com farinha
MUNÃ — Égua
MUNDÉU — Armadilha de caça
MUNGANGA — Careta
MUNGUBA — Bombacácea nativa
MUNJOLO — Bezerrinho. Pulverização do milho. Nome de planta
MINUPIÚ — Euforbiácea do Brasil
MUNURU — Árvores da região amazônica
MUPICAR — Remar com ligeireza
MURAIUBÁ — Papagaio amarelo
MURICI — Fruta nativa do Brasil
MURICIAÇU — Murici graudo
MURIÇOCA — Variedade de insetos
MURITI — Malpiqueácea nativa do Brasil
MURMURÉ — Instrumento feito com csso de defunto
MURUCU — Lança envenenada
MURUPAÚBA — Árvores siltres
MURUMURU — Palmeira nativa
MURUNGU — Faseoláceas nativas
MURUPAMERI — Árvores medicinais
MURUPAUBA — Árvores silvestre
MURUPI — Pimenta nativa
MURURU — Moléstia
MURUTI — Fruto silvestre
MURUBIXABA — Chefe de tribo
MURUXABA — Mestiça malcriada
MUSSAMBÉ — Alcaparra nativa do Brasil
MUTÁ — Esconderijo de caçador
MUTAMBA — Árvcre medicinal
MUTÁ-MUTÁ — Variedade de trepadeira
MUTÍSIA — Planta trepadeira ornamental
MUTOM — Variedade dé pássaros da Amazônia
MUTU — Mosca
MUTUCA — Mau olhado
MUTUCUUNA — Mosca
MUTUCUNAAÇU — Mosca muito grande e preta
MUXIBA — Carne magra
MUXINGA — Falta de asseio
MUXIRÃO — Ajuda na colheita
MUXO — Cara feia
MUXOXAR — Fazer caretas de desagrado
MUU — Irmão
MUUII — Irmãozinho
MUUIPORÃ — Irmãozinho muito lindo

N

NAIÁ — Variedade de palmeiras

NANA — Ananás. Abacaxi
NANAIUBÁ — Abacaxi amarelado
NANACURU — Cacto
NANCIBEA — Rubiácea nativa do Brasil
NANDAPOCA — Cegonha
NANDIROBA — Trepadeira medicinal contra reumatismo
NANDU — Avestruz
NAPEVA — Anão. Ave de pernas curtas
NASSAÍ — O mesmo que açaí
NHAMBI — Orelha
NHAMBIQUARA — Tribo de índios
NHAMBU — Perdiz
NHANDIPAPO — Variedade de árvores silvestres
NHANICA — Planta mirtácea do Brasil
NHAMPERÓ — Panela grande
NHAPOPÊ — Ave nativa do Brasil
NHAUÉ — Viva! Saudação
NHE — Esccnder
NHEENGATU — Dialeto tupi
NHENTEROI — Enseada
NHU — Pasto
NHUÇU — Grande pastagem
NHUUBA — Árvore grande que faz sombra no pasto

O

OANAÇU — Palmeira muito alta
OANANI — Vermífugo vegetal
OARIANA — Nome de ave da Amazônia
OGA — Casa
OGAÍ — Casa pequenina. Ogamerí
OIACÁS — Índios do Norte brasileiro
OITI — Fruto do oitizeiro
OITICICA — Nome de várias árvores silvestres
OAIAGUÁ — Tribo de índios guaranis
OMIRI — Benjoim nativo
OITAR — Nadar
ORUCARANA — Árvore para construções
ORUMBEBA — Cardo-palmatória
ORURAU — Desmanchar
OURICANA — Cobra venenosa

P

PABA — Lugar
PACA — Mamífero roedor nativo do Brasil
PACAÇU — Macho da paca
PACAETÊ — Paca muito gorda
PACAMÃ — Nome de peixe
PACARÁ — Cesto de palha
PACARAÍ — Cestinho de madeira leve
PACARATEBU — Planta medicinal
PACARI — Cipó medicinal
PACOBA — Banana
PACO-CAATINGA — Cana de macaco
PACOLÉ — Algodoeiro
PACO-SEROCA — Zingeberácea nativa do Brasil
PACOVÁ — Gengibre
PACU — Planta medicinal. Nome de peixe
PACUERA — Fressura de boi, carneiro ou porco
PACUARÁ — Fruta semelhante ao oiti
PACUGUAÇU — Peixe grande

PACUBEBA — Variedade de peixe de rio
PAIAUARU — Vinho de frutas silvestres
PAIÉE — Pai. O mesmo que pagé
PAINA — Algodão sedoso nativo do Brasil
PAIURÁ — Planta medicinal
PAIUCARA — Corpulento
PAIEU — Faca
PAIONAL — Capinzal
PALMELA — índio da região do Guaporé
PALOMBETA — Nome de peixe
PANACUM — Bolsa de palha
PANAPANÁ — Bando de borboletas
PANAPANAZI — Vermífugo vegetal
PANEMA — Local fechado e fétido
PANGARÉ — Cavalo ruim
PANGO — Mirtácea nativa. Erva tóxica
PANICU — Cesto de palha
PANTIM — Notícia que assusta
PANLEMA — Idiota
PANATI — índios do Rio Grande do Norte
PAQUÁ — Planta poácea
PARACANAXI — Árvore tintorial
PARACAJUBÁ — Feijão amarelinho
PARAGUATÁ — Árvore tintorial
PARAÍBA — Simarubácea de ação adstringente nativa do Brasil
PARAIÁ — Chuva passageira
PARANÁ — Rio caudaloso
PARANAAÇU — Rio muito grande
PARANAÍBA — Rio muito ruim
PARANACATU — Rio limpo
PARANAMERI — Rio pequeno
PARANAÚNA — Rio de água escura, lodosa, preta
PARANAOPEBA — Rito raso
PARARÍ — Pomba nativa. Planta tintorial
PARATI — Nome de peixe Aguardente de cana.
PARATUCU — Jasmim nativo do Brasil
PARATURÁ — Ciperácea nativa do Brasil
PARAUAÇU — Macaco grande e cabeludo da Amazônia
PARAUAÇU-BOIA — Cobra-macaco. Grande serpente
PARI — Cercado de varas para pesca
PARECIS — índios de Mato Grosso
PARIATÃ — Capim compacto
PARICÁ — Rapé
PARIENTÁRIA — Alfavaca-de-cobra
PARINARI — Isca vegetal para pesca
PARNAÍBA — Faca muito grande e ruim
PAROARÁ — Ave de cabeça vermelha. Cardeal
PARITINTINS — Tribo das margens do rio Madeira
PARIPAROBA — O mesmo que capeba
PARIQUIS — índios do rio Jatupu
PARIRIS — Tribo do rio Xingu
PASSARIÚBA — Leguminosa nativa do Brasil

PASSÉS — índ'os do rio Negro
PATATIVA — Ave canora nativa do Brasil
PATAUÁ — Planta oleaginosa do Brasil
PATI — Espécie de palmeira
PATIGABIRABA — Ccquinho silvestre
PATIGUÁ — Cesto para guardar redes
PATUGUÁ — Talismã. Patuá.
PATURÉ — Marreco nativo do Brasil
PATUREBA — Bagre seco e salgado
PATURI — Bagre miúdo
PAUPEIRA — Planta apocinácea do Brasil
PAUXIÚBA — Variedade de palmeira
PÉ — Água de fonte. Água mineral
PÊ — Pronome TU ou VÓS
PEBA — Tatu de cabeça achatada
PECARI — Porco do mato
PECARIAÇU — Porco do mato de tamanho grande
PECHORIM — Planta medicinal
PECONHA — Liga de embira para subir nas árvores
PEITICA — Impertinente
PEPÉ — Manco
PEPIRA — Papa-frutos
PEPUÍRA — Galinha pequena
PEQUI — Fruto do Pequiá
PEREBA — Ferida que coça. Dc guarani pereb
PERAÍBA — Variedade de peixe
PEREIORÁ — Louro nativo
PERI — Esteira
PERIACA — Árvore silvestre
PERIAÇU — Esteira grande
PERIÍ — Esteirinha de palha
PERIPITINGA — Variedade de peixes de rio
PEROÁ — Peixe
PEROBA — De ipê roba. Madeira para carpintaria e marcenaria
PERU — Embarcação
PERUDÁ — Deusa do Amor. O mesmo que Rudá
PETECA — Bola de palha de milho. Vocábulo genuinamente tupi
PETIÁ — Madeira fina para embutidos
PETICO — Animal de pernas curtas
PETIMBUARA — Variedade de peixes
PETINTUÍBA — Árvores para carpintaria e marcenaria
PETUM — Fumo. Tabaco
PEÚVA — O mesmo que ipê
PIÁ — Filho de caboclo
PIABA — Variedade de peixe de rio
PIABANHA — Peixe de rio
PIABUCO — Salmão nativo do Brasil
PIACÁ — Palmeira com que se fabricam vassoras
PIÇAMÃ — Panela cu caçarola
PICHUÁ — Planta de ação laxativa
PICHURIM — Planta que produz favas
PICUÁ — Bornel. Do guarani apicuá
PICUIPINIMA — Rolinha nativa do Brasil
PICUMÃ — Fuligem. Apepocumã

PIJERICUM — Pimenta do sertão
PILOIA — O mesmo que mandiroba
PINDABUUNA — Madeira negra para carpintaria
PINDAÍBA — Caniço
PINDAÚBA — Variedade de ancnáceas do Brasil
PINDOBA — Variedade de palmeiras
PINGO — Cavalo bom
PINGOIM — Espécie de ananás
PINHOÁ — Variedade de árvores para construções
PINDÁ — Anzol
PINDAAÇU — Anzol muito grande
PIPÁ — Batráquio nativo do Brasil
PIPIRI — Espécie de junco
PIPOCA — O mesmo que apoc. Milho estcurado no fogo
PIPRA — Variedade de pássaros
PIQUI — Planta que produz espuma
PIQUIRA — Cavalo pequeno
PIRA — Doença de pele nos animais
PIRÁ — Peixe
PIRABEBE — Peixe voador
PIRACÁ — Variedade de árvores do Amazonas
PIRACATINGA — Peixe do rio Purus
PIRAGEM — Arribação de peixes
PIRAQUI — Farinha de peixe
PIRAÍ — Peixinho. Rio de Peixes. Chicote de couro
PIRAÍBA — Feixe do rio Purus
PIRAJÁ — Chuva e vento fortes. Piraiá
PIRANGA — Vermelho. Barrento
PIRANHA — Peixe perigcso
PIRANHAÚBA — Árvore para marcenaria
PIRANHAJUBÁ — Piranha avermelhada
PIRAQUARA — Pescador de piranhas
PIRAQUÊ — Peixe elétrico
PIRAQUÉRA — Pesca noturna
PIRARUCU — Variedade de peixe do Amazonas. Bacalhau
PIRATIPICO — Peixe manso que se esconde nas pedras
PIRAPEUA — Peixe do rio Furus
PIRACININGA — Ronco de peixes
PIRAITÁ — Peixe pedra
PIRATIBA — Abundância de peixes
PIRAJUBÁ — Peixe dourado
PIRI — Brejo de junco
PIRIQUITETE — Moderado
PIRIQUITI — Cana do brejo
PIRIRI — Seringueira
PIRIRICA — Áspero
PIROCA — Calvo
PIRURUCA — Mistura de saibro com areia
PISSANDÓ — Palmeira muito fibrosa
PITANGA — Fruto da pitangueira
PITANGATUBA — Pitangueira
PITIMBOANA — Tarrafa para apanhar camarão
PITINGA — Claro. Do guarani pcting
PITITINGA — Variedade de peixe miudo

PITIUM — Maresia
PITOMBA — Fruto da pitombeira
PITUBA — Covarde
PITURA — Tabaco
PIÚCA — Farelo de pau. Serragem
PIUM — Piolho. Urucubaca miuda
PIUBAÁ — Variedade de ipê
PIXAIM — Cabelo ruim
PIXÉ — Comida mal cheirosa
PIXANA — Rede de dormir
PIXUNA — Rede de ralar mandioca
PIXIRICA — Variedade de frutas nativas
PIXIRICAUÇU — Pixirica grande
PIXOXO — Pássaro que ataca plantações
POAÇU — Tecido de fibras vegetais
POAIA — Planta medicinal da família rubiácea
POCEMA — Algazarra fedorenta
PORACÁ — Cesto grande para pescarias
PORACÉ — Dança. O mesmo que aruana
PORANDUBA — Notícia
PORÃ — Bonito. Do guarani
PORANGA — Bonito. Do dialeto nheengatu
POREOG — Pororoca. Maraçéu
POROROM — Fruta de má qualidade
POÇANGA — Remédio
POÇUCA — Pedinte
PORUCA — Peneira
POSSOCA — O mesmo que maranduva
POTABA — Presente
POTI — Fezes. Excremento. Porcaria. Camarão miúdo
POTIAÇU — Montão de porcaria
POTIARA — Apanhador de lixo
POTIGUARA — Garça que come camarão lixo
POINTÉ — Mentira
PINTERETÊ — Falsidade
POTIQUI — Cigarra do mar
PRAJÁ — Praia. Doce de ovo com mel
PREÁ — Mamífero roedor
PREJEREBA — Variedade de peixe
PUBA — Mandioca curtida na lama
PUÇÁ — Cesto para apanhar peixes
PUÇANGA — Medicamento de emergência
PUCHURI — Variedade de louro nativo
PUERA — Lamaçal
PUNGA — Ruim
PURU — Variedade de mandioca
PURUMÃ — Palmeira de fruto muito doce
PERURUCA — Massa de côco verde
PATUÁ — Palmeira ornamental
PUTUMUJU — O mesmo que araribá
PUXEIRA — Defluxo
PUXI — Irmão
PUXIOERA — Pressionado. Forçado
PUXURI — Loureiro nativo
PUXURIUBÁ — Loureiro amarelo

Q

QUACACUJÁ — Variedade de peixe de rio
QUANDU — Porco-espinho
QUAPOIA — Trepadeira silvestre
QUARAÍ — Buraquinho
QUARÓ — Planta de folhas espinhosas
QUATÃ — Macaco grande
QUATIARA — Variedade de árvores
QUATIBÓ — Castanheira do mato
QUENGA — Cuia
QUENGO — Guisado de aves com legumes
QUERÁ — Valente
QUERI — Variedade de árvores silvestres
QUIÁ — Nhambu
QUETECA — Sangüíneo
QUEÚRA — Perverso
QUIBA — Corpulento
QUIBANO — Disco de palha
QUICHAÇA — Muito escuro
QUICHALIGANGUE — Bagatela
QUIMAMA — Gergelim com farinha e açúcar
QUIMANGA — Cabeça grande
QUIMBETE — Dança
QUIMBOA — Variedade de plantas nativas
QUINCAIU — Mamífero nativo da Amazônia
QUIRIMAU — Gato do mato
QUIQUI — Felino muito felpudo. Marta.
QUIRANA — Lêndea. Cabeça suja
QUISERA — O mesmo que curuera. Sobra grossa da peneira
QUIRI — Palmeira medicinal
QUIRIRI — Silêncio da noite
QUITANDÊ — Feijão miudo e verde
QUITOCO — Variedade de plantas silvestres
QUIXÓ — Armadilha para apanhar animais

R

RANHA — Dente
RANHÉ — Outra vez
RATICUM — Plantas frutíferas silvestres e nativas
RAURA — Filho
RÉ — Fronome TU
RENDENGUE — Barriga
RENGUEAR — Claudicar da perna
ROCHINHA — Raiz alimentícia
RIAMBA — O mesmo que Diamba. Pango, Liamba Maconha
ROCÓ — Pulseira
RUBAGO — Variedade de peixe de rio
RUDÁ — O mesmo que Perudá. Deusa do Amor da mitologia tupi

S

SABACU — Ave das regiões amazônicas
SABIÁ — Pássaro canoro nativo do Brasil
SABIACI — Papagaio de bico redondo
SABITU — Vespa
SACAÍ — Içacaí. Gravetinhos

SACI — Nome de pássaro. Macaquinho. Divindade da mitologia tupi
SACATEIMA — Ambicioso
SACAUBARANA — Nome vulgar de certas plantas silvestres
SACUPEMA — Galinha do mato e muito fedorenta
SACUBARÉ — Orquídeas nativas e raras
SAEU UA — Queixo
SAGUARAGI — Árvore de madeira para construções
SAÍ — Variedade de Macacos. Ave papa-frutos
SAÍCO — Pássaro canoro nativo do Brasil
SAIMERI — Macaquinhos nativos
SAIRÁ — Cotinga-azul. Variedade de pássaros
SAJU — Variedade de macacos
SALVARANA — Árvore própria para construções
SAMANGO — Preguiçoso
SAMANGUAIA — Variedade de mcluscos
SAMBACAETÊ — Alfazema-do-mato
SAMBACUIM — Matatauba. Árvore urticácea
SAMAÚMA — Algodão
SAMBAÍBA — Variedade de plantas nativas
SAMBAQUI — Sepultura
SAMBONGO — Doce de côco verde com mel de abelhas
SAMBORÁ — Pólen das flores. Pistilo
SAMBURÁ — Cesto de lascas de bambu
SANHAAÇU — Pássaro grande que come frutas
SANHARÓ — Variedade de exu
SANTAMUCA — Correto
SAPÊ — Capim longo e duro para coberturas
SAPERÊ — Cana imprestável
SAPIRANGA — Olhos avermelhados. — Inflamação das pálpebras
SAPOAPEMA — Sapopemba, sapoapemba. Raiz à flor da terra
SAPOTI — Fruta nativa do Brasil
SAPUCAIA — Árvore frutífera e de madeira excelente
SAPUIUBÁ — Pássaro de peito amarelo
SAPUTÁ — Fruto nativo do Brasil
SAPUCAIRANA — Árvore de cheiro acre
SAQUI — Variedade de macaco
SARACURA — Variedade de ave. Nome de várias plantas
SARACURUNA — Saracura negra
SARAMBA — Festa de mestiços
SARANDA — Vadiar
SARAPÓ — Mandioca assada no braseiro
SARARACA — Lança para apanhar tartaruga
SARASSARÁ — Variedade de formiga
SARIGUÉ — Mamífero das florestas
SARU — Lago
SARUÍ — Pequenos lagos
SAUUAÇU — Macacos grandes
SAUBA — Vespa

SAUPÉ — Nome de peixe de rio
SEBIPIRAAÇU — Grandes árvores leguminosas
SEBRAIU — Variedade de árvores silvestres avermelhadas
SEQUÊ — Viver
SEREIBUNO — Mangue perigoso
SERIEMA — Ave pernalta que fede. Espécie de ema
SERUBUNA — Mangue escuro. Lama preta
SINCORÁ — Esfaimado
SINIMBU — Répteis de carne comestível
SIPIRUNA — Arbusto de madeira negra
SIPAUBA — Arbusto nativo do Brasil
SIRI — Crustáceo
SIRIEMA — Siri podre. Ave feroz que ataca os animais
SOAIA — Rabo. Cauda
SOCÓ — Ave pernalta de pescoço longo e escuro
SUAAÇU — Veado grande
SUBRAGI — Variedade de ramáceas
SUÇUAIA — Erva medicinal. Erva-colégio
SUÇUARANA — Onça vermelha nativa do Brasil
SUCUBA — Arbusto de suco medicinal. Vermífugo
SUCURI — Cobra de dez metros de comprimento
SUCURIJUBÁ — Sucuri amarela
SUÊ — Variedade de plantas silvestres
SINDARA — Coruja
SILAMBA — Vadio
SUMA — Planta medicinal
SUMAÚMA — Espécie de algodão para acolchoar
SUMUCA — Roxo
SUPI — Variedade de aves
SUPIRETÉ — Verdadeiro
SURUBI — Peixe de rio
SURUCUÁ — Variedade de aves
SURUCUCU — Víbora
SURUCUTINGA — Serpente
SURURINA — Galinha do mato
SURURUCA — Peneira de cana do brejo
SURURUCUJÁ — Flor da paixão

T

TABA — Habitação de índios
TABAARA — Senhor ou senhora da casa
TABACARANA — Variedade de poligonáceas
TABAETÊ — Casa muito forte
TABAMERI — Casa pequenina
TABAQUE — Tronco ôco. Instrumento de índios
TABATINGA — Argila gomosa. Tobatina
TABARANA — Nome de peixe. Facão
TABIBUIA — Planta de lugar úmido. Madeira para tamanco
TABOCA — Paina de canabrava
TABAIAIA — Variedade de aves
TACA — Correia de couro
TACACÁ — Caldo grosso de mandioca
TACAPE — Clava. Borduna
TACI — Itacl. Pedras grandes sobmersas

TACUARA — Flor do bambozinho do mato. Paina de taboca
TACUARÉ — Castanheiro
TACUARI — Capim gomoso
TACUITÉ — Porco selvagem
TAGUARI — fndios do rio varí
TACURU — Montes de terra
TACURUBA — Fogão improvisado com pedras
TAGATÉ — Carinho
TAGUÁ — Louças de barro
TAGUARÍ — fndios do rio Trombetas
TAGUIGATI — Queixada. Variedade de aves. Nome de plantas.
TAIAÇU — Porco-do-mato. Nome de aves
TAIOBA — Aráceas silvestres. Nascem em lugares úmidos.
TAIOCA — Formiga negra e avermelhada
TAIPOCA — Variedade de arbustos
TAIUIÁ — Planta medicinal
TAJÁ — Tinhorão
TAIUBA — Variedade de árvores
TAJABEMBA — Erva medicinal
TAMACARICA — Toldo para embarcação
TAMANDUÁ — Tacimunduá. Papa-formiga. Mamífero desdentado
TAMAQUARÉ — Árvore de óleo medicinal
TAMARANA — Arma indígena feita com pau-ferro
TAMARARÉ — Tribo de índios
TAMARU — Variedade de crustáceo
TAMATIÁ — Ave trepadora
TAMBA — Concha
TAMBAÍBA — Arbusto de madeira listada de amarelo e preto
TAMBAQUI — Variedade de peixe do Amazonas
TAMBATAJÁ — Jarro de barro. Planta silvestre
TAMBU — Bicho de pau podre
TAMIUÁ — Mosca
TUMURUPARÁ — Variedade de aves do Amazonas
TAMOIOS — fndios tupis
TANAJURA — Ave psitacídea
TANAJURA — Fêmea da saúva
TANGAPEMA — Tacape enfeitado
TANGARÁ — Ave piprídea
TANGARAAÇU — Tangará muito grande. Variedade de arbustos
TANGARAÇÁ — Planta medicinal
TANGUARI — Parte do coração. Aorta do animal
TANI — Cipó para enrolar tabaco
TANIBUCA — Fruta medicinal
TANGRÉ — Estrela
TANTANGUÊ — Brinquedo de curumins
TAPACOÁS — fndios de Golás
TAPACIRIBA — Variedade de arbustos
TAPAIUBA — Leguminosas nativas
TAPAJÓS — Tapaiós. fndios do Amazonas
TAPANHUNA — Negros
TAPARI — Variedade de peixe de rio
TAPERÁ — Andorinha branca de cabeça e asas negras
TAPEREBÁ — Cajazeiro

TAPERU — Bicheira dos animais
TAPIÁ — Urtiga
TAPICURI — Vinho de mandioca
TAPICHI — Filho encontrado no ventre do animal abatido
TAPINHOÃ — Árvore para construções
TAPIOG — Tipoig. Fécula de mandioca
TAPIR — Anta
TAPIRI — Barraca. Choça
TAPIRAPECU — Erva-grossa
TAPUIAS — índios bravics. Bugres
TAPUIRANA — Tecido de fibras vegetais
TAQUARA — Bambu grosso
TAQUARI — Bambu fino
TAQUEIRA — Abóbora chata
TAQUIRÁ — Variedade de tartaruga
TARAMÁ — Planta medicinal
TARIRA — O mesmo que traira. Peixe de rio
TARIOBA — Molusco
TARIRIQUI — Planta medicinal
TARUBA — Vinho de mandioca fermentada
TARUMA — Planta medicinal
TATÁ — Fogo
TATAIUBA — Urticácea amarela
TATAMBA — Pessoa que fala mal
TATAPIRICA — Plantas vulgares
TATU — Mamífero desdentado coberto de escamas
TATUETÉ — Tatu muito grande
TATUÍ — Pequeninos tatus praianos
TATURANA — Lagarta-de-fogo. Vespa
TAUÁ — Argila ferruginosa
TAUAAÇU — Pedra grande para servir de âncora
TAUARI — Fibras têsteis vegetais
TECUM — Fibra de palmeira
TEITÉ — Coitado
TEIPOCA — Plantas silvestres
TEIJUBÁ — Variedade de abelhinhas vermelhas
TEIRÓ — Seios femininos
TEIRU — Gaita de um só orifício
TEIÚ — Variedade de plantas silvestres
TEIUAÇU — Lagarto muito grande
TEIUCO — Cabeça-de-negro. Planta silvestre
TEMAPARA — Lagarto
TEMBÉ — Despenhadeiro
TEMBEQUARA — índios de beiço. Refúgio de lagartcs
TEMBETÁ — Objeto duro para introduzir no beiço
ITANHA — Teimosia. Alma danada
TIÃ-TIÃ — Variedade de pássaros
TIBI — Cova
TIBIARA — Coveiro
TIBIOCOERA — Cova. Cemitério
TICUMÃ — Erva tóxica para flechas
TIÉ — Variedade de pássaros
TIETÉ — Gaturamo
TIBATU — Instrumento de sopro feito com taquara
TIGUERA — Roçado

TIIU — Variedade de pássaros
TIIUCA — Tijuca. Lamaçal
TIIUPÁ — Tujupar. Local coberto para cerimônias
TIMBIRAS — Tribo de índics do Maranhão e Piauí
TIMBAÚBA — Acác'a
TIMBÓ — Planta tóxica para flechas
TIMBU — Serigueia
TIMBUÍBA — Variedade de árvores silvestres
TIMBURI — Fruta que produz espuma. Sabão vegetal
TIMUCO — Peixe-agulha
TINAMU — Variedade de galináceas
TINGÁ — Cágado
TINGARÁ — Pássaro verde com cabeça vermelha
TINGUACI — Tingoaciba. Planta medicinal
TIPI — Variedades de plantas silvestres
TIPIÓ — Aves nativas do Brasil
TIPUCA — Fim do leite que sai do úbere da fêmea
TIQUARA — Refrigerante de qualquer fruta
TIQUIRA — Aguardente de mandicca
TIRIBÁ — Periquito. Variedade de
TIRIRICA — Espéc'e de junco. Gramínea
TIRIRI — Pássaros nativos do Brasil
TITARA — Trepadeira de folhas muito largas
TITINGA — Sardas. Rosto cheio de manchas
TIÚ — Planta silvestre
TIUBÁ — Cachaça ordinária
TOBÓ — Diamante bruto
TOCAIA — Toca-í. Embcscada
TOCAIÉ — Variedade de trepadeiras
TOCANDERA — Formiga das regiões amazônicas
TOCANTIM — Índios do Pará
TOCARI — Castanha do Pará
TOLANGA — Planta medicinal
TORÉ — Gaita feita de bambu
TORÓ — Perd'z. Nhambu. Galinha selvagem
TORUMÃ — Árvore silvestre
TOTANGA — Planta nativa
TRACAIÁ — Espécie de tartaruga
TRAÍRA — Peixe de rio
TRAPOERABA — Plantas medicinais
TROCANO — Tambor de guerra
TUAIÁ — Lugar muito longe
TOCAÍRA — Lírio do brejo
TUCANABOIA — Serpente muitc grande
TUCANO — Tribo de índios. Ave de bico grosso
TUCO-TUCO — Variedade de mamíferos roedores
TUCUM — Palmácea nativa
TUCUMÃ — Variedade de palmeiras
TUCUNARÉ — Peixe do Amazonas
TUCUPI — Suco de mandicca
TUÍ — Sangue
TUI-AICA — Variedade de papagaio
TUIDARA — Papagaio noturno. Coruja
TUIM — Papagaio pequenino
TUÍRA — Pardo. Planta laxat'va
TUIUPÍ — Ave ribeirinna
TUNGA — Pulga. Bicho de pé

TUPÃ — Deus. Divindade suprema da teogonia tupi
TUPÉ — Esteira grande para sesar frutas e legumes
TUPI — Língua dos índios tupinambás
TUPI-GUARANI — Dois grandes idiomas dos índics brasileiros
TUPINAMBÁS — A maior nação de índios do Norte do Brasil
TURARI — Variedade de trepadeiras
TUPINIQUINS — Tribo de índios da Bahia
TUPIXABA — Variedade de plantas nativas
TUPITABA — Povoado dos índios tupis
TUPIXAUA — Chefe da nação Tupi
TUREBÁ — Valente
TURURÍ — Castanha
TURURIM — Nhambu pequenino
TUTIRIBÁ — Variedade de sapotáceas
TUTU — Duende. Ente imaginário para amedrontar crianças
TUBIRÁ — Peixe de rio
TUXAUA — Chefe de tribo

U

UABAONA — Variedade de árvores frutíferas
UACAPURANA — Madeira tintorial
UACAPU — Madeira muito dura para armas de guerra
UACARÍ — Acari. Variedade de peixe
UAÇAÍ — Açaí. Palmeira de frutos gostosos
UACAUÁ — Gavião. Cauã. Acauá
UACUMÃ — Palmeira nativa
UACURAU — Bacurau. Nome de ave
UAEIRA — Fruto silvestre
UAIARÁ — Fruto silvestre
UAMERÍ — Pequena flecha
UANAMBÉ — Pomba nativa de cor azulada
UARIÁ — Variedade de batata
UARIQUINA — Pimenta vermelha
UARUBÉ — Suco de mandicca
UARUREMBÓIA — Arbusto medicinal
UATAPU — Buzina de bambu para atrair peixe
UAUÁ — Vagalume
UAUÇU — Leguminosas nativas
UBÁ — Canoa feita de tronco inteiriço
UBACABA — Variedade de mirtáceas
UBAIA-MUXAMA — Fruto nativo da família mirtácea
UBATÃ — Árvore terebintácea
UBI — Palmeira nativa —
UÇÁ — Formiga do mato
OCUUBA — Miristicácea nativa do Brasil
UINARANA — Variedade de peixes de rio
UIQUÊ — Fruto silvestre do Amazonas
UIRARI — Tóxico para flechas. Curare
UIS — Flecha
UITITI — Macacos pequeninos
UJICA — Comida

UMARI — Faseolácea nativa
UMBAMBA — Nome de uma palmeira de folhagem larga
UMBABU — Malváceas nativas
UMBAÚBA — Urticária nativa do Brasil
UMIRI — Planta que produz óleo
UNAU — Preguiça. Animal do trópico
UNA — Preto. Escuro. Negro
UPUÍBA — Árvores para construções
URA — Lagarta criada nas feridas dos animais
URACÁ — Vinho de palmeiras
URAQUÍTÃ — Pedra semipreciosa da cor verde
URICANA — Variedade de palmeira
URU — Galináceas nativas
URUBÁ — Variedade de amarantáceas
URUCAIA — Veneno vegetal
URUCAI-I — Oração
URUAUARA — Caçador de onças
URUCARI — Fruto de palmeira para defumar leite de seringueira
URUCATU — Variedade de amarilidáceas
URUCU — Planta tintorial. Tempero culinário
URUCUANA — Gênero de euforbiáceas
URUBATÃ — Divindade responsável pelas guerras. Mit.
URUÇUCA — Variedade de árvores silvestres
URUMBAMBA — Variedade de palmeira
URUMUTUM — Galinha do mato
URUPÊ — Cogumelo
URUPEMA — Peneira de palha de cana
URURAU — Lagarto grande e voraz
URUBU — Espécie de abutre
URUBUQUARA — Refúgio de urubus
URUTAU — Espécie de gavião
URUTU — Cobra altamente venenosa
UTUABA — Variedade de meliáceas nativas
UTUAPOCA — Planta medicinal contra a febre
UVACUPARI — Variedade de árvores frutíferas
UVAPIRITICA — Morango silvestre
UXI — Variedade de árvores gigantescas da Amazônia
UXIÚNA — Madeira preta. Vários frutos silvestres

X

XACRIABÁ — Índios de Goiás e Minas Gerais
XARÉU — Peixe ordinário
XAVANTE — Índios de São Paulo, Goiás e Mato Grosso
XENXÉM — Variedade de ave canora nativa do Brasil
XERÉM — Milho pilado
XERIMBABO — Variedade de insetos. Gramínea de raiz aromática
XEXÉU — Planta de cheiro ruim. Ave nativa do Brasil
XIBA — Dança pulada. Batuque
XIBIO — Fragmentos de diamante
XICACA — Cesto pequeno com tampa

XIMARONA — Planta borraginácea do Brasil
XIMBAÚBA — Acácia amarela
XIMBÉ — Focinho chato
XIMBURÉ — Peixe de rio
XIMBUTE — Barrigudo
XINGAR — Zombar. Insultar
XIQUEXIQUE — Cacto. Variedade de
XIRICAÁ — Planta medicinal da flora amazonense
XIRIRICA — O mesmo que corredeira
XIRIUBEIRA — Planta convolvulácea do Brasil
XIRÓ — Caldo de arroz
XIXÃ — Árvore frutífera do Brasil
XIXI — Planta de cujo suco se faz verniz
XIXICA — Gratificação. Gorgeta
XIXIXI — Chuva fina. Garoa
XINGU — Grande rio afluente do Amazonas
XOCRÉNS — Índios do Paraná e Santa Catarina
XUCRO — Animal bravio
XUÉ — Sapo muito grande
XUPÉ — Variedade de abelha negra. Exu
XURI — Avestruz nativo do Brasil
XURU — Árvore lectidácea nativa do Brasil
XUXU — Cucurbitáceo nativo do Brasil

Z

ZABELÊ — Ave noturna de canto melodioso
ZAMBETA — Cambaio
XIMARRÃO — Mate sem açúcar
ZAMBO — Mestiço de negro com índia
ZAMBOA — Cidra nativa do Brasil. Estúpido. Parvo
ZANGA — Pulga. O mesmo que nígua
ZANIZO — Planta medicinal
ZANZO — Malvácea nativa do Brasil
ZINCA — Vara comprida usada por canoeiros
ZONZO — Tonto. Pessoa com tonturas
ZORÔ — Camarão ou peixe com quiabo e azeite dendê
ZUCHE — Serpente
ZUNGU — Cortiço

ÍNDICE

	Pág.
Dedicatória	5
Apresentação	7
Preâmbulo	9
Simbologia dos Exus	18
As engiras dos Exus	23
O pahandê dos Exus	32
As falanges dos Exus	37
As bebidas dos Exus	43
O fumeiro dos Exus	47
Educação mediúnica	52
Fanatismo pelos Exus	63
O Eledá	68
Superstição	73
Orumilá	77
O de-ka	81
O darrum	86
Étimologia	91
Mão-de-Ofá	100
O embanda	105
O endá	110
O odé dos Exus	113
Mironga	118
Magia negra	125
O ixê dos Abacês	129
Mão-dt-faca	133
Curimbas de Exu	137
Vocabulário Afro	149
Vocabulário Nheengatu	163

O SECULAR
LIVRO
DA
BRUXA

O LIVRO NEGRO DE CIPRIANO
O livro
negro
de
CIPRIANO

O
antigo
livro do
feiticeiro

O LIVRO NEGRO DE CIPRIANO
SEGUNDO
GUERREIRO